

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS  
CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

ANA HELENA RUFO FIAMENGUI

A MARCAÇÃO DE PLURALIDADE NO SN NA FALA E NA ESCRITA DE  
ADOLESCENTES DA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

São José do Rio Preto – SP  
2011

ANA HELENA RUFO FIAMENGUI

A MARCAÇÃO DE PLURALIDADE NO SN NA FALA E NA ESCRITA DE  
ADOLESCENTES DA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, área de Análise Linguística, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

São José do Rio Preto  
2011

Fiamengui, Ana Helena Rufo.

A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto / Ana Helena Rufo Fiamengui. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2011.

143 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Roberto Gomes Camacho  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Gramática funcional. 3. Língua portuguesa – Português falado - Sintaxe. I. Camacho, Roberto Gomes. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'367

## **BANCA EXAMINADORA**

### **MEMBROS TITULARES**

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho – orientador  
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Gisele Cássia de Sousa  
UNESP – São José do Rio Preto

Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues  
USP – São Paulo

### **MEMBROS SUPLENTES**

Profa. Dra. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattner  
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes  
USP – São Paulo

São José do Rio Preto, 25 de março de 2011

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta vitória primeiramente a Deus que me deu o dom da vida e forças para terminar este trabalho.*

*Aos meus pais, José Eduardo e Elizabeth, pelo amor, dedicação, carinho, apoio e orações nos longos momentos difíceis desta empreitada.*

*Ao meu irmão, Júnior, pelo carinho, ânimo e compreensão.*

*A todos os meus familiares, principalmente meus avós Ana e Antonio e Helena e Natal, que sempre me devotaram muito amor, carinho e admiração.*

*À minha amiga-irmã de caminhada, Mircia, pelas orientações e direções precisas e amigas.*

*Aos demais amigos de mestrado, principalmente a Carla, a Tatiana, a Juliana e o Michel, pelo companheirismo e pela amizade.*

*Às sempre amigas Natália Repizo, Aline, Micheli, Marieli, Izabela, Natalia Ciceri, Poliana pelo grande incentivo, mesmo à distância.*

*Aos meus chefes, Cel Pedro e Cel Martins, pelo apoio e incentivo, principalmente nas etapas finais do longo caminho.*

*Aos meus colegas de trabalho, principalmente a Kirsch e a Giseli, que me ampararam e me deram forças em muitas situações adversas.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço de maneira muito especial ao meu orientador, Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, pela convivência construtiva desde a graduação. Agradeço pela paciência, pela superação difícil das distâncias e obstáculos impostos pelo meu trabalho e pela enorme vontade de ensinar. Agradeço também por ter despertado em mim uma curiosidade enorme sobre os fatos sociolinguísticos, o que me fez ser alguém muito melhor, tanto pessoal quanto profissionalmente.*

*À Professora Dra. Luciani Ester Tenani, por ter me oferecido o *córpus* de escrita para estudo quando as opções pareciam difíceis. Agradeço também pela grande disposição em me ajudar em todos os momentos.*

*Aos Professores José Horta Nunes, Erotilde Goreti Pezatti e Marize M. Dall-Aglio Hattnher, pelos inúmeros conhecimentos transmitidos nesta etapa de minha vida.*

*Às Professoras Anna Flora Brunelli e Sandra Denise Gasparini Bastos, pelo incentivo, amizade e exemplo, principalmente no primeiro ano desta jornada.*

*À Professora Dra. Cláudia Brescancini (PUC-RS), pela ajuda e resposta rápida de minhas dúvidas em relação ao pacote estatístico Goldvarb. Sua ajuda foi fundamental para alcançar os objetivos deste trabalho.*

*A todos os professores do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Departamento de Letras Modernas, que contribuíram para minha formação, tanto na graduação quanto no mestrado.*

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. **A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto**. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

## RESUMO

A sílaba átona em final de palavra é a posição mais sujeita à perda de segmentos consonantais no Português do Brasil, afetando tanto palavras monomorfêmicas quanto bimorfêmicas. No caso das últimas, essa perda ocasiona a não-concordância entre todos os elementos do sintagma nominal, contrariando, assim, as normas prescritas pela gramática. Ainda que fatores fonéticos de natureza articulatória contribuam para a perda de marcas explícitas de pluralidade, a queda dessas marcas está certamente sujeita a outros fatores internos ao sistema e também externos (fatores sociais e situacionais). A esse respeito, já foi documentado (SCHERRE, 1988; SCHERRE e NARO, 1993, 1998), principalmente em relação à oralidade, que a marcação de pluralidade no sintagma nominal representa uma regra variável em diversos dialetos do território nacional. A partir disso, o presente estudo submete dados de marcação variável de plural no sintagma nominal a um tratamento variacionista, de base quantitativa. Os dados de análise foram obtidos a partir de subamostras de dois corpuses, um representativo de língua escrita e um representativo de língua falada, compostos por informantes de idades e níveis de escolaridade equivalentes, coletados na região de São José do Rio Preto. O trabalho procura examinar se as modalidades escrita e falada apontam para comportamentos diversos em relação à marcação de pluralidade e se os fatores linguísticos e sociais que a condicionam são distintos para cada uma delas. A análise geral dos resultados mostra que os fatores extralinguísticos “modalidade”, “gênero” e “idade” são selecionados para as duas perspectivas – atomística e não-atomística e para ambas as modalidades – fala e escrita. Já o fator linguístico “posição linear e classe gramatical” é relevante, na perspectiva atomística, para ambas as modalidades. A escrita também selecionou “escolaridade” e “formalidade dos substantivos e adjetivos”, enquanto a fala selecionou “número de sílabas do item lexical singular” e “marcas precedentes ao elemento analisado”. Na perspectiva não-atomística, a variável “pluralidade do contexto” foi selecionada para as duas modalidades; “coesão sintagmática” e “escolaridade” foram selecionadas apenas para a escrita e “formalidade do SN”, apenas para a fala.

**Palavras-chave:** concordância nominal, sintagma nominal, variação de pluralidade, modalidade oral, modalidade escrita.

FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. **NP plurality marking in adolescent's writting and talk in the area of São José do Rio Preto**. 2011. 143f. Thesis (Master degree in Linguistics studies) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

### ABSTRACT

Weak syllable at the end of word is the most susceptible position to consonantal segment loss in Brazilian Portuguese. This loss affects monomorphemic and bimorphemic words. In the case of the last ones, this loss causes the non-agreement among the noun phrase constituents, opposing normative grammar rule. Although phonetic factors of articulatory nature contribute to the loss of explicit marks, this loss is certainly subject to other linguistic and extralinguistic factors (social and situational factors). About this, it was documented (SCHERRE, 1888; SCHERRE e NARO 1993, 1998), mainly to the orality, that plurality marking in noun phrase represents a variable rule in different dialects of the national territory. Start from this variability, this research employs a variationist and quantitative method to analyse noun phrase data taken from two corpora collected in the area of São José do Rio Preto. The sample of these corpora employed comprehends informants with the same age and education level. This work aims to investigate if the writing and oral modalities point to different behaviors in relation to plurality marking, and if linguistic and social factors that regulate the variation are diverse for each one of the modalities. The general analysis shows that extra-linguistic factors "modality", "gender" and "age" are selected to both atomic and nonatomic perspectives and to both modalities. The linguistic factor "linear position and grammatical class" is relevant in atomic perspective for the two modalities. The writting also selected "education level" and "noun and adjective formality", and the talk selected "syllable number of singular lexical item" and "analysed constituent precedent marks". In nonatomic perspective, "plurality context" was selected to the two modalities; "syntagmatic cohesion" and "education level" were selected only to writing and "NP formality" was selected only to talk.

**Keywords:** nominal agreement, noun phrase, plural variation, oral modality, written modality.



## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 1: Número de propostas de redação da 5ª série analisadas .....  | 59  |
| Tabela 2: Número de propostas de redação da 6ª série analisadas .....  | 59  |
| Tabela 3: Número de propostas de redação da 7ª série analisadas .....  | 59  |
| Tabela 4: Número de propostas de redação da 8ª série analisadas .....  | 59  |
| Tabela 5: Número total de propostas de redação analisadas .....  | 59  |
| Tabela 6: Número de ocorrências e percentual de aplicação e não-aplicação na perspectiva atomística.....   | 82  |
| Tabela 7: Relação entre <i>modalidade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística.....   | 83  |
| Tabela 8: Relação entre <i>posição linear e classe gramatical</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita .....                     | 87  |
| Tabela 9: Relação entre <i>posição linear e classe gramatical</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....                         | 87  |
| Tabela 10: Relação entre <i>gênero</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita .....                      | 93  |
| Tabela 11: Relação entre <i>gênero</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala .....                         | 94  |
| Tabela 12: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita .....                       | 95  |
| Tabela 13: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala .....                          | 95  |
| Tabela 14: Relação entre <i>escolaridade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita.....                 | 99  |
| Tabela 15: Cruzamento das variáveis <i>idade X escolaridade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística.....                   | 100 |
| Tabela 16: Relação entre <i>formalidade dos substantivos e adjetivos</i> e marcação explícita de pluralidade .....                                   | 101 |
| Tabela 17: Relação entre <i>número de sílabas do item lexical singular</i> e marcação explícita de pluralidade .....                                 | 104 |
| Tabela 18: Cruzamento de <i>posição linear e classe gramatical X número de sílabas do item lexical singular</i> e marcação de pluralidade .....      | 106 |
| Tabela 19: Relação entre <i>marcas precedentes ao elemento analisado</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....                  | 108 |
| Tabela 20: Número de ocorrências analisadas na perspectiva não-atomística e percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade ..... | 111 |
| Tabela 21: Relação entre <i>modalidade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística.....                                    | 112 |

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 22: Relação entre <i>pluralidade do contexto</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....                           | 116 |
| Tabela 23: Relação entre <i>pluralidade do contexto</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....                              | 116 |
| Tabela 24: Relação entre <i>gênero</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de escrita.....              | 118 |
| Tabela 25: Relação entre <i>gênero</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de fala.....                 | 118 |
| Tabela 26: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de escrita.....               | 120 |
| Tabela 27: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de fala.....                  | 120 |
| Tabela 28: Relação entre <i>coesão sintagmática do SN</i> e marcação explícita de pluralidade na análise não-atômística.....                    | 123 |
| Tabela 29: Relação entre <i>escolaridade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de escrita.....        | 124 |
| Tabela 30: Cruzamento das variáveis <i>idade X escolaridade</i> e marcação explícita de pluralidade.....  | 126 |
| Tabela 31: Relação entre <i>formalidade do SN</i> e marcação explícita de pluralidade.....  | 127 |
| Tabela 32: Relação entre <i>processos morfofonológicos da formação de plural</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....  | 133 |
| Tabela 33: Relação entre <i>processos morfofonológicos da formação de plural</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....     | 133 |
| Tabela 34: Relação entre <i>tonicidade do item lexical singular</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....               | 133 |
| Tabela 35: Relação entre <i>tonicidade do item lexical singular</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....                  | 133 |
| Tabela 36: Relação entre <i>contexto fonético/fonológico seguinte</i> e a marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....           | 134 |
| Tabela 37: Relação entre <i>contexto fonético/fonológico seguinte</i> e a marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....              | 134 |
| Tabela 38: Relação entre <i>número de sílabas do item lexical singular</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....        | 134 |
| Tabela 39: Relação entre <i>marcas precedentes ao elemento analisado</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....          | 134 |
| Tabela 40: Relação entre <i>proposta de redação</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atômística dos dados de escrita.....     | 135 |
| Tabela 41: Relação entre <i>formalidade dos substantivos e adjetivos</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....             | 135 |
| Tabela 42: Relação entre <i>localização do SN em relação ao verbo ou à oração</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita..... | 136 |

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 43: Relação entre <i>localização do SN em relação ao verbo ou à oração</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala .....    | 136 |
| Tabela 44: Relação entre <i>formalidade do SN</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita.....                                  | 136 |
| Tabela 45: Relação entre <i>proposta de redação</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita ..... | 136 |
| Tabela 46: Relação entre <i>coesão sintagmática do SN</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala .....                            | 136 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |     |
|---|-----|
| Gráfico 1: Percentual geral de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva atomística.....                      | 82  |
| Gráfico 2: Relação entre <i>modalidade</i> e marcação de pluralidade na perspectiva atomística..  | 83  |
| Gráfico 3: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados de escrita na perspectiva atomística .....      | 84  |
| Gráfico 4: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados de fala na perspectiva atomística.....          | 85  |
| Gráfico 5: Relação entre <i>posição linear e classe gramatical</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita .....       | 92  |
| Gráfico 6: Relação entre <i>posição linear e classe gramatical</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....           | 92  |
| Gráfico 7: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita .....          | 96  |
| Gráfico 8: Relação entre <i>idade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala .....             | 96  |
| Gráfico 9: Relação entre <i>escolaridade</i> e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita.....    | 99  |
| Gráfico 10: Relação entre <i>número de sílabas do item lexical singular</i> e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala.....  | 105 |
| Gráfico 11: Percentual geral de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados da perspectiva não-atomística .....      | 111 |
| Gráfico 12: Relação entre <i>modalidade</i> e marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística.....                                | 112 |
| Gráfico 13: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita ..... | 113 |
| Gráfico 14: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de fala.....     | 114 |
| Gráfico 15: Relação entre <i>pluralidade do contexto</i> e marcação de pluralidade nos dados de escrita.....                            | 116 |
| Gráfico 16: Relação entre <i>pluralidade do contexto</i> e marcação de pluralidade nos dados de fala .....                              | 117 |

Gráfico 17: Relação entre *idade* e marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita..... 120

Gráfico 18: Relação entre *idade* e marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de fala ..... 121

Gráfico 19: Relação entre *escolaridade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita..... 124

## LISTA DE QUADROS, FIGURAS E ABREVIATURAS

### QUADROS

|  |     |
|--|-----|
| Quadro 1: Escala de saliência fônica proposta por Scherre (1988).....                                  | 31  |
| Quadro 2: Variáveis controladas na constituição da Amostra Censo do Banco de Dados Iboruna.....        | 53  |
| Quadro 3: Classificação das propostas de textos quanto à tipologia e ao gênero (TENANI, 2009).....     | 57  |
| Quadro 4: Perfil social dos informantes analisados do corpus Iboruna .....                             | 60  |
| Quadro 5: Variáveis selecionadas para as modalidades escrita e oral na perspectiva atomística .....    | 86  |
| Quadro 6: Variáveis selecionadas para as modalidades escrita e oral na perspectiva não-atomística..... | 114 |

### FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Abrangência do Projeto ALIP (GONÇALVES; TENANI, 2008)..... | 51 |
|--|----|

### ABREVIATURAS

AC - Amostra Censo ou Comunidade  
 AI - Amostra Interação  
 ALIP - Amostra Linguística do Interior Paulista  
 CN - Concordância Nominal  
 CV - Concordância Verbal  
 NURC - Norma Linguística Urbana Culta  
 PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua  
 PR - Peso Relativo  
 SN - Sintagma Nominal  
 SPrep – Sintagma Preposicional  
 SV - Sintagma Verbal  
 VALP - Variação Linguística do Estado da Paraíba  
 VARSUL - Variação Linguística Urbana do Sul do país

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO.....  | 16  |
| 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....   | 22  |
| 1.1 A Teoria da Variação e Mudança .....   | 22  |
| 1.2 A literatura sobre marcação de pluralidade .....   | 26  |
| 1.2.1 A marcação de pluralidade na língua falada.....  | 26  |
| 1.2.2 A marcação de pluralidade na língua escrita.....   | 39  |
| 1.3 O problema da norma e o preconceito lingüístico.....   | 45  |
| 2. UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....  | 49  |
| 2.1 Caracterização histórico-social de São José do Rio Preto.....  | 49  |
| 2.2 O projeto ALIP e o Banco de Dados Iboruna.....   | 52  |
| 2.3 O projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental ..... | 55  |
| 2.4 Composição da subamostra .....   | 58  |
| 2.4.1 Da seleção das ocorrências .....   | 61  |
| 2.4.2 Da definição da variável dependente.....   | 64  |
| 2.5 As variáveis lingüísticas .....  | 66  |
| 2.5.1 Análise atomística.....  | 66  |
| 2.5.2 Análise não-atomística .....   | 74  |
| 2.6 As variáveis extralingüísticas .....   | 77  |
| 2.7 Da quantificação e análise dos dados .....   | 79  |
| 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS .....  | 81  |
| 3.1 Análise atomística .....   | 81  |
| 3.1.1 Análise dos grupos de fatores selecionados para as duas modalidades.....                                       | 86  |
| 3.1.1.1 Posição linear e classe gramatical .....   | 86  |
| 3.1.1.2 Gênero do informante .....   | 93  |
| 3.1.1.3 Idade do informante.....   | 95  |
| 3.1.2 Análise dos grupos de fatores selecionados para uma das modalidades .....                                      | 99  |
| 3.1.2.1 Modalidade escrita.....  | 99  |
| 3.1.2.2 Modalidade oral .....  | 104 |
| 3.2 Análise não-atomística .....   | 110 |
| 3.2.1 Análise dos grupos de fatores selecionados para as duas modalidades.....                                       | 115 |
| 3.2.1.1 Pluralidade do contexto .....  | 115 |
| 3.2.1.2 Gênero do informante.....  | 118 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.2.1.3 Idade do informante.....   | 119 |
| 3.2.2 Análise dos grupos de fatores selecionados para uma das modalidades .....        | 123 |
| 3.2.2.1 Modalidade escrita.....  | 121 |
| 3.2.2.2 Modalidade oral .....  | 127 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 129 |
| ANEXO A – Resultados de variáveis não selecionadas na perspectiva atomística .....     | 133 |
| ANEXO B – Resultados de variáveis não selecionadas na perspectiva não-atomística ..... | 136 |
| REFERÊNCIAS .....  | 137 |



## INTRODUÇÃO

A Gramática Normativa preocupa-se em prescrever o uso correto para a língua, defendendo que todos os elementos do SN, assim como o verbo e o sintagma predicativo (se houver), devem concordar em gênero e número com o constituinte nuclear do SN sujeito. Não lhe importa observar se essa regra é categórica ou variável. O que se sabe, na realidade, é que toda regra de concordância é variável no uso. A eliminação sistemática e regular de marcas explícitas de plural em constituintes nominais em razão de processos fonológicos de supressão de segmentos consonantais resulta na ausência de concordância de número, situação em que é marcada como não-padrão, e, muitas vezes, socialmente estigmatizada.

Cabe, por isso, a uma pesquisa sociolinguística, investigar em que condições uma regra variável como a da CN é ou não empregada, que fatores favorecem ou desfavorecem a marcação explícita de plural, se esse processo é influenciado ou não por fatores de ordem interna ou externa e, por fim, se a perda de marcas formais de plural interfere funcionalmente no processo comunicação, ao produzir algum tipo de ambiguidade referencial.

Nesse sentido, já foi amplamente documentado (BISOL, 1996; PAIVA, 1996; CALLOU, MORAES, LEITE, 1998) que a sílaba átona em final de palavra é a posição mais sujeita à perda de segmentos consonantais no Português do Brasil e, quando o SN aparece semanticamente no plural, é a perda de fricativas em posição de final de sílaba que ocasiona a não-concordância entre os constituintes do SN. Ainda que fatores fonéticos de natureza articulatória contribuam para a perda de marcas explícitas de pluralidade, a queda dessas marcas está certamente sujeita a outros fatores de natureza interna ao sistema linguístico e também externa (fatores sociais e situacionais).

Muitas análises sociolinguísticas (SCHERRE, 1988, 1991, 1994, 1996a, 1996b, 1998, 2005; SCHERRE e NARO, 1993, 1997, 1998, 2006) já demonstraram que indivíduos de

origem urbana ou rural de diversos dialetos tendem a usar a marcação de pluralidade em desconformidade com as regras normativas, já que a regra prescrita é redundante, marcando todos os elementos do SN, SV e predicativo, se houver. Entretanto, a escrita parece ser mais conservadora que a fala, e ainda não se equacionou devidamente que fatores condicionam a possível variação nessa modalidade, especialmente o uso da forma não-padrão.

Esta pesquisa pretende, assim, submeter a um tratamento variacionista, de base quantitativa, dados de marcação variável de plural no SN ocorrentes em textos, das modalidades oral e escrita, produzidos por adolescentes da região de São José do Rio Preto.

Em estudo anterior, a influência dos fatores formais no uso da marcação de pluralidade no SN ficou claramente demonstrada em análise dos dados de informantes com idades e escolaridades diversas do *cópus* Iboruna (FIAMENGUI, 2007), representativo do português falado no noroeste paulista, confirmando em geral os resultados pioneiros de Scherre (1988), sobre o dialeto carioca. Entretanto, é necessário verificar se o peso desses fatores se mantém, no mesmo dialeto, considerando agora a modalidade escrita da linguagem.

O objetivo geral deste estudo é examinar de que forma a marcação de plural é influenciada pelas diferentes modalidades e, principalmente, se os fatores que condicionam o uso de marcação de pluralidade são diferentes para elas. A análise de *cópus* da modalidade escrita permitirá, ainda, identificar se a CN é adquirida ao longo de um ano escolar pelos mesmos indivíduos e também entre a progressão abordada, a saber, entre 5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental.

Sobre isso, Labov (1974) afirma que os valores normativos são adquiridos gradualmente e num processo diretamente proporcional ao aumento de maturidade, que mostra conformidade com o padrão adulto, de prestígio. A partir dos dados de informantes entre 10 e 15 anos, será possível observar a transição entre a segunda e terceira fases propostas, a saber: o *vernáculo* e a *percepção social*, que ocorre por volta dos 14 anos. Assim,

o estudo permitirá evidenciar possíveis mudanças de comportamento em relação aos usos linguísticos de indivíduos que ingressam nesse novo estágio de aquisição, fase em que começam a responder ao teste de reação subjetiva.

O estudo pretende, então, contribuir para um conhecimento maior das diferenças entre língua falada e escrita, com relevância arraigada na necessidade de os professores observarem “melhor a importância da língua falada para a aquisição da língua escrita, principalmente porque, na fase da alfabetização, a fala exerce influência sobre a escrita” (PARISOTTO, 1999, p.29).

No mesmo sentido, Marcuschi (2001) tem assinalado haver motivo para lidar com a oralidade no ensino, visto que a criança já domina a gramática da língua quando chega à escola. Lidar com o vernáculo dos alunos abre espaço para discutir, por exemplo, as noções de preconceito, variação, registro e estilos.

Além disso, o estudo que aqui se desenvolve se torna relevante na medida em que se debruça sobre uma variedade do português ainda pouco conhecida, o português falado e escrito da região noroeste do estado de São Paulo. Contribui, assim, para fornecer um maior conhecimento dele e, em consequência, favorecer uma tomada de consciência de sua realidade, tanto por parte de linguistas, como por parte dos professores e dos próprios falantes.

Dentre os estudos variacionistas sobre concordância nominal, destacam-se, a partir do trabalho pioneiro de Poplack (1980) sobre o espanhol americano, os estudos de Scherre (1988, 1991, 1994, 1996a, 1996b, 1998, 2005) e os de Scherre e Naro (1993, 1997, 1998, 2006), todos sobre o dialeto carioca. Sobre a concordância nominal na modalidade escrita, há que se destacar os trabalhos de Mollica (2003) sobre a variedade carioca, Parisotto (1999) sobre a variedade prudentina e Casemiro (1995) sobre a variedade paranaense.

Como se nota, já há muitas pesquisas sobre a concordância, fundamentadas em diversos dialetos. Falta, entretanto, pesquisar mais profundamente a variação da concordância

nominal na escrita de escolares, afirmada por gramáticos prescritivistas como não passível de variação. Resta saber, entretanto, se os fatores que favorecem/desfavorecem a variação na fala são os mesmos que o fazem na escrita para prover aos educadores um conhecimento que permita propor um ensino de CN mais preocupado com a realidade linguística de seus alunos e, conseqüentemente, mais eficaz. Buscamos, portanto, além de contribuir para um mapeamento mais abrangente das variedades faladas no país, proporcionar uma visão cuidadosa sobre a variação na marcação de pluralidade na modalidade escrita da língua, em comparação à variação na modalidade oral.

As amostras que constituem o universo de pesquisa do trabalho representam as variedades escrita e oral do noroeste paulista, nucleada em torno de São José do Rio Preto. A subamostra de língua escrita é composta de redações obtidas a partir do projeto “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental”, desenvolvido em uma escola pública de São José do Rio Preto. Os dados de fala analisados, por sua vez, são parte do córpus Iboruna, constituído no âmbito do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), sediado na mesma cidade e estendido a seis cidades circunvizinhas. Os córpus se destacam por sua contemporaneidade, já que foram coletados a partir de 2004. Como não havia, até então, córpus que representassem a fala e a escrita da região, há poucos estudos debruçados sobre essa variedade do português.

Esta análise se pauta pelo modelo da Sociolinguística Quantitativa, tal como elaborado por Labov (1972), e os fatores linguísticos utilizados são baseados principalmente em Scherre (1988). A escolha das variáveis linguísticas formais, representadas principalmente pelo paralelismo formal e saliência fônica, se deve ao fato de que, em análise anterior (FIAMENGUI, 2007), eles se mostraram relevantes para explicar os dados de marcação de pluralidade no SN no córpus Iboruna. Por estar fundamentado em princípios formais, o estudo adota duas perspectivas: perspectiva atomística, que trata de cada constituinte do SN

separadamente e perspectiva não-atomística, que se ocupa do SN inteiro, considerado como um todo.

Dado que o fenômeno focado neste trabalho é a marcação de pluralidade no SN, trabalhamos com qualquer SN que seja composto de dois ou mais de dois constituintes, independentemente de sua função sintática na oração. Vejam-se os exemplos, primeiramente de um SN com todas as marcas formais de plural (1) e, em seguida, de um SN que não segue os padrões normativos (2).

(1) *Juvêncio fugiu cavalcando **pelas estradas**<sup>1</sup> de terra. (YMF, 5B, P1)<sup>2</sup>*

(2) *Eu quero andar de avião comer **essas comida chique** que os ricos comem (FIS, 6C, P6)*

Diante desses objetivos, organizamos este trabalho em quatro seções. A seção I desenvolve os pressupostos teóricos tomados como base para a realização desta pesquisa, tais como a Teoria da Variação e Mudança Linguística, e os estudos sobre a marcação de pluralidade no SN em dados de fala e em dados de escrita.

A seção II trata dos procedimentos metodológicos. Caracterizamos histórica e socialmente a cidade de São José do Rio Preto para, então, caracterizar os dois corpúsculos de análise utilizados: as redações do projeto “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental” e as gravações do Banco de Dados Iboruna. Em seguida, relatamos como foi composta a subamostra analisada. A seção se destina, a seguir, à apresentação dos fatores de análise, das hipóteses a eles relacionadas e dos procedimentos adotados para a quantificação dos dados.

---

<sup>1</sup> Trabalhamos em nossa análise também com SPs que contêm SNs no plural com duas ou mais palavras.

<sup>2</sup> As abreviações após os exemplos advindos do corpúsculo de escrita se organizam da seguinte forma: o primeiro grupo de letras referem-se à identificação do informante, logo após se encontra a série e, por fim, o número da proposta de redação.

A seção III discorre sobre os resultados obtidos a partir da submissão dos dados ao pacote estatístico *Goldvarb X* (TAGLIAMONTE *et. al.* 2001). Primeiramente, tratamos dos fatores relevantes para as modalidades escrita e oral na análise sob a perspectiva atomística para, depois, apresentar os fatores selecionados apenas para os dados de escrita ou apenas para os dados de fala. Na segunda parte, analisamos os fatores selecionados em ambas as rodadas de processamento para a perspectiva não-atomística e, novamente, apresentamos as variáveis relevantes para cada uma das modalidades.

A seção IV traz, por fim, um balanço dos fatores internos e externos mais relevantes na análise como um todo, apontando os achados mais importantes desta pesquisa.

Após expor a organização geral do trabalho, passemos, pois, aos fundamentos teóricos que norteiam esta pesquisa.

## **1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Esta seção está dividida em três subseções. A primeira aborda a Sociolinguística Variacionista, a segunda revisa estudos importantes sobre a concordância nominal na fala e na escrita de regiões diversas e a terceira, por fim, aborda alguns aspectos relativos à questão da norma e ao preconceito linguístico.

### **1.1 A Teoria da Variação e Mudança**

Saussure, em seu Curso de Linguística Geral ([1916] 2000), foi o primeiro linguista a reconhecer que a língua é um fato social. Apesar disso, ele a desconsiderou como objeto de estudo pela impossibilidade de analisar algo caótico e desordenado, como a definia. Elegeu, então, para estudo a língua em sentido abstrato, homogênea e ideal, cujas representações estão presentes na mente de todos os falantes. Como se sabe, essa posição, que perdurou por muito tempo entre os linguistas, deslocou a língua em uso para fora dos estudos linguísticos.

Saussure herdou essa concepção de língua da teoria dos neogramáticos. Desses, Hermann Paul parece ter sido o primeiro a isolar a língua do indivíduo, considerando-a como legítimo objeto de estudo, o que foi agravado, segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), por Saussure, na medida em que a homogeneidade foi considerada pré-requisito para seu estudo.

Como apontado por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), embora a linguística descritiva americana, a partir da década de 20, apresentasse interesse pela diversidade linguística dentro de uma comunidade de fala, não se aplicou esforço algum em descobrir o caráter sistemático dessa heterogeneidade.

Chomsky, apesar de dirigir seus estudos a outro foco – a busca dos universais linguísticos – toma novamente como objeto de estudo um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala homogênea, ou seja, continua a negar como objeto a diversidade que,

como defende, é teoricamente irrelevante. Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) criticam Chomsky, ainda, ao dizer que “os universais, especialmente os projetados por Chomsky, são tão amplos que é improvável que encontremos casos de línguas em mutação que se aproximem de uma possível ‘violação’” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.75).

Os pesquisadores do Círculo de Praga reconheceram a variação linguística e fizeram críticas, nesse sentido, aos modelos empregados anteriormente. Mathesius (1911, *apud* WEINREICH, LABOV, HERZOG [1968] 2006) chama a variação sincrônica de “potencialidade”, apesar de não obter êxito em descrever sistematicamente essa potencialidade.

Foi nesse contexto que, a partir da década de 1960, a variação linguística começou a se tornar foco de pesquisas linguísticas, inaugurando o que posteriormente se chamou de Sociolinguística Variacionista. A solução encontrada para lidar com o “caos linguístico” da fala, defendido até então, foi desvincular a noção de estruturalidade da de homogeneidade (Weinreich, Labov e Herzog, [1968] 2006). Isto é, a língua, apesar de sua variação, não se constitui em um objeto caótico, não-estruturado. Pelo contrário, a variação está sujeita a pressões internas emanadas do próprio sistema linguístico e a pressões externas, emanadas do contexto social em larga escala.

Segundo os autores

(...) encontramos razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que os desvios de um sistema homogêneo não são todos eles erros aleatórios de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.60)



Já o termo “sociolinguística” foi empregado pela primeira vez por William Bright em 1964. Para o autor essa vertente dos estudos deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974, p.34)

A sociolinguística passa, então, a estudar a língua em seu uso real, entendendo que a variação é inerente a qualquer manifestação linguística e passível de ser analisada e sistematizada em sua heterogeneidade estruturada. O objetivo de Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) é de “um novo modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.34).

Assim, afirmam os autores que formas distintas coexistem dentro de uma mesma língua e são conhecidas como “estilos”, “gírias”, “jargões” ou então “níveis culturais” ou “variedades funcionais” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006, p.97). É necessário, pois, a partir do reconhecimento da existência de formas alternativas, que uma análise linguística proporcione descrição rigorosa das condições que governam a alternância, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas.

Partindo do princípio de que um estudo sociolinguístico deve preocupar-se em observar, além do encaixamento na estrutura linguística, o encaixamento da variação na estrutura social, o estudo do idioleto dá lugar ao estudo do dialeto, já que agora os estudos se baseiam em dados da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social (cf. ALKMIN, 2001). Ainda segundo Alkmin (2001), a variação, para a sociolinguística, não é vista como um problema, mas como propriedade constitutiva do fenômeno linguístico.

Com relação ao encaixamento da variação na estrutura social, visamos a observar, neste estudo, a possível correlação dos estágios de aquisição do inglês *standard*, propostos por Labov (1974), com a aquisição da regra de CN em uma faixa etária específica (entre 10 a

15 anos). O autor, após inúmeras pesquisas sobre aquisição de traços fonológicos considerados pertencentes à *norma culta* da língua, postula seis estágios de aquisição: a *gramática básica*, o *vernáculo*, a *percepção social*, a *variação estilística*, o *standard consistente* e a *totalidade da amplitude*.

Na primeira, a criança é capaz de comunicar necessidades e experiências básicas aos pais; na segunda, que ocorre na pré-adolescência, aprende o uso do dialeto local influenciado pelo grupo de amigos; na terceira, que se inicia a partir de 14 ou 15 anos, há uma aproximação com o mundo adulto. É justamente a partir desse estágio que a criança começa a apresentar reação subjetiva a fenômenos de linguagem com padrões semelhantes aos dos adultos, tornando possível sua exposição a novas formas de fala, situação na qual podemos, no caso deste estudo, encontrar indícios de novo comportamento em relação ao uso de CN. Na *variação estilística*, é capaz de, até um certo grau, modificar a fala para situações formais ou casuais; no *standard consistente*, desenvolve a habilidade de alterar seu estilo de fala e mantê-lo com razoável consistência; já no último estágio, a *totalidade da amplitude*, alguns falantes atingem uma ampla gama de estilos, apropriados para situações diversas (LABOV, 1974, p.66-67).

A possível alteração no comportamento de indivíduos entre os segundo e terceiro estágios desse processo pode revelar traços importantes de reação positiva ou negativa à norma de prestígio, ensinada pela escola, tanto na fala, em um estilo mais informal, quanto na escrita, mais formal por terem suas amostras se desenvolvido a partir de um tema proposto em contexto escolar. Passemos, então, à seção 1.2, que apresenta mais informações sobre o modelo sociolinguístico, trabalhando especificamente com dados de marcação de pluralidade.

## 1.2 A literatura sobre marcação de pluralidade

Dividimos esta subseção em duas partes: a primeira trata de estudos variacionistas fundamentados em dados de fala e a segunda aborda estudos sobre CN baseados em dados de escrita.

### 1.2.1 A marcação de pluralidade na língua falada

Sabe-se que sílaba átona em final de palavra é a posição mais sujeita à perda de segmentos consonantais no Português do Brasil (BISOL, 1996; PAIVA, 1996; CALLOU, MORAES, LEITE, 1998), o que pode afetar tanto palavras monomorfêmicas (*lápiz*) quanto bimorfêmicas (*os garotos*). No caso das últimas, tal perda pode ser ocasionada pela redundância presente em SNs que seguem os padrões gramaticais, os quais designam que todos os elementos de um SN devem concordar entre si, ou seja, caso o elemento nuclear apresente marca formal de plural, todos os outros devem trazê-la. Como consequência dessa regra normativa, a não marcação de todos os elementos de um SN pode levar à estigmatização. No entanto, ainda que fatores fonéticos de natureza articulatória contribuam para a perda de marcas explícitas de pluralidade, a não-realização dessas marcas está certamente sujeita a outros fatores de natureza interna ao sistema e também externa (fatores sociais e situacionais).

Dois casos de supressão e/ou redução de segmentos fonológicos afetam simultaneamente processos gramaticais de concordância. Um deles é a supressão de /S/, que afeta os nomes; e o outro é a redução e a desnasalização dos ditongos /awN/ e /eyN/, responsável pela concordância não-padrão nos verbos. Processos similares foram amplamente documentados (SCHERRE, 1988, 1991, 1994, 1996a, 1996b, 1998, 2005; SCHERRE e NARO, 1993, 1997, 1998, 2006; MOLLICA, 2003, todos sobre o dialeto carioca) a partir do trabalho pioneiro de Poplack (1980) para o espanhol americano.

A gramática normativa do português, como já citado, trata a concordância como sendo uma regra de natureza obrigatória (cf. BECHARA, 1999; CUNHA, 1971; CUNHA & CINTRA, 1985; SACCONI, 2004), ou seja, se um dos constituintes do SN apresentar marca de plural, necessariamente todos os outros elementos do SN e predicativo (se houver) deverão acompanhá-lo e, caso o SN seja o sujeito, o verbo também deverá trazer a marca.

A marca formal de plural dos nomes em português é representada pelo arquifonema /S/, que pode realizar-se foneticamente de diferentes formas dependendo do contexto linguístico e da variedade dialetal. Por outro lado, a alta taxa de redundância presente em sentenças que se apresentam de acordo com os padrões gramaticais pode explicar a não-marcação em todos os constituintes do SN. A ausência variável de marca formal de plural, mesmo em um único constituinte, é, em geral, estigmatizada socialmente e avaliada como incorreta pela gramática normativa.

Por outro lado, a pesquisa sociolinguística sobre pluralidade em diferentes variedades do português deixa claro que o fenômeno da variação na concordância de número no português falado e escrito é característico de toda a comunidade brasileira, apresentando algumas diferenças relativas à frequência, mas não aos contextos linguísticos de ocorrência (SCHERRE, 1996a), o que permite entrever que a gramática da concordância é a mesma para todas as variedades. Naro & Lemle (1977) chegam a afirmar que, para os membros da classe socioeconômica mais baixa, a regra de concordância está caminhando para a extinção, visto que a maioria dos informantes mostra uma frequência de marcas de 10 a 60% em entrevistas formais e por volta de 10% em conversações mais informais.

É certo, portanto, que se trata de um fenômeno variável que, aparentemente, perpassa toda a comunidade linguística brasileira, com diferentes graus de adesão às convenções normativas. Vale a pena ressaltar também que os processos de supressão atingem também a

marcação de plural no espanhol latino-americano, de onde se originaram os primeiros trabalhos variacionistas.

Os resultados do trabalho de Poplack (1980) sobre a concordância nominal no espanhol americano levam-na a afirmar que os falantes evitam suprimir todas as marcas de plural em virtude de preservação de função informativa, ao mesmo tempo em que eliminam a redundância. Poplack (1980) investiga um corpúsculo composto por dados de 24 pessoas acima de 21 anos, falantes do espanhol porto-riquenho e não-falantes de inglês de uma classe trabalhadora, em região porto-riquenha no norte da Filadélfia.

Poplack (1980) conclui que a ausência de uma marca no segmento precedente à ocorrência favorece a supressão neste elemento, enquanto a presença de uma marca imediatamente precedente favorece a retenção de uma marca no elemento em questão. Isso significa que, se a noção de pluralidade existe, com o primeiro constituinte marcado ou por meio de algum outro mecanismo (por exemplo, um SN anterior), e a cadeia manifestar a supressão de marca no segundo constituinte do SN, é significativa a contribuição do fator “posição” para a probabilidade de supressão no terceiro elemento. Vejamos, para ilustrar essa premissa, os exemplos (3-4).

- (3) *aquela viagem será inesquecível e inigualável, foi lá os **melhores momentos** que vivi (ACLM, 8A, P6)*
- (4) *E o povo da escola começou a zuar com ela. Vai **seus pé vermelho**. (DFC, 8B, P1)*

De acordo com os achados de Poplack (1980), em um SN como (3), em que a sequência se realiza com marcas na primeira e na segunda posição, é bem baixo o efeito da supressão no constituinte da terceira posição. Já para o exemplo (4), temos marcação no primeiro constituinte e zero formal no segundo, o que leva a zero no terceiro. Apenas para o determinante, o primeiro elemento da estrutura, o efeito da posição é baixo, já que ele é, na

maioria das vezes, o único constituinte marcado em um SN que foge aos padrões gramaticais, ponto em que Poplack defende uma analogia com o português brasileiro. Esse efeito, depois denominado “paralelismo formal”, foi também testado e considerado válido para o português de Brasil principalmente no trabalho de Scherre (1988).

Poplack (1980) afirma, com base em seus dados, que, mesmo encontrando casos em que não há nenhuma marcação morfológica de plural, tal noção se faz por compensações semânticas, sintáticas ou morfológicas que eliminam a possibilidade de ambiguidade nas sentenças, o que a faz refutar explicações funcionalistas. Ainda segundo ela, a posição do segmento analisado é mais importante do que sua categoria gramatical quando se trata da marcação ou não de pluralidade. Em função disso, as explicações formais ganharam um espaço muito grande na sociolinguística brasileira, especialmente nos trabalhos de Scherre (1988) e Scherre & Naro (1998).

O conflito entre formalismo e funcionalismo está ligado ao próprio surgimento da sociolinguística. Labov (1972), considerado o fundador da nova disciplina, num primeiro momento, sustentava posições que distanciavam a sociolinguística do formalismo, porém, depois das críticas de Lavandera (1978), Romaine (1981) e García (1985) e da crise no estatuto epistemológico do modelo variacionista, Labov (1987) a aproximou do formalismo e, mais recentemente (LABOV, 1994) chega a recusar completamente explicações funcionais.

O ataque de Romaine (1981) mirou o aspecto indutivista da teoria, enquanto os de Lavandera e García, o estatuto teórico da regra variável, quando aplicada à sintaxe. Romaine (1981) critica a adoção do formalismo das regras variáveis gerativas como mecanismo puramente descritivo, enquanto suas implicações teóricas são desconsideradas. Já a polêmica entre Lavandera (1978) e Labov (1978) se resume à questão da real equivalência semântica entre duas variantes sintáticas. Na realidade, a noção de equivalência semântica implicaria uma redução muito drástica da noção de significado referencial, se a sociolinguística insistisse

em manter o princípio de que duas formas alternativas são variantes se representarem o mesmo significado, ou o mesmo valor de verdade, no mesmo contexto de ocorrência. Em vez de operar com essa concepção extremamente limitada de significado, Lavandera (1978) propõe substituir o conceito de equivalência semântica pelo de comparabilidade funcional.

Camacho (1993; 2003) delimita essas duas perspectivas teóricas, que atuam como enfoques alternativos na análise linguística em geral e que constituem modelos capazes de explicar também os fenômenos de concordância. Por um lado, segundo o autor, explicações funcionais como as de Kiparsky (1972) e de Givón (1976), vinculam-se à comunicação e distribuição da informação, e seus aspectos variam de acordo com a extensão do contexto linguístico. Por outro lado, explicações formais, como as defendidas por Poplack (1980), consideram o mecanismo de paralelismo formal e o princípio de saliência fônica, desenvolvido, para o português do Brasil por Naro & Lemle (1977).

Dado que está fundamentado em fatores formais, este estudo abrange duas perspectivas de análise: uma atomística, que analisa cada elemento do SN separadamente e uma não-atomística, que se ocupa do SN inteiro, como um todo.

Para a análise atomística, o princípio da saliência fônica foi postulado com o intuito de testar se itens com maior grau de diferenciação morfológica entre a forma singular e plural apresentariam maior taxa de concordância do que aqueles com menor. Para os nomes, Braga e Scherre (1976, *apud* NARO & LEMLE, 1977) primeiramente postularam uma escala de saliência fônica com cinco categorias: o grau mais baixo de saliência com nomes terminados em *-S* que fazem o plural com acréscimo de *-ES* (rapaz/rapazes), seguidos de nomes que não sofrem mudança na raiz e recebem apenas *-S* no plural (livro/livros), nomes terminados em *-R* com acréscimo de *-ES* no plural (mulher/mulheres), nomes que sofrem mudança na parte final da raiz (hotel/hoteis, milhão/milhões) e, por fim, nomes com variação no grau de abertura da vogal tônica da raiz (ovo/ovos).

Essa escala, posteriormente modificada e renovada por Scherre (1988) e Scherre e Naro (1997), conta agora com oito níveis, considerando o amalgamento dos fatores *processos de formação de plural e tonicidade*, conforme exposto no quadro 1 abaixo.

Quadro 1: Escala de saliência fônica proposta por Scherre (1988).

| <i>Fatores</i>                                | <i>Exemplos</i>                      |
|---|--------------------------------------|
| Plural duplo                                  | Ovo/ovos<br>Novo/Novos               |
| Plural irregular de palavras terminadas em -L | Igual/Iguais<br>Casal/Casais         |
| Plural de palavras terminadas em -ÃO          | Avião/aviões<br>Machão/machões       |
| Plural de palavras terminadas em -R           | Cor/cores<br>Maior/maiores           |
| Plural de palavras terminadas em -S           | País/países<br>Feliz/felizes         |
| Plural regular de base oxítone                | Café/cafés                           |
| Plural regular de base proparoxítone          | Médico/médicos<br>Indígena/indígenas |
| Plural regular de base paroxítone             | Casa/casas<br>Garoto/garotos         |

As análises de Scherre (1988) e Scherre e Naro (1997) aplicaram-se a dados do Córpus Censo do PEUL (Programa de Estudo sobre o Uso da Língua), modalidade falada, registro semidistenso da variedade carioca. Seus resultados demonstram, com detalhamento estatístico, que a perda da marca de plural, tanto em verbos quanto em nomes, está difundida na morfologia, afetando primeira e mais frequentemente as formas nas quais as consequências da perda são foneticamente menos notáveis do ponto de vista do ouvinte ou da monitoração pelo falante de seu próprio discurso.

A análise de Poplack (1980), para o espanhol americano, fornece ainda outra direção importante, ligada ao efeito dos fatores gramaticais e dos fatores fonológicos. Com relação às classes de palavras, a autora constata que, no interior do SN, um adjetivo favorece a não-marcação, enquanto um determinante favorece a retenção de marca – um efeito também



encontrado em outros dialetos hispânicos. Com relação aos fatores fonológicos, observa que uma pausa seguinte favorece o apagamento da marca, do mesmo modo que tonicidade fraca na sílaba seguinte ao /s/; todavia, uma sílaba tônica seguinte favorece a retenção.

Poplack (1980) observa que o /s/ do espanhol porto-riquenho está em um estágio de variação sincrônica que pode ser caracterizado pelo total apagamento da flexão. Explicações formais desempenham um papel regular na retenção de marcação de plural, de modo que o apagamento é mais frequente onde é possível deprender a pluralidade mediante o uso de formas não-flexionais. Entretanto, nenhuma explicação formal pode justificar o fato de que foram apagadas 39% de todas as marcações dentro do SN, que seriam a única fonte desambiguizadora.

Talvez a conclusão mais relevante de seus resultados seja a de que, enquanto o espanhol porto-riquenho elimina a redundância da estrutura superficial da sentença, ele reorganiza seu sistema de marcação de plural. Na variedade falada, o espanhol porto-riquenho parece requerer somente que o plural seja marcado em algum constituinte da sentença, diferente da regra normativa gramatical, que marca o plural em todos os constituintes. Os resultados também indicam que é a flexão verbal o contexto mais favorável para marcação da informação número-pessoal.

No português do Brasil, Scherre (1988) analisa o efeito da variável *paralelismo formal*, concluindo que o que mais favorece a presença de concordância no segmento seguinte é a presença de duas ou três marcas formais precedentes. No mesmo sentido, a presença de pelo menos uma marca precedente não mediada por zero favorece a presença de marca no segmento seguinte, com percentual um pouco menor do que quando há duas ou três marcas formais antecedendo o elemento analisado. Em sentido oposto, a presença de um zero precedente, desde que já haja marca anterior, provoca quase categoricamente o aparecimento de zero no constituinte seguinte. Conclui ela que:

Em termos percentuais pelo menos, podemos afirmar que o Português tem um comportamento bastante semelhante ao do Espanhol, o que traz mais evidências sobre uma variável de comportamento forte que não é estritamente regida pela hipótese funcionalista nos moldes de Kiparsky (1972). (SCHERRE, 1988, p.182)

Scherre e Naro (1998) ressaltam uma oposição nítida entre o efeito dos regulares oxítonos – favorecedores – e os regulares paroxítonos – desfavorecedores, como esperado, já que os oxítonos trazem a marca de plural em sua sílaba tônica. Todavia, o efeito da saliência na concordância nominal em função dos anos de escolarização mostra-se menos evidente do que na concordância verbal, com algumas exceções (nomes terminados em –ão, nomes terminados em –S e proparoxítonos evidenciam ligeiras diferenças de comportamento).

Scherre (1996a) apresenta os resultados de uso ou não das marcas explícitas de plural considerando três variáveis: posição linear do elemento no SN, classe gramatical e marcas precedentes ao elemento nominal analisado. A pesquisadora utiliza, para a variável *classe gramatical*, uma categorização bem detalhada: (classes nucleares: substantivo, categoria substantivada, pronome pessoal de 3º pessoa; classes não nucleares: adjetivo, quantificador, possessivo; demais classes não nucleares: demonstrativo, indefinido, identificador). Seu objetivo é buscar uma explicação para o efeito da variável *classe*, tratada por Guy (1981 *apud* SCHERRE, 1996a) em função da variável *posição*, ao afirmar que os efeitos da classe e posição são “virtualmente idênticos”.

Guy (1981) estabelece uma relação entre a variável *classe gramatical*, conforme estudada para o espanhol porto-riquenho por Poplack (1980), e a variável *posição do elemento no SN*, conforme estudada por ele para o português popular do Brasil, sugerindo, assim, uma equivalência entre a influência dos determinantes ou da primeira posição; dos substantivos ou da segunda posição; dos adjetivos ou da terceira posição.

Scherre (1996a) postula que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independentemente da posição que ocupam, são muito marcados (o menor percentual de

marca é de 91%), enquanto todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são sistematicamente menos marcados. Portanto, o fator mais importante que explicaria a tendência de utilizar marca explícita ou não de plural para elementos não-nucleares é sua posição em relação ao núcleo.

Conclui ela que a melhor análise para esse fenômeno é a que considera estas três variáveis transformadas em duas: 1) marcas precedentes em função da posição e 2) relação entre elementos nucleares/não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN. Em função dos resultados, Scherre discorda de Poplack (1980), afirmando que o português é uma língua em que, em termos de marcação de pluralidade, o paralelismo formal também pode ser comprovado como fator atuante.

Nesse sentido, Scherre (1988; 1994) examina, então, se os elementos não-nucleares estavam antepostos ou pospostos ao núcleo e, se nucleares, qual é sua posição na cadeia sintagmática. Conclui que elementos não-nucleares à esquerda do núcleo favorecem marcas explícitas, enquanto os à direita do núcleo as desfavorecem. Os núcleos, por sua vez, favorecem marcas quando ocupam posições mais à esquerda na cadeia sintagmática.

Ainda com relação ao paralelismo, núcleos semânticos formalmente marcados (MILHARES DE *coisas*) ou seguidos de marca formal (UMA SÉRIE DE OUTRAS *coisas*) favorecem a inserção de marca formal no segmento analisado, enquanto núcleos semânticos formalmente não marcados (UMA PORÇÃO DE *coisa*) ou seguidos de um elemento não formalmente marcado (UMA PORÇÃO DE PEIXINHO *colorido*) favorecem a forma zero seguinte (SCHERRE, 1994, p.109). Os numerais, por sua vez, favorecem mais a inserção de marcas no segmento analisado (PR .63) do que o núcleo semântico sem marca formal (PR .41): o numeral tem a marca semântica de plural, sem marca formal explícita, que também conduz a marcas. O núcleo com marca semântica de pluralidade se identifica, flexionalmente, com zero formal, fato que conduz a zero no constituinte seguinte. Além disso, mais marcas de

uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta, evidenciando-se a força do paralelismo formal no processamento das unidades linguísticas.

Analisando o *cópus* do projeto NURC, Campos e Rodrigues (2002) mostram que, para os falantes com altos índices de escolarização, a tendência é a de que os padrões gramaticais sejam seguidos, já que os resultados acusam apenas 3% de ocorrências sem a indicação de pluralidade preconizada pela gramática normativa.

Esse estudo testa, como primeiro grupo de fatores, a *saliência fônica*, dividida, como em Scherre (1988) em três eixos: *processos morfofonológicos de formação de plural*, *tonicidade dos itens singulares*, *número de sílabas dos itens singulares*. Com relação a tais grupos de fatores, as autoras observam que os itens não marcados são os que formam plural apenas com acréscimo de *-s*; os paroxítonos e monossílabos átonos; proparoxítonos; dissílabos e trissílabos. Dos grupos avaliados, apenas o último grupo foi selecionado como relevante pelo programa estatístico.

Considerando a variável *contexto fonológico seguinte*, os resultados mostram que uma pausa seguinte tende a favorecer a marcação (.62), diferentemente dos dados de Poplack (1980), nos quais ela é desfavorecida; consoantes seguintes tendem a desfavorecer (.39), enquanto vogais seguintes mostram-se neutras (.49), apesar de as diferenças entre os fatores não serem quantitativamente significativas.

O segundo grupo de fatores testado leva em conta aspectos morfossintáticos, sendo composto por *posição linear do elemento*, *classe gramatical* e *marcas precedentes*. A primeira posição apresenta índice bastante elevado, em contraste com as demais, que não apresentam diferenças significativas. As classes gramaticais que mais favorecem a presença de marcas são artigos e demonstrativos, classes essas que, geralmente, ocupam a primeira posição no SN. A variável *marcas precedentes* apresenta como maior índice de favorecimento a ausência de elemento precedente, ou seja, a primeira posição. A partir dos dados, que

mostram quase categoricidade de marcação de todos os constituintes do SN, as autoras concordam com Poplack (1980) e Scherre (1988), em suas discussões sobre o *paralelismo formal* (ou seja, marcas levam a marcas e zeros levam a zeros).

Campos e Rodrigues (2002) testam, ainda, variáveis estilísticas (*tipo de inquérito e formalidade dos itens lexicais*) para constatar que o tipo de inquérito mais formal (Elocação Formal) favorece o uso de marcas formais de plural, enquanto os demais (Diálogo entre dois informantes e Diálogo entre informante e documentador) o desfavorecem; a formalidade dos itens também se mostra relevante, na medida em que itens mais informais (identificados como gírias) favorecem menos a inserção de marcas.

Nessa mesma direção, Naro & Lemle (1977) apontam, também como fator que influencia o uso ou não de concordância, a situação social de interação, afirmando que situações formais ou tensas tendem a apresentar maior frequência de uso da regra. Para tanto, utilizam-se de um *cópus* de várias entrevistas, com diferentes graus de formalidade, realizadas com cada um dos três informantes.

Já na perspectiva não-atomística, o SN é visto inteiro, como um todo, ou seja, classifica-se como marcado o SN que dispõe de marca formal em todos os constituintes pluralizáveis, e como SN não marcado o que é destituído de pelo menos uma marca formal em constituinte flexionável.

Considerando o grupo de fatores *posição* nessa perspectiva, Scherre (1994) observa que, se o SN se encontra à esquerda do verbo ou da oração, ele é mais marcado do que um SN à direita. Tais fatos podem ser justificados, segundo a autora, pela proeminência da posição de tópico, cujo correlato formal é situar-se mais à esquerda.

A variável *configuração sintagmática* mostra que determinadas configurações favorecem sintagmas com todas as marcas de plural, enquanto outras as desfavorecem. As conclusões de Scherre (1994) foram as seguintes:

- 1) A presença de artigo definido ou de quantificador, na primeira posição do SN, e a presença de substantivo ou categoria substantivada, na última posição do SN, são duas forças poderosas no sentido de provocarem a presença de todas as marcas de plural em todos os elementos flexionáveis do SN.
- 2) A presença de qualquer outra classe gramatical que não seja artigo definido ou quantificador, na primeira posição do SN, e a presença do adjetivo, do possessivo ou do quantificador, na última posição do SN, são igualmente duas forças poderosas no sentido de desfavorecer a presença de SNs com todas as marcas.
- 3) O cruzamento das categorias mencionadas em 1 e 2 mostra o equilíbrio das duas forças no sentido de influenciar a presença de SNs com todas as marcas.
- 4) A estrutura sintagmática composta desfavorece a existência de SNs totalmente marcados (SCHERRE, 1994, p.7)

Os exemplos contidos em (5-7) ilustram as estruturas mencionadas em 1, 2 e 4.

- (5) *como ela já tinha posto **nas malas as roupas** ela foi comprar um vestido (VMS, 6A, P6)*
- (6) *Liguei para o Diego e o Max, **muito amigos meu**. (LHNS, 8ª, P6)*
- (7) *e os **salva vida** arrumando nossa cadeira (ILC, 7C, P6)*

A hipótese que explica tais resultados é a presença do traço [+ definido], que se inclui no Princípio de Saliência estabelecida por Naro (1981), segundo o qual quanto maior o grau de saliência, maior a frequência de concordância. Nesse sentido, pronomes definidos ou quantificadores na primeira posição e substantivos na última proporcionam ao SN maior grau de definição, o que os faz serem mais marcados do que SNs com outras configurações.

A noção de *coesão sintagmática*, também relacionada ao Princípio de Saliência, afirma que os sintagmas que admitem a presença de elementos entre si têm uma relação menos coesa, apresentando menos marcas. Os núcleos de terceira posição são bastante marcados justamente por integrarem estruturas do tipo mais coesas, enquanto os de segunda posição são pouco marcados por integrarem geralmente estruturas do tipo menos coesas (SCHERRE, 1994).

Quanto aos fatores externos ou sociais, Scherre (1996b) demonstra a influência das variáveis *escolarização*, *sexo*, *idade*, *mercado ocupacional*, *mídia* e *sensibilidade linguística*, que atuam sobre a regra de concordância nominal. A variável *renda* foi desconsiderada por apresentar resultados pouco consistentes.

De forma geral, Scherre (1996b) constata que a aplicação positiva da regra de concordância nominal é diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Para membros do gênero feminino, a variável *anos de escolarização* é a mais relevante; já para os homens, é a variável *mercado ocupacional* a mais importante. As mulheres realizam mais concordância em praticamente todas as faixas etárias. O fator *faixa etária* resulta menos relevante do que *gênero* e *anos de escolarização*, mas se pode dizer que há um padrão ligeiramente curvilíneo, em que os índices positivos de marcação sofrem um acréscimo nas faixas etárias intermediárias. Esse padrão indica que pessoas mais pressionadas pela idade profissionalmente produtiva usam mais as formas de prestígio.

*Mercado ocupacional* é o primeiro grupo de fatores selecionado para o gênero masculino. Quanto mais alto for o nível ocupado por uma pessoa do gênero masculino na escala de trabalho, maior é a taxa de concordância por ela apresentada. Também indivíduos que ficam mais tempo em contato com a mídia usam mais as marcas explícitas de plural.

Scherre (1996b) também testa a *sensibilidade linguística* dos informantes, relacionada aos sistemas de representação acerca da linguagem, isto é, à sua percepção de diferenças à linguagem. Os efeitos dessa variável foram fracos, sendo que apenas os homens de 15 a 25 anos respondem levemente a esse fator.

Campos e Rodrigues (2002) afirmam que a variável *gênero* (*sexo*, para as autoras), em oposição às pesquisas de Scherre (1988), mostra que homens favorecem bastante o uso da marcação, enquanto mulheres a desfavorecem. Quanto à variável *procedência*, há uma diferença significativa entre falantes de São Paulo, que favorecem muito mais a marcação do

que falantes de outras capitais. Diante da estranheza dos últimos índices, as autoras analisam separadamente o *cópus*, constatando tratar-se de comportamentos idiossincráticos, que não se estendem a nível dialetal. A variável *idade* não é discutida, em virtude de os falantes da primeira (25 a 35 anos) e terceira faixas (mais de 56 anos) somente apresentarem formas marcadas.

### **1.2.2 A marcação de pluralidade na língua escrita**

Interessa, neste estudo, refletir sobre a afirmação de Silva (1996), em seu estudo sobre aquisição de língua escrita, de que a concordância nominal é exercitada desde cedo pelas crianças e, já nas quatro últimas séries do primeiro grau, sofre um aumento sensível de aplicação. Além disso, pouco se sabe sobre a variação de pluralidade na escrita, já que a maior parte das pesquisas sobre o tema se debruça em amostras de fala.

Linguistas e sociolinguistas concordam que muitas crianças chegam à escola trazendo consigo um conhecimento linguístico que, nem sempre, está em conformidade com os padrões gramaticais exigidos pela escola. É certo que cada modalidade de linguagem, a oral e a escrita, apresenta, de acordo com Corrêa (2004), a mesma heterogeneidade constitutiva e, portanto, uma não pode ser julgada superior ou mais complexa que a outra. Esta é uma das razões por que o linguista critica o ensino tradicional da gramática, que costuma fazer da linguagem escrita formal a norma para todas as manifestações verbais.

Callou (2007), por seu lado, afirma que

Hoje em dia, a posição que prevalece é a de que [fala e escrita] representam códigos distintos, uma vez que, na fala, lidamos com instabilidade, naturalidade, rapidez de produção, riqueza de prosódia e, na escrita, com a sistematicidade e o permanente. (CALLOU, 2007, p.20)



A autora ressalta, ainda, que a escola, no que diz respeito ao ensino da língua, busca neutralizar as marcas identificadoras de cada grupo social, a fim de atingir um padrão único abstrato e idealizado, que seja supranacional.

Segundo Marcuschi (2001), “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.” (MARCUSCHI, 2001, p.17). É relevante, a partir daí, observar se a marcação de pluralidade no SN é uma variável contínua, paralelamente ao contínuo entre as duas práticas sociais – oralidade e letramento – que se correlacionam com as duas modalidades, a oral e a escrita. É relevante observar se essa continuidade, isto é, essa variação na escrita respeita os mesmos grupos de fatores da fala.

Ao tratar do ensino de língua, Mollica (1996) observa que “a escrita é a principal responsável por classificar o espaço escolar dessa forma”, visto que o sistema de ensino é caracterizado justamente como “espaço que proporciona ao falante manter contato estreito, sistemático e assíduo com a modalidade escrita, em especial aquela segundo os cânones da tradição gramatical” (MOLLICA, 1996, p.160). E é fácil explicar, portanto, a crença generalizada de que a escrita é livre de variação e, por isso, alvo de maior estigmatização do sujeito que nela se expressa em desacordo com os padrões gramaticais. Entretanto, alguns estudos sociolinguísticos mostram que nela também se encontram casos de variação, inclusive no que se refere às concordâncias verbal e nominal, alguns dos quais se relata a seguir.

A fim de analisar a escrita de um grupo de crianças das quatro primeiras séries de uma escola pública do Município do Rio de Janeiro, constituída por população carente, Mollica (2003) aplica um exercício para observar se alunos que recebem instrução específica a respeito de concordância apresentam as mesmas características com relação aos fatores internos e externos de aplicação da regra do que aqueles que não recebem tal orientação. Mostra então que, em geral, os alunos com instrução específica seguem mais os padrões

gramaticais de concordância. No entanto, com relação à saliência fônica, a instrução não se mostra tão válida, já que, segundo a autora, a saliência fônica é relacionada ao som e, por isso, não faz muito sentido tratar os dados escritos sob sua égide. Observemos, nesse sentido, que o grau máximo de saliência fônica (*ovo/ovos*) não passa, em termos de escrita, de um caso de formação de plural por meio da regra geral (acréscimo de –S). Para esse fator (*plural duplo*), os índices de marcação são praticamente categóricos, tanto para os alunos que receberam instrução específica quanto para os demais.

Nos dados de Mollica (2003), o grau mínimo de diferenciação singular/plural tem índices bastante altos de aplicação, com leve acréscimo para os alunos que recebem instrução explícita. No caso de acréscimo de –es, segundo nível da escala de saliência, há índices altos de aplicação da regra (próximos a 70% em ambos os grupos). A variável *com instrução* foi levemente mais alta para eles. A pesquisadora suspeita, em relação a esses casos, que a escola ensina primeiramente os plurais que envolvem acréscimo de –s e –es.

Nos plurais com –ão, -l e –u, os índices são bem mais baixos que os anteriores, e a variável *instrução explícita* só funciona para o plural em –u. Mollica (2003) acredita que o princípio da saliência não é propriamente o fator determinante para o processo de aprendizagem da regra de concordância nominal no processo de letramento. Levanta, então, a hipótese de que o léxico influencie o uso da regra, visto que palavras como *chapéu* e *degrau* geram dúvidas mesmo em falantes mais escolarizados. Tal fato pode ser observado no plural de *coração*, que não oferece problemas às crianças, o oposto do que acontece com o plural de *avião*. Em geral, palavras que oferecem problemas não são trabalhadas, ainda que o plural se forme regularmente.

No mesmo trabalho, Mollica (2003) mostra que o grau de escolaridade influencia positivamente o uso da CN, ou seja, quanto maior a escolaridade, maior o uso de CN, demonstrando que a escola é eficaz nesse domínio. Não se pode afirmar, entretanto, que a CN

seja 100% adquirida; e, caso isso venha a ocorrer, é necessário investigar em que ponto aconteceria. Supondo que o ensino da CN envolva a explicitação das regras gerais (acréscimo de -s) e a discussão de casos específicos (os irregulares), é provável que a aquisição não se dê totalmente. Quanto ao *gênero*, similarmente à maioria dos dados de fala, as meninas têm, em geral, desempenho melhor que os meninos. Entretanto, na 3ª série, os meninos fazem mais concordância, e as diferenças não são tão grandes como se poderia supor. O acréscimo nos índices de CN em função dos anos de escolarização ocorre tanto para o sexo feminino quanto para o masculino.

Lima (2001) examina a variação na regra de concordância verbal em redações escolares de alunos de 8ª série de uma escola estadual de Assis – SP. Ele aponta para a falta de CV em textos escritos como “marcas de oralidade na escrita, ocasionado (sic) pela transferência direta de estruturas da fala para a expressão escrita” (LIMA, 2001, p.97-98). Supõe também o autor que a “forma de organização do texto escrito favorece a atuação de alguma das variáveis que, na fala, concorrem para a não-aplicação da regra, apesar da forte pressão exercida pelo estilo da modalidade escrita no processo redacional” (LIMA, 2001, p.98).

Outro estudo que analisa a escrita de crianças de 5ª série do Ensino Fundamental de Campo Mourão (PR) é o de Casemiro (1995), que trabalha com dados de três escolas com características distintas: escola pública periférica, escola pública central e escola particular central. Em seu corpúsculo, ela observa a variação da marcação de pluralidade tanto em relação aos nomes quanto em verbos. Em sua pesquisa, a concordância nominal é dividida em quatro contextos:

S1: Palavras tomadas como só usadas no plural; (*o ciúmes, o parabéns*)

S2: Predicativo sem marca de plural; (*achei linda as coisinhas*)

S3: Só predicativo com marca de plural; (*e a gente estava sozinhos*)

S4: Só o determinante, no sintagma nominal, marcado pelo plural. (*os meu primo*)

Em todas as escolas, há desvios em relação ao padrão gramatical, mas é a escola pública periférica que apresenta maior incidência de desvios (onze), a escola pública central, um número intermediário (cinco) e a escola particular central apenas dois casos. Segundo Casemiro,

A linguagem popular simplifica-se, reduzindo as marcas de plural a uma ou a outra classe. Nos textos analisados, principalmente nos da E1 [escola pública periférica] e E2 [escola pública central], por estarem carregados de uma oralidade que denuncia seu modo próprio de falar, exemplos dessa tendência de reducionismo são mais numerosos; mais, inclusive, na E1, que na E2. Na E3 [escola particular central] são bem mais raros: pareceu-me que os alunos, além da familiaridade com o padrão, autopoliciam-se frequentemente. (CASEMIRO, 1995, p.236).

Este autopolicimento, segundo a pesquisadora, tem um preço alto para as crianças da escola particular central, já que esses informantes da escola particular por vezes deixam de expressar-se espontaneamente, por estarem preocupados com sua adequação à norma gramatical: “Na E3, a escola modeladora já conseguiu se fazer presente com maior clareza, apresentando uma fórmula destituída de subjetividade, porém com disciplina ortográfica e gramatical rigorosa; e os alunos adaptaram-se a ela, tornando-se pouco interlocutivos.” (CASEMIRO, 1995, p.293-4).

Parisotto (1999) analisa narrativas orais, ao lado das produções escritas das seguintes séries: 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> do Ensino Fundamental e 3<sup>a</sup> do Ensino Médio na cidade de Presidente Prudente. As variáveis linguísticas selecionadas em sua pesquisa são: *posição do elemento no SN*, *marcas precedentes ao elemento analisado* e *classe de palavras*, variáveis também muito relevantes quando se analisam dados de fala.

Quanto ao primeiro grupo de fatores, a primeira posição é fortemente marcada, enquanto todas as outras apresentam pesos relativos abaixo de 0.5, com a quarta posição

identificando o peso relativo mais elevado (.41). A atuação da variável *marcas precedentes* mostra-se discreta com pesos relativos em geral próximos a 0.5. Os artigos, demonstrativos, possessivos e quantificadores apresentam-se altamente favorecedores; os indefinidos mostram-se neutros, e os substantivos, adjetivos e categorias substantivadas, desfavorecedores. A pesquisadora não lança mão, em sua análise, das variáveis *saliência fônica* e *paralelismo formal*.

Quanto aos fatores extralinguísticos, todos são selecionados, com *tipo de modalidade* em primeiro lugar, seguido de *grau de escolaridade*, *classe social* e *sexo (gênero)*. Em seus dados da modalidade oral, a marcação de pluralidade é desfavorecida (.31), enquanto nos dados de escrita ela é altamente favorecida (.82). Pode-se dizer, a partir disso, que a assimilação das regras da variedade padrão, com que os alunos por vezes só têm contato na escola, não passa automaticamente para a modalidade falada dos informantes.

Com relação à escolaridade, Parisotto (1999) demonstra que a marcação de plural aumenta de acordo com a seriação. Entretanto, o maior salto qualitativo se dá entre 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries. Os dados submetidos à variável *classe social* mostram que os informantes de classe baixa desfavorecem levemente a aplicação da regra (.41), enquanto os de classe alta a favorecem (.59), porém a diferença não é tão acentuada. A variável *sexo* por sua vez, não apresenta, nesse estudo, influência significativa na aplicação da regra de plural no SN, perfazendo pesos relativos neutros.

Após apresentar análises da marcação de pluralidade relevantes nas modalidades oral e escrita da língua, passemos a explicitar algumas das concepções de norma, relacionando-as à questão do preconceito linguístico.

### 1.3 O problema da norma e o preconceito linguístico

De acordo com Callou (2007), o conceito de norma linguística é bastante ambíguo, relacionando-se por vezes à correção (normativo) e por vezes ao uso efetivo e usual (normal) do falante. Essa confusão em relação aos sentidos possíveis para a palavra gera uma diversidade de objetivos pedagógicos no que se refere à norma a ser ensinada pela escola.

Se a escola toma o termo no primeiro desses sentidos, pode ser que ela veicule, como muito se tem visto, somente a norma culta, tentando substituir, no uso de seus alunos, a(s) norma(s) que trazem consigo. A partir da concepção de que uma modalidade ou registro de língua é superior aos demais surge o que se chama de preconceito linguístico.

Essa superioridade ora é vinculada à língua falada pela classe dominante, ou seja, condiciona-se o uso linguístico melhor à classe que detém o poder econômico; ora é vinculada ao uso consagrado por nomes clássicos da literatura. Nesse sentido, Lucchesi e Lobo (1988), acompanhados, posteriormente, por Bagno (2003) e Faraco (2008), distinguem *norma padrão* e *norma culta*, sendo a *padrão* correspondente aos modelos pregados pela gramática normativa relacionados, por sua vez, aos clássicos usos literários; e a *culta*, aos usos dos falantes mais escolarizados. Como se sabe, nenhum deles reflete o uso real da maior parte da população e tampouco pode ser considerado melhor do que qualquer outro.

Bagno (2003) considera que mesmo o termo *norma culta* pode ainda parecer ambíguo. Ele distingue, então, o que significa o conceito para os gramáticos – uma língua abstrata, pretensamente homogênea, presa à escrita literária e venerada como verdade eterna e imutável; e o que significa para os linguistas – uma língua real, heterogênea, presente tanto na fala quanto na escrita de falantes cultos e sujeita a transformações ao longo do tempo (BAGNO, 2003, p.54). Propõe, então, para que não haja mais confusão no uso do termo, que o primeiro sentido esteja compreendido no rótulo *norma padrão* e, o segundo, a *variedade de*

*prestígio*, esteja compreendido no rótulo *norma culta*; finalmente, para o que chamam comumente de variedade popular, ele propõe o termo *norma estigmatizada*.

Ao aderirmos ao termo *norma culta* como sinônimo de correção, vinculado, pois, ao conceito de *norma padrão*, acabamos muitas vezes por ativar uma situação de preconceito linguístico, que está relacionado, nesse caso, com a questão social (de que estrato provém?), regional (qual o dialeto mais prestigiado no país?), religioso, racial, etc. (CALLOU, 2007). Atentemos, entretanto, para o fato de que essa conexão com determinadas classes sociais não se explica por qualquer razão linguística, e sim por razões de poder econômico.

Segundo Faraco (2008), a veiculação de uma única variedade como “certa” ocorreu no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, desde que “a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do romantismo” (FARACO, 2008, p.80), com o objetivo de combater as variedades do português popular.

A sociedade, por sua vez, por meio de programas de televisão e de rádio, colunas de jornal e revista, livros, manuais, perpetua a crença de uma dualidade: o “certo”, confundido com a norma prescrita pelas gramáticas e o “errado”, tudo aquilo que foge disso. E a escola acaba por, na maioria das vezes, reforçar ainda mais essa crença, ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) preguem o oposto, reconhecendo a existência do preconceito linguístico, ao afirmar que

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.26)

Essa afirmação reforça a ideia de que a representação que paira no imaginário da maior parte da população não é verdadeira. Se todos os falantes das distintas variedades dispõem, independentemente de suas possibilidades de alternância, da capacidade de expressar efetivamente suas ideias, não se pode dizer que uma das variedades seja superior ou inferior a qualquer outra. Toda língua varia, tanto sincrônica quanto diacronicamente, portanto, não há nenhuma variedade totalmente uniforme, o que também vale para a norma culta.

Por outro lado, se o conceito de norma é relacionado ao sentido de normal, referindo-se, pois, aos usos dos falantes cultos da língua em contextos mais formais, será possível que o aluno perceba que se trata de algo mais próximo não exatamente de sua realidade vernacular, mas pelo menos do que lhe é acessível por meio de jornais, revistas, televisão. Dependendo de como esse conceito é trabalhado em sala de aula, é possível que ele se sinta estimulado a aprender essa norma para adequar-se melhor, em termos linguísticos, a situações que a exijam.

Callou (2007) defende a existência de “uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias de comunicação” (CALLOU, 2007, p.17) e para explicar a variação existente na atualidade recorda que

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de ‘certo’ e ‘errado’ e em variante regional ‘melhor’ ou ‘pior’, ‘bonita’ ou ‘feia’. (CALLOU, 2007, p.17)

Voltando nossos olhos aos dados de que se ocupa esta pesquisa, é interessante ressaltar que a falta de marcação de pluralidade em todos os elementos do SN pode ser, em determinados contextos, estigmatizada socialmente, ou seja, o falante que assim utiliza a língua está sujeito à discriminação por parte de seus interlocutores detentores da *norma*



*padrão*. A estigmatização se agrava, possivelmente, quando pensamos no uso não padrão de CN na escrita, que tende a ser, como discutiremos mais adiante, mais conservadora do que a fala.

Uma pesquisa como esta, portanto, busca, além de estabelecer os fatores condicionadores da variação na marcação de pluralidade, contribuir para que a escola não veicule o preconceito linguístico por desconhecimento da pluralidade de normas, implicada, em seu cotidiano, na variedade linguística de seus alunos.

Passemos, na seção seguinte, a discutir os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

## **2. UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo, fundamentado nos preceitos metodológicos da Sociolinguística Variacionista propostos por Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), se delinea em virtude de existirem dados variáveis de marcação de pluralidade no SN nos corpúsculos analisados.

A fim de discorrer sobre os corpúsculos e a metodologia adotada, esta seção está dividida em seis partes: a primeira caracteriza histórico-socialmente a cidade de São José do Rio Preto; a segunda apresenta o projeto ALIP e a constituição do Banco de Dados Iboruna, representativo, neste estudo, da modalidade falada; a terceira traz a descrição do projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental, representativo da modalidade escrita; a quarta parte descreve a composição da subamostra utilizada neste estudo; a quinta apresenta o envelope de variação; a sexta descreve os fatores de análise e as hipóteses subjacentes a eles, e a sétima se ocupa dos procedimentos para a quantificação dos dados.

### **2.1 Caracterização histórico-social de São José do Rio Preto**

Esta subseção tem por intuito caracterizar brevemente São José do Rio Preto, cidade onde se realiza o levantamento de dados do corpúsculo “Oficinas de leitura” e, também, cidade tomada como núcleo do corpúsculo Iboruna, que se estendeu, por sua vez, a seis cidades circunvizinhas: Mirassol, Bady Bassitt, Guapiaçu, Cedral, Ipiranga e Onda Verde. São José do Rio Preto é a maior e mais importante dessas cidades e a que nomeia a 8ª região administrativa do estado de São Paulo, localizada a Noroeste do estado.

A área onde está São José do Rio Preto foi ocupada a partir de 1840, quando alguns mineiros ali se fixaram, dando início à exploração agrícola e à criação de animais domésticos.

Luiz Antônio da Silveira doou parte das suas terras a seu santo protetor, São José, a fim de que desse origem a uma cidade. No dia dezanove de março de 1852, João Bernardino de Seixas, que já havia construído uma casa de sapé nas terras, fundou a cidade. Em seguida, junto com os moradores vizinhos, ergueu uma pequena capela para realizar as funções religiosas.

Em 19 de julho de 1894, por meio da lei nº 294, a cidade é elevada a município e desmembrada de Jaboticabal. É, então, limitada pelos rios Paraná, Grande, Tietê e Turvo, com mais de 26 mil Km<sup>2</sup> de superfície, área que posteriormente foi dividida em outros municípios. O nome do município deve-se ao seu padroeiro e ao rio que corta a cidade.

O município se desenvolveu vagarosamente até 1912, quando, com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), começa a despontar como pólo comercial de concentração de mercadorias produzidas no então chamado “Sertão de Avanhandava” e de irradiação de materiais vindos da capital.

Nos dias atuais, São José do Rio Preto possui área de 434,10 Km<sup>2</sup>, sendo desta 117,43 Km<sup>2</sup> de perímetro urbano. Faz fronteira com os municípios de Ipiranga e Onda Verde a norte, Bady Bassit e Cedral ao sul, Guapiaçu a leste e Mirassol a Oeste. O município está a 450 Km da capital paulista. De acordo com os dados do Censo 2010, a população atual é de 408.435 habitantes<sup>3</sup>, dos quais apenas 6,09% ocupam a zona rural.

O IBGE aponta a cidade como a 59ª economia do país e 15ª do estado, tendo saltado trinta e uma posições em quatro anos. O principal responsável pelo salto, de acordo com o Instituto, é o setor de serviços, no qual a cidade ocupa a 43ª posição nacional. Outros setores que também impulsionam a economia local são o comércio e a indústria. No mesmo sentido do crescimento econômico, o PIB de São José do Rio Preto cresceu 57% em quatro anos, o que significa R\$ 7 bilhões no ano de 2008.

---

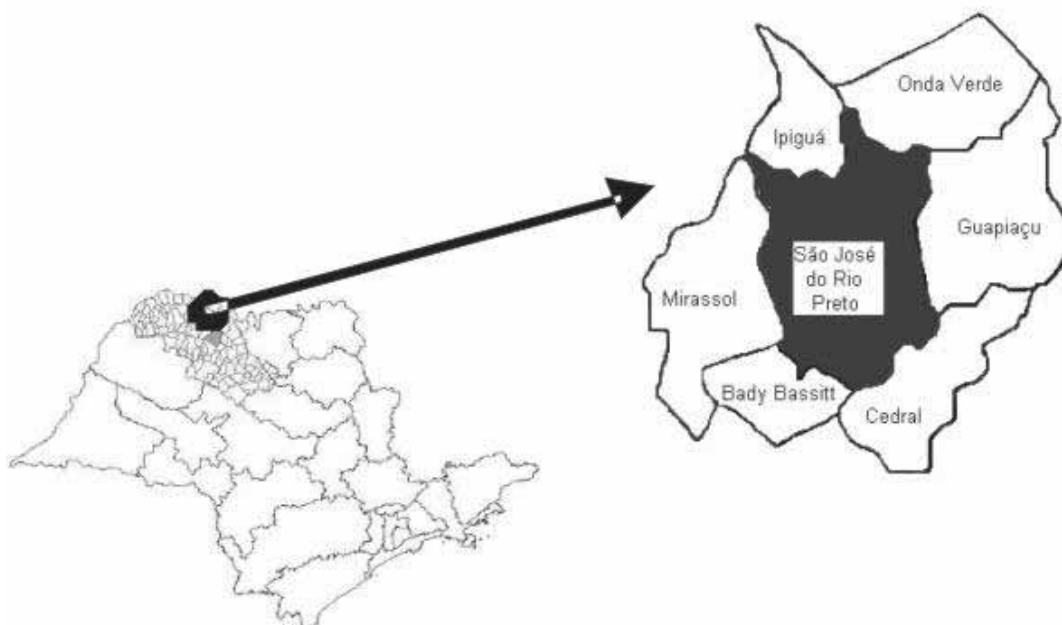
<sup>3</sup>Os dados sobre população se referem ao Censo 2010 e estão disponíveis em [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=35](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=35)

Nas áreas de comércio e serviços se destacam os que lidam com alta tecnologia, medicina avançada e educação; e no setor industrial se destacam atividades moveleiras, alimentícias, de joalheria, folhados e de produtos médicos. Assim, a cidade apresenta um bom Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como bons indicadores de saúde, educação e renda.

Outro ponto que merece referência é a presença, no município, de centros de educação superior reconhecidos nacionalmente, tais como a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a Faculdade de Medicina (FAMERP) e a Faculdade de Tecnologia (FATEC), que, junto às universidades particulares, somam hoje aproximadamente 30 mil estudantes.

Em geral, os municípios circunvizinhos envolvidos pelo córpus Iboruna servem como cidades dormitórios, em virtude de a cidade de São José do Rio Preto apresentar melhores condições de trabalho e de estudos de nível superior. A maior parte da população regional reside na zona urbana.

Figura 1: Abrangência do Projeto ALIP (GONÇALVES; TENANI, 2008)



## 2.2 O Projeto ALIP e o Banco de Dados Iboruna

Sediado na Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, o projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) se originou do projeto Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), com o intuito de criar um banco de dados anotado que representasse a língua falada na região noroeste paulista.

Entende-se como região, aqui, a cidade de São José do Rio Preto e as seis cidades circunvizinhas acima descritas: Mirassol, Bady Bassitt, Guapiaçu, Onda Verde, Ipiguá e Cedral. A exigência feita, para a constituição do banco de dados, é a de que os informantes residissem nas cidades abrangidas e que ali morassem desde os cinco anos de idade.

O intuito do banco de dados Iboruna era permitir que fosse estudada uma variedade ainda pouco conhecida do português e, além disso, abranger o máximo possível da diversidade social existente diferindo-se, assim, de outros projetos anteriores (o NURC, por exemplo). Um outro ponto que o destaca é o fato de não ter sido projetado para servir a nenhum estudo específico; busca-se, então, captar o máximo possível do dinamismo e da realidade linguística, a fim de proporcionar material para análises linguísticas diversas e oferecer condições para validação e desenvolvimento de teorias linguísticas (GONÇALVES, 2008).

Segundo Gonçalves e Tenani (2008), o Banco de Dados Iboruna foi composto no período de março/2004 até setembro/2007, destacando-se, assim, pela contemporaneidade de suas amostras. Além disso, a qualidade acústica do material permite uma grande variedade de pesquisas, também fonético/fonológicas e prosódicas, não permitidas por amostras mais antigas. Outro fator que impulsionou a criação desse banco de dados foi o caráter ainda desconhecido, em bases científicas, do dialeto falado na região de São José do Rio Preto, tanto por parte dos usuários quanto por parte dos próprios linguistas.

A fim de estruturar o banco de dados, o Projeto ALIP lançou mão de aspectos teórico-metodológicos já empregados em outros corpúscos tais como o NURC, VARSUL, PEUL, VALP, Gramática & Discurso. O banco de dados composto foi então batizado de Iboruna, topônimo de origem tupi-guarani que se tentou atribuir à cidade por ocasião de seu cinquentenário.

O Iboruna é composto de dois tipos de amostras de fala: Amostra Comunidade ou Amostra Censo (AC) e Amostra de Interação Dialógica (AI). A Amostra Censo foi idealizada de acordo com os critérios da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972; VOTRE; OLIVEIRA, 1995) e envolve o controle rigoroso das seguintes variáveis sociais:

Quadro 2: Variáveis controladas na constituição da Amostra Censo do Banco de Dados Iboruna

| <i>Variável</i>  | <i>Variantes</i>  |
|------------------|---|
| 1 - Sexo/ gênero | (1) masculino; (2) feminino   |
| 2 - Faixa etária | (1) 07 a 15 anos; (2) 16 a 25 anos; (3) 26 a 35 anos; (4) 36 a 55 anos; (5) mais de 55                        |
| 3 - Escolaridade | (1) 1º ciclo do Ensino fundamental; (2) 2º ciclo do Ensino fundamental; (3) Ensino Médio; (4) Ensino Superior |
| 4 - Renda        | (1) mais de 25 sal. mínimos; (2) 11 a 24 sal. mínimos; (3) 6 a 10 sal. mínimos; (4) até 5 sal. mínimos.       |

Do cruzamento dessas variantes resultam 152 células, que representam os perfis dos informantes contatados. A Amostra Censo compõe-se, portanto, de 152 amostras, cada uma com duração aproximada de 40 minutos (GONÇAVES, TENANI, 2008).

Em relação ao conteúdo das gravações, na Amostra Censo temos cinco tipos de relatos distintos para cada informante, a saber: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de descrição*, *relato de opinião* e *relato de procedimento*. Nelas se busca a predominância de diferentes manifestações linguísticas associadas aos tipos textuais narrativos, opinativos, injuntivos e descritivos, a partir de um roteiro de entrevista previamente definido. Foram utilizados, nesta análise, todos os cinco tipos diferentes de relatos para cada uma das amostras selecionadas.

Já a Amostra de Interação Dialógica conta com gravações que se realizaram secretamente, de forma que não se dispõe de perfis sociais controlados e se preserva a total naturalidade da conversação. Para esse tipo de amostra foram gravadas 11 interações dialógicas, com uma média de 15 minutos de gravação cada uma, envolvendo de dois até cinco informantes.

Segundo Gonçalves e Tenani (2008), os dois tipos de amostras servem a propósitos distintos:

AC constitui um tipo mais propício a estudos da variação e da mudança linguística em tempo aparente, e AI, a estudos mais voltados para a interface gramática/discurso, uma vez que sob tal abordagem, se concebe que a codificação linguística do falante é uma decisão que decorre de um modelo de interação verbal naturalmente construído na interlocução, ou mais precisamente no discurso (HENGEVELD, 2002). Assim, enquanto o paradoxo do observador (LABOV, 1972) interfere, de certa forma, na naturalidade das interações de AC, ele é totalmente nulo em AI. Assim é que AC e AI compõem dois *corpora* de fala diferenciados, que, juntos, totalizam pouco mais de 1 milhão de palavras, provenientes de cerca de 100 horas de gravação de fala. (GONÇALVES, TENANI, 2008, p.168)

No que diz respeito a questões éticas, todos os informantes que forneceram dados para AC foram previamente consultados e esclarecidos sobre os objetivos das gravações e assinaram termo de compromisso para formalizar a cessão de dados linguísticos. Quanto aos informantes gravados secretamente (AI), posteriormente à gravação, formalizaram o consentimento de cessão de dados linguísticos.

Em virtude de, neste trabalho, trabalharmos com dois *corpus* distintos, apenas serão usadas, do Iboruna, oito inquéritos da Amostra Censo, que se relacionam ao segundo *corpus* justamente pelos perfis sociais semelhantes. No item 2.4, a seleção de amostras orais e escritas será detalhadamente explicitada.

### **2.3 O projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental**

A amostra de língua escrita a ser analisada é resultado do projeto “Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental”<sup>4</sup>. O objetivo do projeto é (1) promover a elaboração das propostas de oficinas pedagógicas e minicursos de língua portuguesa a partir dos problemas identificados na escola e discutidos à luz do embasamento teórico adotado; (2) acompanhar a elaboração e aplicação das oficinas e minicursos e solucionar problemas enfrentados; (3) promover reuniões entre direção, coordenação e professores da escola e graduandos que atuam no projeto; (4) supervisionar a organização dos textos coletados a fim de promover a identificação sistêmica dos textos de modo a tornar exequível a análise dos problemas de texto (TENANI, 2009).

As oficinas se desenvolvem na Escola Estadual Professora Zulmira da Silva Salles, localizada no Jardim Urano, área residencial e periférica na zona Sul da cidade de São José do Rio Preto. A escola atende alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries ou 6<sup>o</sup> a 9<sup>o</sup> anos) e também alunos dos programas de inclusão.

De acordo com o Plano de Gestão Escolar 2007-2010, a clientela da escola é proveniente de diversos bairros urbanos e rurais, o que evidencia “diferentes formas de socialização, interação social e normas de conduta”. A classe social dos alunos é média-baixa, o que corresponde, segundo o Plano, ao nível intelectual e social. Entretanto, existe cobrança por parte dos pais de alunos por uma educação de qualidade. Segundo a coordenadora pedagógica da escola, sempre há fila de espera para matrículas, pois as salas sempre estão lotadas e há muita procura por vagas, devido à boa fama da escola.

---

<sup>4</sup> O projeto é credenciado junto à Pró-Reitoria de Extensão da UNESP, de São José do Rio Preto e coordenado pela Profa. Dra. Luciani Ester Tenani e pela Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi.



Comprova-se esse reconhecimento na análise dos resultados do SARESP 2009<sup>5</sup>. Nesse ano, as séries que realizaram os exames foram as 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> do Ensino Fundamental e a 2<sup>a</sup> série do Ensino Médio. A escola aqui descrita apenas oferece as duas séries de Ensino Fundamental. De acordo com os índices fornecidos pelo SARESP, as notas da escola são sempre bastante superiores às notas médias do ensino estadual. Além disso, as médias de Língua Portuguesa, Matemática e História são maiores do que as médias dos centros de ensino do interior, da diretoria de ensino de São José do Rio Preto e das outras escolas do município. Apenas em Geografia as notas da 6<sup>a</sup> série não ultrapassam as médias da diretoria e do município. Os resultados do SARESP evidenciam que o desempenho escolar é satisfatório. Além disso, o Plano de Gestão Escolar afirma que as taxas de promoção, abandono e retenção são ínfimas.

Há, ainda, muitos alunos que vieram à escola a partir da Educação Inclusiva. Eles recebem, segundo o Plano, atendimento colaborativo dos professores e colegas de classe e são encaminhados à sala de recursos para complementação do aprendizado.

Grande parte dos alunos, ao terminar o último ano do Ensino Fundamental, procura o ensino técnico, em centros como o Centro Estadual de Educação Tecnológica Philadelpho Gouvêa Netto, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) ou o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

O projeto, ainda em andamento, é formado por dois tipos de amostra: uma amostra transversal, com textos escritos por alunos cursando uma das quatro séries do 2<sup>o</sup> ciclo do Ensino Fundamental; e uma amostra longitudinal, com textos escritos por um mesmo grupo de alunos desde a quinta até a oitava série do Ensino Fundamental. No ano de 2008, ano em

---

<sup>5</sup>O SARESP é o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, provas que se aplicam anualmente aos alunos da Educação Básica da Rede Estadual. O intuito da avaliação é permitir à escola analisar seu desempenho e, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação, melhorar a qualidade da aprendizagem dos seus alunos e da gestão escolar. Os resultados supracitados encontram-se disponíveis no link [http://saresp.fde.sp.gov.br/2009/Boletins/RedeEstadual/2/028605\\_2.pdf](http://saresp.fde.sp.gov.br/2009/Boletins/RedeEstadual/2/028605_2.pdf)

que se iniciou o projeto, foram coletados seis textos em cada turma que participou do projeto, totalizando 2748 textos (TENANI, 2010).

Quanto às propostas de produção textual aplicadas, são diversos os gêneros e tipos textuais solicitados na coleta. Segundo Tenani (2009), as produções textuais das Oficinas são adequadas ao conteúdo abordado em cada série. Para tanto, seguiu-se a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. As propostas aplicadas, de acordo com a tipologia e gênero textual, foram divididas como na tabela 3.

Quadro 3: Classificação das propostas de textos quanto à tipologia e ao gênero (TENANI, 2009)

| <i>Proposta</i> | <i>Tipologia/<br/>gênero</i> | 5ª série              | 6ª série              | 7ª série             | 8ª série            |
|-----------------|------------------------------|-----------------------|-----------------------|----------------------|---------------------|
| 1               | Tipologia                    | Narrativa             | Relato                | Narrativa            | Narrativa           |
|                 | Gênero                       | Conto                 | Carta pessoal         | Conto                | Conto               |
| 2               | Tipologia                    | Relato                | Relato                | Prescritiva          | Argumentativa       |
|                 | Gênero                       | Cordel                | Relato de experiência | Anúncio publicitário | Artigo de opinião   |
| 3               | Tipologia                    | Relato                | Relato                | Narrativa            | Argumentativa       |
|                 | Gênero                       | Relato de experiência | Carta pessoal         | Conto                | Carta argumentativa |
| 4               | Tipologia                    | Relato                | Relato                | Argumentativa        | Argumentativa       |
|                 | Gênero                       | Carta pessoal         | Carta pessoal         | Carta argumentativa  | Carta argumentativa |
| 5               | Tipologia                    | Narrativa             | Relato                | Relato               | Argumentativa       |
|                 | Gênero                       | Conto                 | Carta pessoal         | Carta pessoal        | Artigo de opinião   |
| 6               | Tipologia                    | Narrativa             | Relato                | Descrição            | Narrativa           |
|                 | Gênero                       | Conto                 | Relato de experiência | Descrição            | Conto               |

A fim de observar o comportamento linguístico em relação à variação no uso da marcação de plural nos textos coletados nesse projeto, serão analisadas amostras de todas as séries e turmas. Os critérios usados para a seleção da subamostra serão detalhados na próxima seção.

## 2.4 Composição da subamostra

Com relação aos textos produzidos no projeto Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos no Ensino Fundamental, resolvemos abordar todas as séries que produziram textos (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup>). No entanto, o total de textos produzidos em 2008 (2748 redações) parecia excessivamente dimensionado para se proceder a uma análise. O critério adotado, então, foi eleger para a análise amostra dos textos de todos os alunos que tivessem feito a primeira e a última propostas de redações do ano. Dessa forma, seria possível observar, além da progressão no uso de concordância nominal no decorrer dos anos letivos, se haveria diferenças no que tange à marcação de plural entre os mesmos indivíduos no começo e no final do ano escolar. Adiantamos, entretanto, que essa variável (*proposta de redação*) não foi selecionada como relevante pelo pacote estatístico empregado, justamente por não haver diferença significativa entre os níveis de CN nesses dois momentos do ano letivo.

Além de selecionar como informantes os alunos que haviam feito a primeira e a última propostas, foi necessário, ainda, retirar algumas outras redações devido a problemas diversos: dois alunos da 8<sup>a</sup> série foram eliminados devido à faixa etária: um completou 16 anos e outro completou 17 anos antes do final do ano escolar, distanciando-se da faixa etária aqui abordada (7 a 15 anos).

Foram eliminados também cinco alunos cujas datas de nascimento não constavam nos registros fornecidos pela escola, visto ser o fator *idade do informante* um dos fatores de análise relevante neste estudo. Por fim, foram eliminados dois textos destituídos de um mínimo grau de coerência, produzidos provavelmente por um aluno portador de deficiência auditiva.

Assim, dos 2748 textos coletados, foram analisadas 640 redações. A distribuição final por séries, turmas e propostas está contida nas tabelas 1 a 5.

Tabela 1: Número de propostas de redação da 5ª série analisadas

| <i>Série/Redação</i> | <i>Proposta 1</i> | <i>Proposta 6</i> |
|----------------------|-------------------|-------------------|
| <b>5ª Série A</b>    | 25                | 25                |
| <b>5ª Série B</b>    | 28                | 28                |
| <b>5ª Série C</b>    | 26                | 26                |
| <b>SUBTOTAL</b>      | <b>158</b>        |                   |

Tabela 2: Número de propostas de redação da 6ª série analisadas

| <i>Série/Redação</i> | <i>Proposta 1</i> | <i>Proposta 6</i> |
|----------------------|-------------------|-------------------|
| <b>6ª Série A</b>    | 26                | 26                |
| <b>6ª Série B</b>    | 24                | 24                |
| <b>6ª Série C</b>    | 31                | 31                |
| <b>SUBTOTAL</b>      | <b>162</b>        |                   |

Tabela 3: Número de propostas de redação da 7ª série analisadas

| <i>Série/Redação</i> | <i>Proposta 1</i> | <i>Proposta 6</i> |
|----------------------|-------------------|-------------------|
| <b>7ª Série A</b>    | 25                | 25                |
| <b>7ª Série B</b>    | 14                | 14                |
| <b>7ª Série C</b>    | 17                | 17                |
| <b>7ª Série D</b>    | 15                | 15                |
| <b>SUBTOTAL</b>      | <b>142</b>        |                   |

Tabela 4: Número de propostas de redação da 8ª série analisadas

| <i>Série/Redação</i> | <i>Proposta 1</i> | <i>Proposta 6</i> |
|----------------------|-------------------|-------------------|
| <b>8ª Série A</b>    | 27                | 27                |
| <b>8ª Série B</b>    | 36                | 36                |
| <b>8ª Série C</b>    | 31                | 31                |
| <b>SUBTOTAL</b>      | <b>188</b>        |                   |

Tabela 5: Número total de propostas de redação analisadas.

| <i>Séries</i>                     | <i>Números de textos analisados</i> |                   |
|-----------------------------------|-------------------------------------|-------------------|
|                                   | <i>Proposta 1</i>                   | <i>Proposta 6</i> |
| <b>5ª Série</b>                   | 79                                  | 79                |
| <b>6ª Série</b>                   | 81                                  | 81                |
| <b>7ª Série</b>                   | 71                                  | 71                |
| <b>8ª Série</b>                   | 94                                  | 94                |
| <b>Total de textos analisados</b> | <b>640</b>                          |                   |

Constituída a subamostra de escrita a ser analisada, buscaram-se os inquiridos do corpúsculo oral que correspondessem à faixa etária e à escolaridade dos produtores de textos escritos. Assim, foram utilizadas neste trabalho as entrevistas cujos informantes, à época da constituição do Iboruna, estavam no 2º ciclo do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e na faixa etária proposta pelo Iboruna de 7 a 15 anos, somando oito amostras.

As amostras de fala, entretanto, não apresentaram nenhum informante de 7, 8, 9, 10 e 13 anos. No mesmo sentido, as redações representativas do registro escrito da língua não apresentaram informantes menores de 10 anos, já que essa é a idade em que geralmente os alunos ingressam na 5ª série do Ensino Fundamental. A partir disso, decidimos restringir o trabalho a informantes que tenham entre 10 a 15 anos, apesar de faltarem nas amostras orais duas dessas idades. O perfil dos informantes selecionados para análise do corpúsculo Iboruna encontra-se descrito no quadro 4, a seguir.

Quadro 4: Perfil social dos informantes analisados do corpúsculo Iboruna

| Informante/<br>Variáveis | Sexo/gênero | Idade   | Escolaridade        | Renda                      |
|--------------------------|-------------|---------|---------------------|----------------------------|
| AC 009                   | Masculino   | 12 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | Mais de 25 SM <sup>6</sup> |
| AC 010                   | Feminino    | 14 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | Mais de 25 SM              |
| AC 011                   | Masculino   | 14 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | De 11 a 24 SM              |
| AC 012                   | Feminino    | 12 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | De 11 a 24 SM              |
| AC 013                   | Masculino   | 11 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | De 6 a 10 SM               |
| AC 014                   | Feminino    | 11 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | De 6 a 10 SM               |
| AC 015                   | Masculino   | 15 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | Até 5 SM                   |
| AC 016                   | Feminino    | 14 anos | 2º ciclo Ens. Fund. | Até 5 SM                   |

Selecionadas as amostras de fala, foi necessário ouvi-las criteriosamente a fim de verificar se as marcas de plural transcritas eram efetivamente realizadas na fala. O universo de pesquisa, portanto, foi constituído de 640 textos escritos e 40 amostras orais (cinco tipos de relatos distintos para cada um dos oito informantes).

<sup>6</sup> SM: salários mínimos.

### 2.4.1 Da seleção das ocorrências

A partir da leitura atenta dos textos, foram levantados todos os SNs com dois ou mais constituintes nos quais a marcação de pluralidade é aplicada, como em (8-9), ou poderia ser aplicada e não o é, como em (10-11)

- (8) *Um navio lindo, vários restaurantes, vários banheiros, 5 salas de cinema, muitos lugares para dormir, (HOP, 7A, P6)*
- (9) *(...) a gente fala pati que... assim só dão... valor pras coisas materiais... (IBORUNA, AC014, L303-304)*
- (10) *(...) eu e minha mãe se divertíamos com tantas coisas boa logo na noite. (TKS, 7A, P6)*
- (11) *(...) o M. também saiu já foi pra umas boate lá em Rio Preto... ficou c'umas menina lá (IBORUNA, AC010, L159-160)*

Alguns dados tiveram de ser retirados da análise por razões diversas. Seguem os tipos de dados excluídos e respectivos exemplos<sup>7</sup>.

#### i. SNs compostos por palavras estrangeiras

- (12) *também tinha uns games para jogar (LT, 7C, P6)*
- (13) *Toda noite tem festa e vários show acontece no cruzeiro (WHP, 7B, P6)*
- (14) *eu acho que deveria construir mais alguns shoppings algumas lojas (IBORUNA, AC013, L165)*

#### ii. SNs cujo quantificador é a palavra “vários” em função de sua forma invariavelmente de plural.

- (15) *(...) nós duas nunca havíamos viajado para outro país, depois de várias horas de viagem.” (BSB, 8B, P6)*
- (16) *Fizemos vários passeios, visitamos vários lugares turístico... (CCSF, 8B, P6)*

---

<sup>7</sup> Os exemplos advindos do corpus escrito foram transcritos exatamente como no original.

(17) (...) *antes era... várias apostilas agora é só uma apostila com todas as matérias...* (IBORUNA, AC013, L150-151)

iii. SNs cujo núcleo é representado por um numeral, por não conter marcas formais de plural, apenas semânticas.

(18) (...) *cheguei lá mais ou menos umas dez dez e meia em São Paulo*” (IBORUNA, AC012, L5-6)

(19) *Florentina deu as costa aos dois,*” (NTSS, 5B, P1)

(20) (...) *a professora ocupava só uma... que ai as outras duas era pra professora colar algum trabalho que os alunos faz...* (IBORUNA, AC015, L591-592)

iv. SNs que envolvem expressões fixas, sempre realizadas no plural.

(21) (...) *voltou na hora da saída do marido, mas não gostou do que viu, Ricardo aos beijos com outra!* (TPB, 7ª, P1)

(22) *Tudo mil maravilhas até o dia de voltar.* (HVC, 8C, P6)

(23) (...) *minha mãe na/às vezes ela não deixa eu ir pra Rio Preto... às vezes ela nem quer também que daí eu fico lá* (IBORUNA, AC010, L167-168)

v. Nomes próprios.

(24) *Tomara que eu vou de verdade para o Estados Unidos.* (JMES, 5A, P6)

(25) *Nos cinemas, tem vários filmes tem cada salas com vários filmes de vídeos como, As Branquelas, Scubre-doow e etc* (GO, 7ª, P6)

(26) *porque são dois Palestra cam/o clu/o clube de campo e o/e a sede* (IBORUNA, AC014, L215-216)

vi. Casos de hipercorreção

(27) *eu acabo de ganhar uma passagem para Miami (EUA) em uma praia de famíliasres muitos ricos.*” (MRA, 8B, P6)

(28) *e fiquei eu com as quarentas pessoas.* (CSF, 7D, P6)

(29) *lá tinha de tudo tinha pisina, quadras, lojas, restalrantes, bares, shows de artistas, suites muito belas, gentes elegantes, os empregados bem vestidos,* (NF, 7B, P6)

- (30) *e tem... uhm... mais ou menos **umas vinte e sete vinte e oitos carteiras...** (IBORUNA, AC013, L60-61)*

vii. *Pluralia tantum*

- (31) *(...) nós tínhamos que voltar para o Brasil, mas com **muitas saudades de Miami** (SFJ, 8B, P6)*
- (32) *(...) saímos pensando em voltar no outro ano, pois **as férias mais legal e divertida, foi as férias em Miami.**” (SFJ, 8B, P6)*
- (33) *(...) ele ficou um pouco mexido com **o ciúmes dela**” (ACM, 7C, P1)*

viii. SNs que, nos dados orais, apresentam o mesmo som entre fronteiras de palavras, impossibilitando a determinação de existência ou não de marca de plural

- (34) *É... **essas cenas** assim de sexo **essas coisas** acho que influencia também... (IBORUNA, AC010, L437)*
- (35) ***aí os moleque** saía correndo... (IBORUNA, AC015, L319)*
- (36) *na prova todo mundo tira nota boa... pra ele **todos os alunos** são bons... (IBORUNA, AC016, L475-476)*

ix. SNs cuja configuração envolve fatores não arrolados previamente (quando da definição dos fatores que correspondem a cada grupo) e cuja quantidade pouco significativa de ocorrências não justificou incluí-los na análise.

a. Determinantes antepostos ao núcleo na terceira posição do SN:

- (37) *eu comprei lembrancinhas para **todos os meus** amigos e meus familiares. (LLS, 8B, P6)*

b. SNs formados por palavras compostas

- (38) *bebemos **muitas água-de-coco** conversamos e brincamos muito. (JSP, 8B, P6)*
- (39) *e os **salva vida** arrumando nossa cadeira (ILC, 7C, P6)*



(40) *a sala tinha **dois ar-condicionado**...* (IBORUNA, AC015, L632)

c. SNs formados por abreviações ou siglas

(41) *Já era **uma 4H** da tarde meu filho não sabia mas o que fazer lá na Disney.*” (PAG, 5C, P6)

(42) *(...) vai ser mais ou menos quase... **quinhentos M.L.** de cola...* (IBORUNA, AC011, L204)

Foram retirados do estudo, ainda, alguns dados de escrita que geraram dúvida quanto à existência ou não de –S e alguns de fala cuja pronúncia em tom baixo não permitiu discernir com clareza a existência ou não desse som.

#### 2.4.2 Da definição da variável dependente

O estudo da marcação de pluralidade no SN envolve um envelope de variação constituído por uma variável binária dependente: presença X ausência de marcação, formalizada por <s>. O contexto de análise é qualquer SN de dois ou mais elementos, independentemente de sua função sintática, como se pode ver nos exemplos (43-46).

(43) *depois de **cinco dias** naquele paraíso chegamos a Miami.* (ILC, 7C, P6)

(44) *vou jantar **nos restaurantes mais chiques** de lá.* (NC, 6B, P6)

(45) *bom... pela frente... tem **as catracas** pra entrar passa a carteirinha* (IBORUNA, AC014, L208)

(46) *a maioria **dos motorista** não respeita aqui...* (IBORUNA, AC013, L161)

Um estudo da marcação de pluralidade em bases formais envolve, como já citado, dois tipos de análises: uma atomística, que se ocupa de cada elemento do SN separadamente

e uma não-atomística, que analisa o SN inteiro como um todo. Para a análise atomística, estabelecemos como variável dependente, a presença ou ausência de marcação em cada constituinte do SN. Em um exemplo como (47)

(47) *Arrumamos **nossas malas** e fomos.* (ACS, 8A, P6)

temos dois constituintes, ambos marcados. Já em

(48) *Assim se passaram 8 dias de **muitas diversão** fartura de comida.* (RMF, 8A, P6)

temos dois constituintes, o primeiro marcado e o segundo não marcado. Cada um deles recebe, pois, separadamente, uma codificação distinta.

Por outro lado, para a análise não-atomística classificamos como presença de marcação os casos em que há plural em todos os elementos do SN passíveis de pluralização, como em (49). Os casos em que um ou mais elementos do SN não apresentarem a marca, como em (50), foram classificados como destituídos de marcação.

(49) ***meus professores...** alguns deveriam ter mais... éh... deveriam ouvir mais a gente* (IBORUNA, AC013, L130)

(50) *Isso acontece dificilmente, por não tem condições de ir numa **dessas viagens inesperada.*** (RVE, 8ª, P6)

Passamos, em seguida, a discutir as variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizadas na presente pesquisa.

## 2.5 As variáveis linguísticas

### 2.5.1 Análise atomística

Cada constituinte de SN no plural recebeu um código para cada um dos doze grupos de fatores independentes, sete grupos de fatores linguísticos ou internos e cinco grupos de fatores sociais ou externos. Os internos são: (i) posição linear e classe gramatical; (ii) processos morfofonológicos de formação de plural; (iii) tonicidade do item lexical singular; (iv) número de sílabas do item lexical singular; (v) contexto fonético/fonológico seguinte; (vi) marcas precedentes ao elemento analisado; (vii) formalidade dos substantivos e adjetivos. Os externos são: (i) gênero; (ii) idade; (iii) escolaridade; (iv) proposta de redação e (v) modalidade.

Com a variável *posição linear e classe gramatical*, aqui adotada em virtude da análise de Scherre (1996a), que considera que o amalgamento entre *posição* e *classe* proporciona resultados mais consistentes, pretendemos analisar a marcação de pluralidade dos núcleos de SNs comparando-as com as classes de palavras que ocupam as posições pré-nuclear e pós-nuclear. A hipótese envolvida com esse grupo de fatores leva em conta a sugestão de Guy (1981) de que haja uma possível correspondência entre classe gramatical e posição no SN, além de buscar verificar se posição é mais relevante que a classe gramatical. Nesse sentido, é possível afirmar que qualquer elemento na primeira posição tende a ser muito marcado e que, por exemplo, um núcleo na primeira posição provavelmente apresenta mais marcas do que um núcleo na segunda ou na terceira posição. Supomos, também, que qualquer classe anteposta seja mais marcada do que as classes pospostas ao núcleo.

Embora para esse grupo tenhamos adotado os fatores introduzidos por Scherre (1994), preferimos dividir o que a autora considera como determinantes em adjetivos e determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, quantificadores), por acreditarmos que eles possam

comportar-se de maneira distinta quanto à marcação de pluralidade. Todos esses fatores estão dispostos e exemplificados em (51a-k), respectivamente:

i. determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, quantificadores) antepostos ao núcleo na 1ª posição do SN;

(51) a (...) *aí na frente fica assim **as mesas**<sup>8</sup>... de quem dobra toalha (IBORUNA, AC016, L179-180)*

ii. determinantes antepostos ao núcleo na 2ª posição do SN;

b *Lucas pedia para sair com **todas as mulheres** mas nenhuma saía com ele. (LMC, 7B, P1)*

iii. determinantes pospostos ao núcleo na 2ª posição do SN;

c (...) *que você seja muito feliz e espero **notícias suas**. (LGFB, 6B, P6)*

iv. determinantes pospostos ao núcleo nas demais posições do SN;

d (...) *comprei vários presentes para minha família e para **alguns amigos meus** que não puderam vim. (FGB, 5C, P6)*

v. adjetivos antepostos na 1ª posição do SN;

e *E **esses** quatro dias, foram os melhores para nós, mulherada, curtição e **altas ondas**, (EMAS, 8ª, P6)*

vi. adjetivos antepostos na 2ª posição do SN;

f (...) *eu só tinha vontade de aproveitar os **últimos momentos** perto dos meus amigos (CMAR, 8B, P6)*

vii. adjetivos pospostos na 2ª posição do SN;

g *Na sala de jogos, tem como mesa de pilhar, mesa de cinuca, golfe, jogos de tiros, **jogos infantil** para os mais pequeno, pimbolim (GO, 7A, P6)*

---

<sup>8</sup> Os SNs de que tratamos aparecem em negrito, já o constituinte que exemplifica cada fator de análise aparece sublinhado.

viii. adjetivos pospostos nas demais posições do SN.

*h* (...) *começam pelos restaurantes, são enormes com grandes mesas e as cadeiras altas* (LPM,7A,P6)

ix. núcleos (substantivos ou categorias substantivadas) na 1ª posição do SN;

*i* (...) *os restaurantes então com comidas maravilhosas com muita elegância* (MT, 7A, P6)

x. núcleos na 2ª posição do SN;

*j* (...) *ai chegou os parente dele né?* (IBORUNA, AC015, L210)

xi. núcleos nas demais posições do SN;

*k* (...) *eles ponharam tipo d'uma... uma lagoinha né? que eles ponhavam um plástico né?... que er uns três metros assim por dois assim* (IBORUNA, AC015, L530-531)

A saliência fônica foi tratada, nesta pesquisa, como em Scherre (1988) e em Campos e Rodrigues (2002), com base em três eixos distintos: *processos morfofonológicos de formação de plural, tonicidade do item lexical singular e número de sílabas do item lexical singular*.

Assim, a hipótese relacionada à variável *processos morfofonológicos de formação de plural* é a de que quanto maior a diferença entre as formas singular e plural de um nome, maior o uso de marcação explícita de plural. A saliência relaciona-se, pois, ao índice de estranhamento social que possa provocar, já que o uso de um SN sem marcação em elementos mais salientes provavelmente levará a maior estigmatização social do que um uso de marcação não-padrão em um elemento formador de plural regular. Os fatores definidos para esse grupo foram os mesmos de SCHERRE (1988), e os exemplos correspondentes estão em (52a-f):

i. plural duplo;

(52) a *Mas estava acabano os **dias** maravilhosos em Miami (MPS, 8A, P6)*

ii. plural irregular de palavras terminadas em -l;

b *Em um belo dia, **dois** casais de namorados resolvem ir ao cinema (PFLD, 8B, P1)*

iii. plural de palavras terminadas em -ão;

c *(...) na segunda vez eu peguei **oito** aviões eu peguei dois pra ir (IBORUNA, AC012, L55)*

iv. plural de palavras terminadas em -r;

d *(...) hoje em dia **as** próprias mulheres trai os seus esposos (DFJ, 8A, P1)*

v. plural de palavras terminadas em -s;

e ***Os** rapazes eram comportados, bem compreensivos com as mulheres (LAA, 6C, P1)*

vi. plural regular.

f *(...) num tem banheiro junto c'o quarto mas tem assim no corredor indo pros quartos... (IBORUNA, AC010, L208-209)*

O fator *tonicidade do item lexical singular* foi introduzido nos estudos sobre concordância por Guy (1981), que afirma ser raro o efeito da supressão em sílabas tônicas. Scherre (1988) também confirma a relevância desse grupo de fatores para explicar dados de marcação de pluralidade no SN. Dessa forma, espera-se que os oxítonos e monossílabos tônicos sejam mais marcados que os paroxítonos e proparoxítonos. Scherre (1988) dividiu o grupo em três subgrupos: oxítonos e monossílabos tônicos, paroxítonos e monossílabos átonos e proparoxítonos. Optamos, entretanto, por dividir o grupo em quatro, já que, a nosso ver, os monossílabos átonos podem ser mais marcados que os paroxítonos em virtude de

ocuparem geralmente a primeira posição no SN. Assim, o grupo ficou constituído como segue e seus exemplos estão dispostos em (53a-e).

i. oxítonas e monossílabos tônicos;

- (53) a *não parávamos de pensar em Miami, nas prais, nos hotéis etc. (ALG, 8A, P6)*  
 b *(...) você só sabe... ficar saindo com seus amigo à noite (IBORUNA, AC016, L136)*

ii. paroxítonas;

- c *(...) resolvemos gastar o dinheiro de todas as formas possíveis (BEMB, 8C, P6)*

iii. proparoxítonas;

- d *(...) aí no fundo tem... tem as máquina de passar roupa... (IBORUNA, AC016, L188-189)*

iv. monossílabos átonos.

- e *As pessoas eram muito gentis e educadas foi uma ferias e tanto (LT, 7C, P6)*

O grupo de fatores *número de sílabas do item lexical singular* objetiva testar se os itens com maior número de sílabas, que contêm mais material fônico, são, por isso, mais perceptíveis e, portanto, mais marcados que os itens com menor número de sílabas. Os fatores empregados, advindos de Scherre (1988), são:

i. uma sílaba;

- (54) a *No início, meus pais não aceitaram. (WES, 8C, P6)*

ii. duas sílabas;

- b *(...) ele me deu esse carrinho aproximadamente umas... onze horas da noite (IBORUNA, AC011, L12)*

iii. três ou mais sílabas.

- c* *Chegando lá contamos os mínimos detalhes, até ficamos emocionadas. (FRS, 8C, P6)*

A inserção do grupo de fatores *contexto fonético/fonológico seguinte* se explica pela suposição de que, quando o segmento seguinte ao elemento analisado começa por vogal, a inserção de –S seria favorecida, em virtude de possibilitar a formação de estrutura de sílaba padrão do português (consoante-vogal), unindo o –S com a vogal do item seguinte, enquanto uma palavra começada por consoante inibiria a marcação, por não permitir a ocorrência dessa ligação. Em relação à pausa, verificaremos se há favorecimento de inserção do morfema de plural antes desse contexto, assim como mostraram os resultados de Braga (1977 *apud* SCHERRE, 1988), Guy (1981) e Scherre (1988). Optamos pelos fatores empregados em análise inicial de Scherre (1988), porém com a ressalva de não separar a pausa em pausa final e pausa interna, já que os pesos relativos resultantes de sua análise são muito próximos, o que não justifica uma diferenciação tão refinada. Os fatores empregados e os exemplos referentes a esse grupo estão dispostos em (55a-c).

i. vogal;

- (55) *a* (...) *na verdade eu acho que alguns alunos às vezes... são meio assim que não respeitam eles (IBORUNA, AC013, L138-139)*

ii. consoante;

- b* *Na escola de Roger havia duas meninas que gostavam dele (ROS, 8C, P1)*

iii. pausa.

- c* (...) *uma moça muito bela, com um vestido branco longo, cabelos lisos e uma máscara que cobria uma metade de seu rosto, nunca vista por aquelas redondezas. (KIVA, 8C, P1)*

Poplack (1980) adota, para explicar os dados de marcação de pluralidade do espanhol porto-riquenho, o princípio do paralelismo formal, ou seja, marcas levam a marcas e zeros



levam a zeros. Na análise atomística, o grupo *marcas precedentes ao elemento analisado* visa justamente a observar os efeitos das marcações de plural, zero formal ou mistura de marcas no favorecimento ou desfavorecimento de marcação no constituinte subsequente do SN. Scherre (1988) também comprovou a importância desse fator para explicar os dados do português brasileiro. Os fatores desse grupo são exemplificados em (56a-k).

i. ausência de elemento precedente (elemento analisado na primeira posição);

(56) a (...) *mas do lado de fora... que os **aluno** num pode atravessar né?* (IBORUNA, AC015, L612-613)

ii. zero formal na primeira posição;

b *Gosto de ir a esse lugares **divertido** e até em pizzeria.* (LBG, 6A, P6)

iii. numeral na primeira posição

c (...) *um homem de **trinta e um** ano queria bater no moleque* (IBORUNA, AC015, L447)

iv. marca formal de plural na primeira posição;

d (...) *isso aí era **uns** negócio de era vamos supor que você passasse no seu dedo* (IBORUNA, AC015, L683-684)

v. marca formal de plural na segunda posição: presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o elemento analisado na terceira ou quarta posição;

e *Muitos cavaleiros largaram **as suas** damas, para pedir a mão daquela bela moça* (KIVA, 8C, P1)

f (...) *aconteceria o show do ano dentro do hotel em que estávamos, com **os melhores cantores** internacionais que existem* (ACLM, 8A, P6)

vi. núcleo mais alto com marca de plural;

g (...) *eu axo que foram **umas** das melhores viagens que eu já fiz na vida* (WAO, 7A, P6)

vii. núcleo mais alto no singular;

*h* (...) a maioria **das** *peessoas* não falam a minha lingua (JPP, 5B, P6)

viii. mistura de marcas: envolve presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediado por zero em elemento que admite marca;

*i* (...) *esse navios **transatlantico*** e muito o navio, deve peza uma 100 toneladas de peso (GO, 7A, P6)

ix. zero formal a partir da primeira posição: entre a última marca formal e o elemento analisado, há pelo menos um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou por um modificador.

*j* (...) *ái tinha **alguns vidro quebrado***... (IBORUNA, AC015, L605)

*k* (...)vou jantar **nos retaurante mais chiques** de lá. (NC, 6B, P6)

Scherre (1988) e Campos e Rodrigues (2002) apontam como relevante o grupo *formalidade dos substantivos e adjetivos*. Scherre (1988) o dividiu em três fatores: *animacidade, formalidade léxica e grau dos itens léxicos*. Decidimos, entretanto, usar apenas a variável *formalidade léxica*, unindo as três variáveis anteriores, como o fizeram Campos e Rodrigues (2002). Classificamos, então, como informais, tanto palavras usadas como gíria (tais como “cara”, “coisa”, “capanga”), quanto palavras usadas no grau diminutivo ou aumentativo que parecem acrescentar à palavra um sentido pejorativo ou afetivo (tais como “gracinha”, “mocinho”, “garotão”, “comprinha”). Além disso, são classificadas por Scherre (1988) como itens informais palavras genéricas, exemplificados pela palavra “coisa”. Todas as demais são classificadas como substantivos formais. Os exemplos para os fatores desse grupo estão em (57a-b).

i. formal;

(57) *a* (...) Voltamos para os aposentos para descansar um pouco (LPM, 7A, P6)

ii. informal.

*b* (...) ele num é *daqueles* cara brincalhão sabe? (IBORUNA, AC015, L147)

Apresentados e exemplificados os fatores de cada grupo da perspectiva atomística, passemos, pois, aos grupos de fatores testados na perspectiva não-atomística.

### 2.5.2 Análise não-atomística

Nessa perspectiva de análise, cada SN foi classificado como um todo segundo os seguintes grupos de fatores: (i) pluralidade do contexto; (ii) localização do SN na oração; (iii) formalidade e (iv) coesão sintagmática.

O grupo de fatores *pluralidade do contexto* busca observar se a tendência para que formas parecidas ocorram conjuntamente também se verifica em termos de SNs. Assim, espera-se que essa harmonia formal ocorra não somente na ligação entre os elementos internos ao SN, mas também na relação de um SN com os demais de seu co-texto.

Ainda que a nossa formulação tenha se inspirado em Scherre (1988), esse grupo de fatores foi simplificado, contendo, portanto, apenas quatro categorias. Vale ressaltar que consideramos como uma série quando há SNs no plural dentro de um mesmo período, em virtude de sua proximidade ou, ainda, quando um SN de mesmo núcleo se repete dentro de um texto, devido à ligação que se faz com seu anterior. Já para o registro oral, consideramos séries SNs que não distem mais de dez orações de seu antecedente/posterior, desde que não haja mudança de turno. Os exemplos aparecem em (58a-d)

i. SN isolado;

- (58) *a Um dia eles saíram juntos mais com amigo, ai o Mauricio falou para ela que queria jantar com ela, bom eles foram o Mauricio foi ao banheiro e ela ficou com os **amigo** dele, mas nesse meio tempinho ela beijo um amigo dele. (CCC, 7C, P1)*

ii. SN primeiro de uma série;

- b (...) eu num uso muito a internet **as páginas** assim eu uso mais... o meu flog né? que eu tenho flog onde põe as fotos e tal... e o MSN também eu uso só/só o MSN... pego que a gente pega o e-mail de todo mundo lá... adiciono... e conversa todos os amigos que hoje todo mundo tem (IBORUNA, AC010, L340-343)*

iii. SN precedido de SN formalmente marcado;

- c Foram as melhores férias que eu já tive, nunca havia visto **praias maravilhosas e roupas incríveis** como vi lá. Minha irmã também adorou Miami e **os meninos** de lá também. Pena que tivemos que voltar a nossa rotina de trabalho e estudo, mas **alguns dias** de laser e descanso é fundamental. Essas férias foram inesquecíveis. (MC, 8A, P6)*

iv. SN precedido de SN não marcado.

- d éh ah eu num (pretendo) (que ela é meio falsa sabe?)... minhas amiga quase ninguém gosta dela ela é muito falsa c'as **pessoa**... e assim eu era a única que dava atenção pra ela sabe? Chamava ela pra ir **nos lugar** eu tinha dó assim sabe?... (inint.) chamava ela num sei quê (inint.) –“vai larga a mão de ser boazinha cê é muito boazinha c'as **pessoa** num sei quê (inint.)” (IBORUNA, AC016, L80-84)*

A análise do fator *localização do SN na oração* foi também observada no trabalho de Scherre (1988). Ela mostra que o SN à esquerda da oração, na posição de tópico ou de centro da informação, tende a ser mais marcado do que o SN à direita ou em posição não definida. Assim os fatores desse grupo estão exemplificados em (59 a-c)

i. localização do SN à esquerda do verbo ou da oração;

(59) a (...) *as outras 3 pessoas também ganharam pacotes para 8 dias na Disneylândia.* (CP, 5C, P6)

ii. localização do SN à direita do verbo ou da oração;

b (...) *ele contém vários pontos... de... se assim né?... éh... onde as pessoas alimentam os peixe né?* (IBORUNA, AC011, L144-145)

iii. localização indistinta.

c (...) *eu gosto de passar lápis no olho lápis preto (assim) no olho... sombra... bastante base e pó né? porque... as espinhas assim né?* (IBORUNA, AC010, L302-304)

Como o grupo de fatores *grau de formalidade dos substantivos e adjetivos* foi selecionado como relevante na análise atomística, inserimos o fator *formalidade do SN* também na análise não-atomística. Assim, buscamos verificar a hipótese baseada em Scherre (1988) de que SNs com alguma palavra com o traço informalidade (gírias, graus aumentativo e diminutivo com sentido pejorativo ou afetivo, palavras genéricas) são menos marcados que os demais. Para esse grupo definimos os seguintes fatores, exemplificados em (60a-b)

i. formal.

(60) a (...) *muito obrigada por ter me escutado com todas minhas lamentações do passado* (GCB, 6A, P1)

ii. informal

b (...) *só que o moleque é aqueles moleque maloqueiro né?* (IBORUNA, AC015, L42-43)

A análise do grupo *coesão sintagmática do SN* pretende comprovar a hipótese de que SNs mais coesos, ou seja, destituídos de elementos intervenientes não flexionáveis, são mais marcados do que aqueles cujos constituintes flexionáveis são interseccionados por elementos diversos. A coesão, portanto, levaria a mais marcas. Por outro lado, a presença de um

elemento não flexionável no interior do SN dificulta a ligação entre os elementos que deveriam receber marcação explícita de pluralidade. Os fatores utilizados basearam-se em Scherre (1988) e estão expostos abaixo e devidamente exemplificados em 61 (a-b).

i. SN sem elemento interveniente;

(61) *a* (...) *põe no fardo... pra depois levar embora (inint.) tudo roupa de motel de hotel de restaurante... as toalhinha de restaurante (IBORUNA, AC016, L359-360)*

ii. SN com elemento interveniente.

*b* (...) *Depois fomos almoçar, almoço com comidas **bem** exóticas. (MFSC, 6C, P6)*

Passemos, então, a descrever os grupos de fatores sociais ou externos empregados nesta análise.

## 2.6 As variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas analisadas neste estudo são: (i) gênero; (ii) idade; (iii) escolaridade; (iv) proposta de redação; (v) modalidade. Os fatores (iii) e (iv) se referem apenas aos dados da modalidade escrita, visto que, na modalidade falada, não dispomos de informação detalhada sobre a seriação dos informantes (apenas se classificam os informantes pela faixa 2º ciclo do ensino fundamental) e o fator (iv), como já explicitado, pretende observar se há diferenças, em relação ao número de marcas de plural, entre as redações dos mesmos indivíduos compostas em momentos distintos – uma no primeiro semestre (proposta 1) e outra ao final do ano letivo escolar (proposta 6).

A inserção do grupo *gênero* deve-se ao fato, amplamente divulgado na literatura sociolinguística, de que as mulheres mostram maior sensibilidade à variante de prestígio.

Assim, uma hipótese plausível é comprovar se essa tendência se manifesta desde cedo no ensino, que cultivava tradicionalmente o mesmo padrão de modo sistemático. Essa tendência já foi amplamente documentada em relação à concordância nominal, principalmente nos trabalhos de Scherre (1994, 1996) para o registro oral, e no trabalho de Mollica (2003) para o registro escrito.

Em Scherre (1998), o fator *idade* traz valores parecidos para quatro faixas analisadas (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49, 50 a 71 anos), mostrando maior taxa de concordância em idade profissionalmente produtiva. Trabalhamos com esse grupo de modo diferente, com o que para outros autores seria a faixa de 10 a 15 anos mas, como não estabelecemos comparação com outras faixas etárias, comparamos as idades entre si dentro dessa mesma faixa. Buscamos observar, pois, se a regra de CN se aplica uniformemente para cada grau etário que, em grande parte das pesquisas sociolinguísticas, é tomada como um único grupo. Além disso, a partir das afirmações de Labov (1974), será possível observar se há mudança de comportamento, no que se refere à marcação de pluralidade, no momento em que os adolescentes, com 14 ou 15 anos, chegam à terceira fase de aquisição da língua materna, chamada pelo autor de “percepção social”.

O fator *escolaridade* é, em grande número de pesquisas sociolinguísticas, apontado como relevante, na medida em que a exposição do indivíduo a um período maior de escolaridade leva a uma probabilidade maior de uso da variante culta. Nesta pesquisa trabalhamos, diferentemente da maioria das análises, com uma mesma faixa de escolaridade (2º ciclo do ensino fundamental). Porém, quando se trata dos dados de escrita, temos *escolaridade* desmembrada nos quatro anos que compõem o 2º ciclo do ensino fundamental. Nos dados de escrita, então, é possível verificar se há influência ou não da progressão escolar quanto ao uso de CN, tendência essa que já foi documentada e comprovada nos dados de

escrita de Mollica (2003) em relação ao 1º ciclo do ensino fundamental e Parisotto (1999) em relação às 4ª, 6ª, 8ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio.

Outro grupo de fatores exclusivo da modalidade escrita é a *proposta de redação*. Conforme já explicitado na seção 2.4, os informantes que constituem nossa amostra fizeram, durante o ano de 2008, seis propostas de redação. Observamos, então, se há diferenças, no que tange à marcação de pluralidade no SN, entre os mesmos indivíduos no início e no final do ano letivo.

A última variável codificada foi, justamente, o fator que originou a comparação entre os dois corpuses. Testando esse fator, buscamos verificar se é relevante a modalidade de língua no uso de marcação de plural. Essa suposição se deve ao fato de que a escrita tende a ser mais conservadora do que a fala, devido a seu caráter permanente, que permite revisões e correções. Além disso, estamos lidando com uma escrita monitorada, considerando a situação de produção, que é um contexto escolar em que os alunos estão conscientes da possibilidade de observação de sua escrita.

## **2.7 Da quantificação e da análise dos dados**

Para o processamento de dados empregamos o pacote estatístico *Goldvarb X* (TAGLIAMONTE *et. al.* 2001), idealizado pela Sociolinguística Quantitativa para a análise de fenômenos variáveis. Esse pacote estatístico permite ao pesquisador estabelecer importantes correlações estatísticas entre a adesão ou não à marcação explícita de pluralidade e traços identificadores de contexto linguístico e social mais favorecedores/desfavorecedores dela.



É possível afirmar, portanto, que a quantificação estabelecida por um instrumento estatístico permite entrever o encaixamento linguístico e o encaixamento social do fenômeno em variação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, [1968] 2006).

Além disso, rodadas dos dados isolados por suas modalidades permitem analisar se as variáveis que influenciam no uso não-padrão de CN na fala são os mesmos que levam ao mesmo uso na modalidade escrita da língua.

O programa fornece, para tanto, índices quantitativos, frequências e pesos relativos dos grupos aqui adotados para as variáveis linguísticas e sociais. Além de selecionar quais os fatores relevantes para explicar o fenômeno em foco, descarta os irrelevantes. Para tanto, utilizamos o programa *Ivarb*, que se aplica a uma variável dependente binária. O programa processa os dados em duas dimensões, o “step down” e o “bottom up”, que fornecem maior grau de segurança estatística, na medida em que os grupos que selecionar numa dimensão se acham em distribuição complementar com os grupos que descarta na segunda dimensão.

O peso relativo gerado, então, por ser a variável binária, é favorecedor de marcação quando maior que 0.5, desfavorecedor, se menor, e neutro, quando muito próximo desse nível.

Após discutir os grupos de fatores adotados e as hipóteses a eles relacionadas, o universo de pesquisa e os procedimentos metodológicos, passaremos, em seguida, à apresentação e à análise dos resultados.

### 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção visa a descrever os resultados obtidos com a análise quantitativa dos dados de marcação de pluralidade no SN. Os resultados encontram-se dispostos em tabelas e gráficos. As tabelas foram assim organizadas: frequência bruta dos casos (Freq.), seguida de suas médias percentuais (%) e pesos relativos (PR). Apesar de as médias percentuais constituírem dados significativos, a análise se deterá nos pesos relativos, que representam o efeito favorecedor ou desfavorecedor de cada fator sobre a variável dependente quando considerados todos os outros simultaneamente.

Nesta seção, a discussão dos resultados se baseará em diferentes rodadas de processamento, uma compreendendo os dados de escrita e a outra, os dados de fala. A primeira subseção, que traz os dados da análise atomística, apresenta, primeiramente, os fatores selecionados para as duas modalidades e descreve, posteriormente, os grupos de fatores selecionados para apenas uma delas. A seção seguinte trata dos dados da análise não-atomística, que é composta primeiramente por grupos de fatores selecionados para as duas modalidades simultaneamente nas duas rodadas e, posteriormente, por grupos selecionados para cada uma delas.

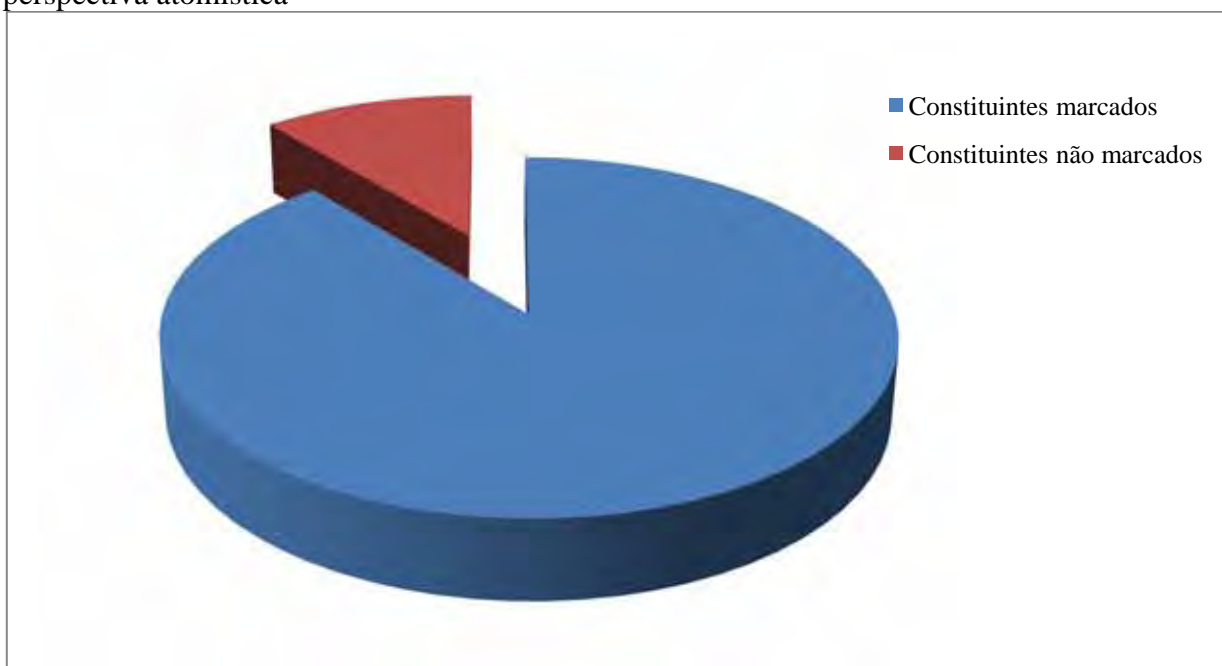
#### 3.1 Análise atomística

Inicialmente, fizemos uma rodada no *Goldvarb X* contendo todos os grupos de fatores expostos na seção anterior a fim de verificar se o grupo de fatores *modalidade* se mostraria relevante para explicar a marcação de pluralidade no SN. Os dados da análise atomística somaram 5391, dos quais 4799 (89%) apresentaram-se marcados. Seus percentuais estão expostos na tabela 6, acompanhada do gráfico 1.

Tabela 6: Número total de ocorrências e percentual de aplicação e não-aplicação de marcação na perspectiva atomística

| Presença de marcação | Ausência de marcação | Total       |
|----------------------|----------------------|-------------|
| 89% (4799)           | 11% (592)            | 100% (5391) |

Gráfico 1: Percentual geral de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva atomística



O alto percentual de itens marcados deve-se, provavelmente, ao fato de estarmos trabalhando com dados de escrita monitorada, que tendem a observar mais atentamente as normas prescritivas. Essa constatação se baseia em estudo anterior (FIAMENGUI, 2007), sobre análise no *cópus* Iboruna, em que os índices gerais de marcação para falantes do 2º ciclo do ensino fundamental foram de 75%. Outra análise recente do mesmo *cópus* sobre os SNs predicativos (SALOMÃO, 2010) mostra índices ainda mais baixos para esse nível de escolaridade, de 48% de marcação.

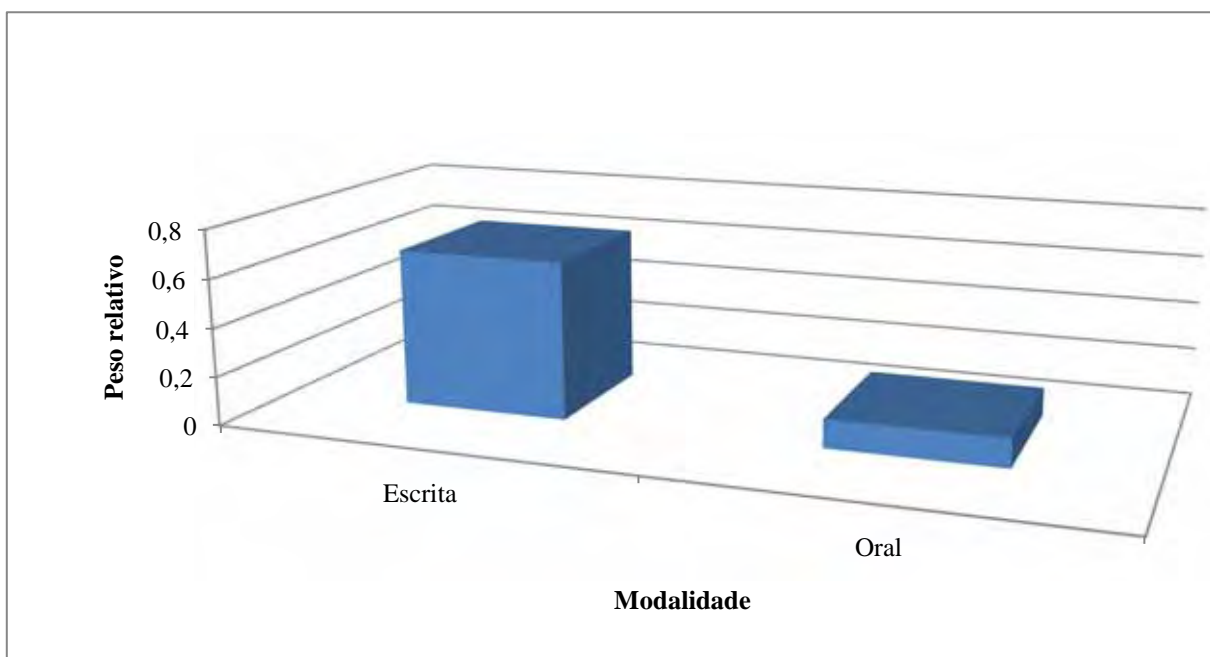
O primeiro grupo de fatores selecionado nessa rodada foi justamente *modalidade*, cuja frequência, percentuais e pesos relativos estão dispostos na tabela 7. Os gráficos e tabelas dispostos a seguir foram elaborados a partir dos valores de **aplicação** da marcação de plural.

Tabela 7: Relação entre *modalidade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística

| Fatores      | Freq              | PR                        |
|--------------|-------------------|---------------------------|
| Escrita      | 3875/4025 = 96.3% | 0.65                      |
| Oral         | 814/1256 = 64.8%  | 0.11                      |
| <b>TOTAL</b> | 4689/5281 = 88.8% | 0.96 (Input) <sup>9</sup> |

Significância 0.001

Gráfico 2: Relação entre *modalidade* e marcação de pluralidade na perspectiva atomística



Na direção esperada, vê-se que a modalidade escrita favorece a marcação de pluralidade, apresentando 0.65 de peso relativo e a modalidade oral a desfavorece (apenas 0.11). Esses resultados confirmam a hipótese, já discutida por muitos linguistas, de que a variação ocorre com maior frequência na fala, afetando menos a língua escrita monitorada.

Comprovam, além disso, que a variação na regra de concordância nominal também atinge a modalidade escrita, como também atestaram Mollica (2003), Parisotto (1999) e Casemiro (1995), fato por vezes refutado pelo saber comum.

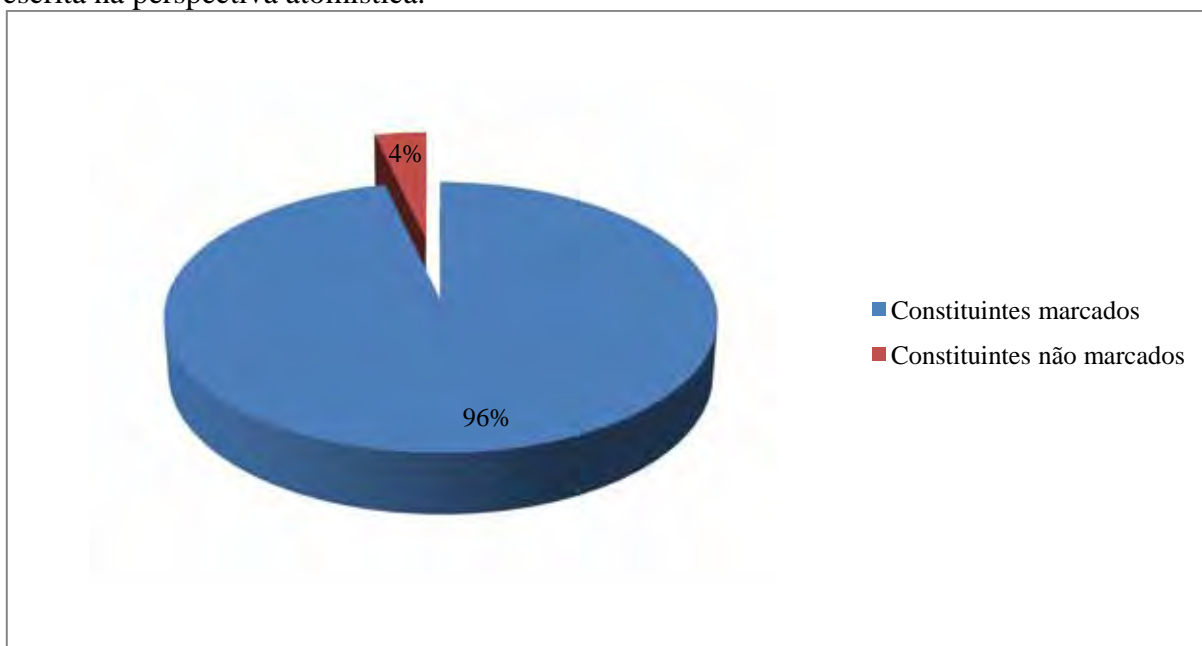
<sup>9</sup> O input representa o valor total independente; e o grau de significância mostra que quanto mais próximo de 0.0, maior o grau de relevância estatístico dos dados.

Observada a tendência da variável *modalidade* em apontar a escrita como favorecedora da presença de marcas e a fala como desfavorecedora, passemos aos resultados das rodadas em que esses dados foram considerados separadamente.

A rodada de processamento que analisa somente os dados de escrita conta, como já mencionado, com dois fatores exclusivos: *escolaridade* e *proposta de redação*. Por isso, a fim de investigar se, rodados separadamente, os fatores selecionados para a escrita seriam os mesmos para os dados de fala e de escrita, operamos duas rodadas que se descrevem simultaneamente, a partir dos grupos de fatores selecionados para ambas e posteriormente daqueles selecionados para apenas uma delas.

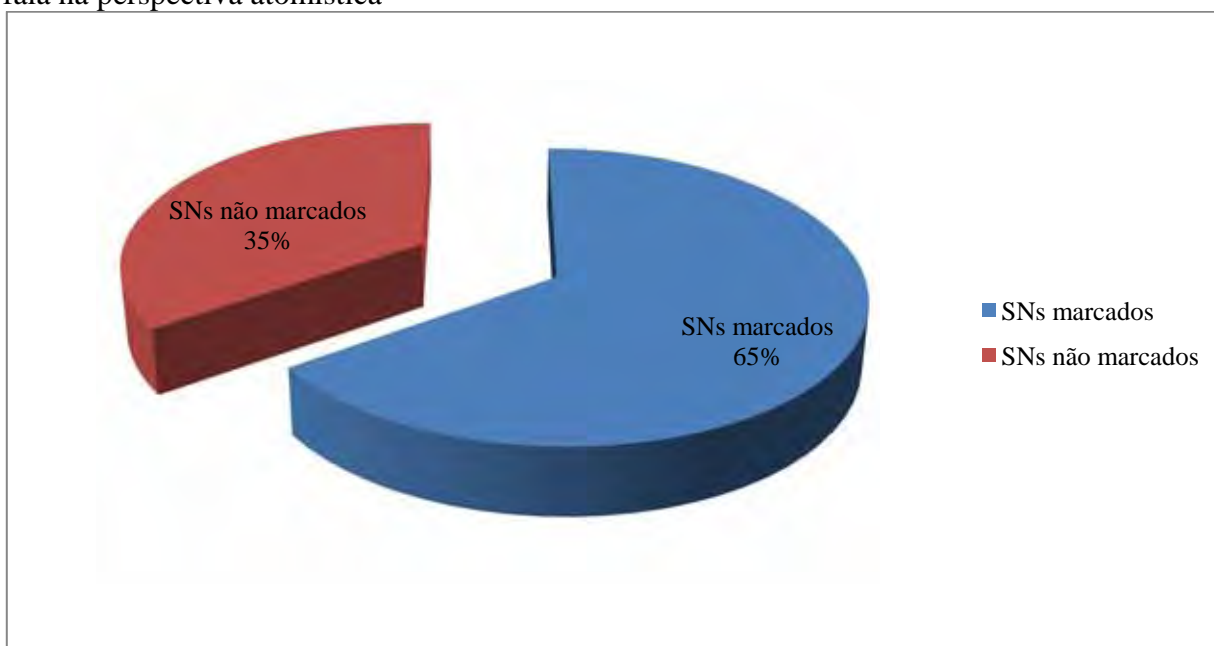
Os dados de escrita, sob a perspectiva atomística, totalizaram 4100, dos quais 3951 (96.4%) dispõem de marca explícita de plural. A taxa de marcação, portanto, foi maior que na rodada conjunta (89%). O percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade está representado no gráfico 3.

Gráfico 3: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados de escrita na perspectiva atomística.



Já para os dados de fala, os percentuais de marcação não foram tão altos. Contamos com um total de 1275 dados, dos quais 833 (65.3%) apresentam marca formal de plural, índice percentual bem abaixo dos dados de escrita. Os índices percentuais desta rodada de análise estão representados no gráfico 4.

Gráfico 4: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados de fala na perspectiva atomística



Os índices de marcação, que são mais baixos que os referentes aos dados de escrita nos permitem afirmar que, como supúnhamos, a fala apresenta mais variação, no que tange à marcação de pluralidade, do que a variedade escrita da língua. Nesse sentido, concordamos com Mollica que “o isomorfismo fala/escrita não se verifica completamente na questão da concordância nominal” (MOLLICA, 2003, p.71).

Os grupos de fatores selecionados para as modalidades escrita e oral foram dispostos no quadro 5, abaixo.

Quadro 5: Variáveis selecionadas para as modalidades escrita e oral na perspectiva atomística

| Variáveis selecionadas para a escrita    | Variáveis selecionadas para a fala         |
|--|--|
| Posição linear e classe gramatical       | Posição linear e classe gramatical         |
| Gênero                                   | Idade                                      |
| Escolaridade                             | Gênero                                     |
| Idade                                    | Número de sílabas do item lexical singular |
| Formalidade dos substantivos e adjetivos | Marcas precedentes ao elemento analisado   |

Como mostra o quadro 5, o grupo de fatores linguístico *posição linear e classe gramatical* e os fatores extralinguísticos *idade* e *gênero* foram selecionados nas duas rodadas, o que nos permite dizer que os dados são comparáveis na medida em que há grupos coincidentes.

A variável *escolaridade*, disponível apenas para os dados de escrita, mostra-se relevante para a análise, e o grupo de fatores *formalidade dos substantivos e adjetivos* foi selecionado apenas para a escrita. Por outro lado, o programa acrescentou, para os dados orais, os grupos de fatores *número de sílabas do item lexical singular*, pertencente ao eixo da saliência fônica e *marcas precedentes ao elemento analisado*, relacionado ao paralelismo formal.

### 3.1.1 Análise dos grupos de fatores selecionados para as duas modalidades

#### 3.1.1.1 Posição linear e classe gramatical

Vejamos, nas tabelas 8 e 9, os resultados da variável *posição linear e classe gramatical*, primeiro grupo selecionado em ambas as rodadas e, portanto, o mais importante para explicar tanto dados de fala quanto dados de escrita.

Tabela 8: Relação entre *posição linear e classe gramatical* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| <b>Fatores</b>   | <b>Freq</b>       | <b>PR</b>    |
|--|-------------------|--------------|
| Determinantes antepostos ao núcleo na primeira posição do SN | 1383/1421 = 97.3% | 0.56         |
| Determinantes antepostos ao núcleo na segunda posição do SN  | 177/183 = 96.7%   | 0.50         |
| Determinantes pospostos ao núcleo na segunda posição do SN   | 1/2 = 50.0%       | 0.03         |
| Determinantes pospostos ao núcleo nas demais posições do SN  | 2/3 = 66.7%       | 0.09         |
| Adjetivos antepostos ao núcleo na primeira posição do SN     | 33/35 = 94.3%     | 0.39         |
| Adjetivos antepostos ao núcleo na segunda posição do SN      | 31/31 = 100%      | <b>n</b>     |
| Adjetivos pospostos ao núcleo na segunda posição do SN       | 113/114 = 99.1%   | 0.78         |
| Adjetivos pospostos ao núcleo nas demais posições do SN      | 145/167 = 86.8%   | 0.18         |
| Núcleo na primeira posição do SN                             | 120/123 = 97.6%   | 0.57         |
| Núcleo na segunda posição do SN                              | 1585/1643 = 96.5% | 0.48         |
| Núcleo nas demais posições do SN                             | 317/335 = 94.7%   | 0.37         |
| <b>TOTAL</b>   | 3967/4117 = 96.4% | 0.97 (Input) |

Significância 0.033

Tabela 9: Relação entre *posição linear e classe gramatical* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| <b>Fatores</b>   | <b>Freq</b>      | <b>PR</b>    |
|--|------------------|--------------|
| Determinantes antepostos ao núcleo na primeira posição do SN | 518/527 = 98.3%  | 0.86         |
| Determinantes antepostos ao núcleo na segunda posição do SN  | 20/21 = 95.2%    | 0.87         |
| Determinantes pospostos ao núcleo na segunda posição do SN   | --               | --           |
| Determinantes pospostos ao núcleo nas demais posições do SN  | 1/3 = 33.3%      | 0.16         |
| Adjetivos antepostos ao núcleo na primeira posição do SN     | 1/2 = 50.0%      | 0.13         |
| Adjetivos antepostos ao núcleo na segunda posição do SN      | 3/3 = 100%       | <b>n</b>     |
| Adjetivos pospostos ao núcleo na segunda posição do SN       | 6/8 = 75.0%      | 0.32         |
| Adjetivos pospostos ao núcleo nas demais posições do SN      | 11/27 = 40.7%    | 0.29         |
| Núcleos na primeira posição do SN                            | 12/12 = 100%     | <b>n</b>     |
| Núcleos na segunda posição do SN                             | 209/589 = 35.5%  | 0.16         |
| Núcleos nas demais posições do SN                            | 37/68 = 54.4%    | 0.33         |
| <b>TOTAL</b>   | 833/1275 = 65.3% | 0.84 (Input) |

Significância 0.008



O grupo de fatores *posição linear e classe gramatical* foi a variável dependente mais significativa para a marcação de pluralidade no SN, uma vez que foi a única, dentre as variáveis linguísticas, selecionada para as duas modalidades. Apesar da relevância desse fator, grandes são as diferenças no que se refere aos pesos relativos e às tendências dos dados nas duas rodadas.

Para os dados de escrita, o fator *determinante anteposto na primeira posição do SN* não apresenta peso relativo tão alto (0.56) enquanto para os dados de fala obtivemos um índice muito maior (0.86). Portanto, podemos dizer que, na fala, um *determinante na primeira posição* é muito mais marcado do que na escrita, como se o falante iniciasse seu enunciado formulando logo o número de entidades a que quer se referir no discurso subsequente. Vejamos exemplos desses casos em (62-63), o primeiro, advindo dos dados de fala, que marca apenas o determinante na primeira posição, o segundo, proveniente dos dados de escrita, que marca apenas a segunda posição, ocupada por um constituinte nuclear, com o determinante na primeira posição não marcado.

(62) *não de gritar... gritar bater a porta é fazer gri/assim **esses** negócio que professor chato faz... (IBORUNA, AC014, L371-372)*

(63) *Passando-se **o** tempos nós tínhamos só mais dois dias para curtir (IKFS, 8ª, P6)*

Um determinante anteposto ao núcleo ocupando a segunda posição tem efeito neutro na escrita (0.50), enquanto na fala mostra-se altamente favorecedor de marcação de plural (0.87). Essa diferença pode residir no fato de que a fala só apresenta 21 casos para esse fator, 20 deles com marca formal de plural. A escrita, por outro lado, dispõe de 183 ocorrências, o que permite dizer que seus dados são mais representativos. O peso relativo neutro, apesar do percentual bastante alto, demonstra que, se há uma marca na primeira posição, a segunda

posição pode não trazer a marca, visto que o sentido de pluralidade já está expresso, como em (64). Por outro lado, pode também um determinante anteposto na segunda posição vir marcado, como em (65).

(64) *Seu irmão foi preso e pagou por **todos seu crimes**. (MVCT, 5C, P1)*

(65) *Ele começou a ligar para ela **todos os dias**, até que ela resolveu namorar (AC, 8C, P1)*

Todos os determinantes pospostos ao núcleo, como podemos observar em (66), são pouco marcados em ambas as modalidades, apesar de haver poucos dados, o que não permite generalizações muito seguras, apenas especulações.

(66) *Liguei para o Diego e o Max, muito **amigos meu**. (LHNS, 8ª, P6)*

O adjetivo anteposto na primeira posição desfavorece a marcação de pluralidade nas duas modalidades, apesar de a escrita apresentar um índice mais acentuado de adesão à regra normativa, o que provavelmente está vinculado ao índice geral de marcação para a escrita, mais alto que o apresentado para a variedade falada. Os adjetivos antepostos na segunda posição apresentaram-se categoricamente marcados, o que provavelmente se deve ao número reduzido de dados. Exemplos desses fatores estão em 67 e 68, respectivamente.

(67) *Enfim, **passado algumas horas** dentro do avião, chegamos ao nosso destino (IP, 8C, P6)*

(68) *Entretanto **as primeiras noites** eu e meu namorado dormimos em uma cama (CMAR, 8B, P6)*

Quando o adjetivo está posposto, na segunda posição, os resultados são divergentes, já que na escrita a marcação é favorecida, enquanto na fala é desfavorecida. Exemplos desses casos estão em 69 e 70, respectivamente. Há, na fala, apenas oito dados para representar a atuação desse fator, o que novamente implica baixa representatividade. Para os dados de escrita, é possível afirmar que o adjetivo se comporta diferentemente do determinante na situação de posposição, favorecendo a marcação, talvez justamente por veicular uma carga maior de informação semântica, como item lexical que é.

(69) *a tarde arrumaram umas amizades com **moças bonitas** passaram (FAR, 8B, P6)*

(70) *eu pretendo muito né? me formar nisso... (me tornar um) especialista em **coisas mecânica** assim... (IBORUNA, AC011, L241-242)*

A partir da terceira posição do SN, o adjetivo sempre desfavorece a inserção de marcas nas duas modalidades, apesar de contarmos novamente com poucos casos para a modalidade oral. É provável que, nessas posições, a ligação com os demais elementos do SN seja enfraquecida em virtude da maior distância dos elementos antepostos que, na maior parte das vezes, são marcados. A esse respeito, vejamos o exemplo (71).

(71) *Os 8 dias foram muito bom nos nos divertimos muito foi os **dias mais feliz** da minha vida. (ENNC, 8A, P6)*

O núcleo, por sua vez, só favorece a inserção de marcas quando na primeira posição do SN (exemplo 72), apresentando índice 0.57 na escrita e categoricidade na fala. A partir da segunda posição (exemplo 73-74), todas as médias estatísticas revelam-se desfavorecedoras de marcação.

(72) *Juvêncio, viu que quem estava atrás deles eram **homens importantes**, (GGO, 7B, P1)*

(73) *Os quarto era demais, parecia um hotel 5 estrelas fiquei encantada (CVC, 7A, P6)*

(74) *eu até que botava uns três segurança ali (IBORUNA, AC015, L927)*

Na escrita, os menos marcados são os núcleos a partir da terceira posição, enquanto na fala, são os localizados na segunda posição do SN. Como a primeira posição é a mais marcada, apenas ela favorece a inserção de marcação de um constituinte nuclear. Em qualquer outra posição, é possível afirmar que o núcleo aparece destituído de marcação em virtude de estar a primeira posição ocupada por um determinante ou um adjetivo que já veicule marcação, situação em que a informação de plural já está contida no SN em questão.

Podemos generalizar, principalmente no que se refere aos dados de fala, que tudo que está anteposto ao núcleo favorece a marcação de pluralidade e tudo o que está posposto a ele a desfavorece. Exceção registrada é a do adjetivo, cujos resultados não contemplam nossas expectativas de marcação em relação à posição no SN. Entretanto, o número de ocorrências é bastante reduzido, principalmente no caso dos antepostos (apenas cinco), o que provavelmente interfere nos índices encontrados.

Passemos agora para a análise dos resultados expostos nos gráficos 5 e 6, que apresentam os fatores organizados em função de sua posição no SN e que permitem, dessa maneira, visualizar melhor esses resultados e as generalizações que podem ser feitas a partir deles.

Gráfico 5: Relação entre *posição linear e classe gramatical* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

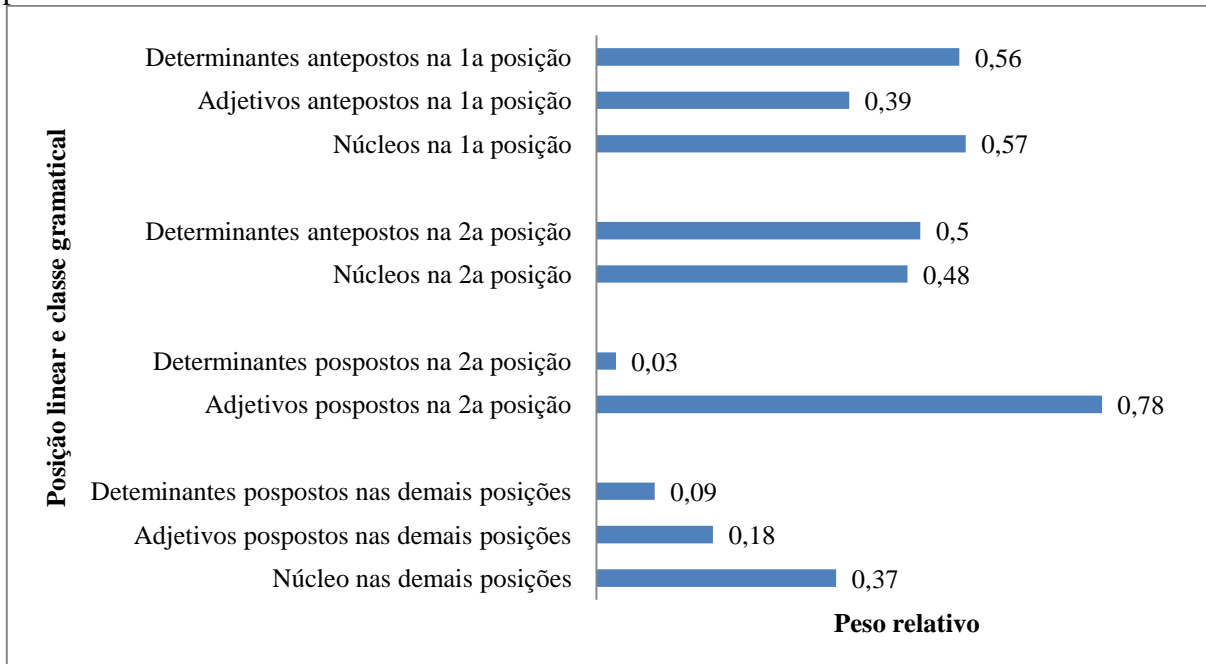
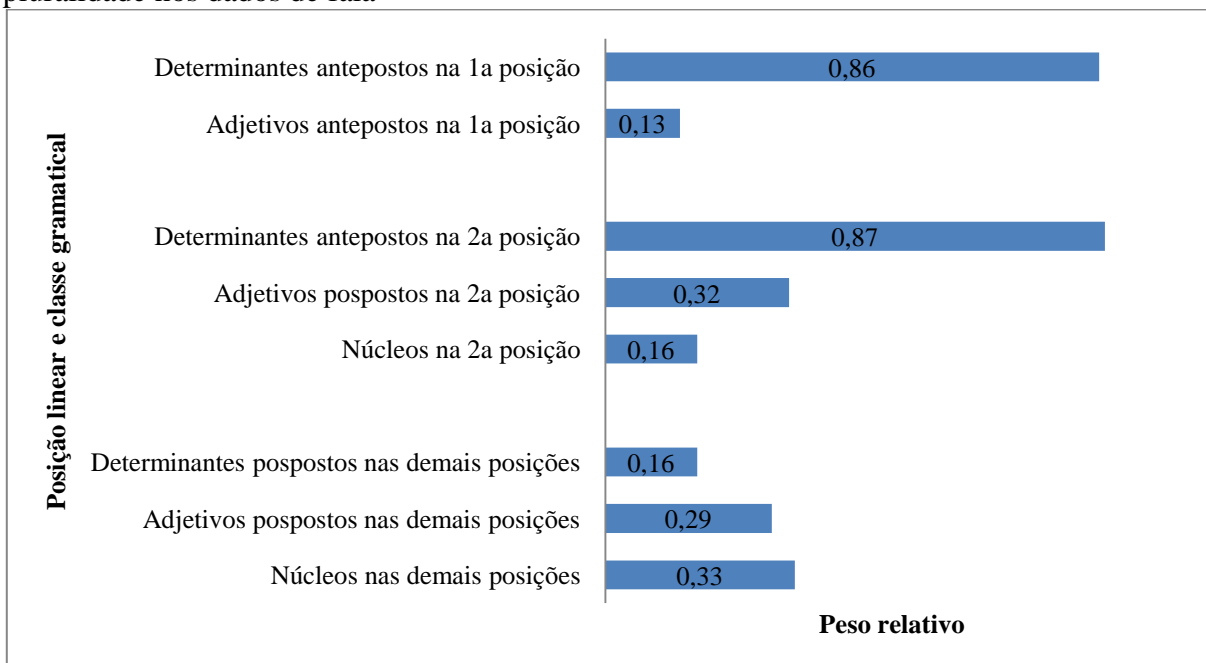


Gráfico 6: Relação entre *posição linear e classe gramatical* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala



Os gráficos acima mostram que, na primeira posição, os determinantes e os núcleos (os últimos por terem mostrado categoricidade para os dados orais) favorecem a presença de

marcas explícitas, e os adjetivos desfavorecem a marcação formal de plural. No caso da escrita, entretanto, os pesos relativos de determinantes e núcleos na primeira posição não são tão altos, ficando mais próximos da neutralidade.

Na segunda posição, os adjetivos pospostos mantêm-se favoráveis à marcação na escrita e desfavoráveis na fala. No caso da escrita, observamos ainda o elemento nuclear e os determinantes antepostos com peso relativo próximo da neutralidade, enquanto os determinantes pospostos desfavorecem a inserção de marcas. Para os dados orais, o núcleo na segunda e demais posições também a desfavorece.

A partir da terceira posição no SN, qualquer elemento, não importando a categoria gramatical nem a modalidade analisada, desfavorece a presença de marcas, sendo o núcleo o que apresenta índice maior de marcação, seguido dos adjetivos e, por último, dos determinantes.

Tais resultados parecem indicar que a posição do elemento no SN pode ser mais relevante que a classe gramatical para explicar dados de marcação variável de pluralidade no SN, como apontou Guy (1981), ao qual se contrapôs Scherre (1988).

### 3.1.1.2 Gênero do informante

O próximo grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como relevante a ambas as modalidades foi *gênero*. Os resultados estatísticos para essa variável estão dispostos nas tabelas 10 e 11, abaixo.

Tabela 10: Relação entre *gênero* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       | <b>PR</b>    |
|----------------|-------------------|--------------|
| Feminino       | 2590/2663 = 97.3% | 0.56         |
| Masculino      | 1285/1362 = 94.3% | 0.37         |
| <b>TOTAL</b>   | 3875/4025 = 96.3% | 0.97 (Input) |

Significância 0.033

Tabela 11: Relação entre *gênero* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala

| Fatores      | Freq             | PR           |
|--------------|------------------|--------------|
| Feminino     | 373/565 = 66.0%  | 0.32         |
| Masculino    | 430/680 = 63.2%  | 0.65         |
| <b>TOTAL</b> | 803/1245 = 64.5% | 0.84 (Input) |

Significância 0.008

Os resultados da variedade escrita mostram que a variação na marcação de pluralidade na modalidade escrita corrobora, no que diz respeito a *gênero*, a tendência geral de maior sensibilidade das mulheres à norma de prestígio. Os pesos relativos confirmam que o comportamento das mulheres favorece a aplicação da regra de plural, enquanto o dos homens a desfavorece.

Entretanto, os dados de fala não registram o mesmo resultado, já que os homens fazem mais concordância que as mulheres, favorecendo a marcação, ao contrário de mulheres, que a desfavorecem.

A fim de refinar mais os resultados que mostram comportamento diverso do esperado para esse grupo de informantes, cruzamos as variáveis *gênero* e *idade*, já que os informantes se distribuem desigualmente pelo eixo de idade nos dados do corpus Iboruna. Esse procedimento permite observar que a maior parte dos dados orais produzidos pelas mulheres advém dos informantes com 14 anos (383/565), justamente o segundo grupo etário que registra o menor índice de marcação, o que provavelmente interfere no baixo peso relativo do gênero feminino.

É interessante ressaltar que, apesar de o PR do gênero feminino apresentar tendência ao desfavorecimento de marcação de pluralidade para os dados de fala, não se pode dizer que as mulheres não sigam a norma ensinada pela escola, já que, nesta perspectiva de análise, lidamos com cada um dos constituintes do SN separadamente, e não com a marcação de todos os constituintes, ou seja, a regra de CN propriamente dita, cujo uso se liga diretamente às regras gramaticais prescritas pela escola.

### 3.1.1.3 Idade do informante

A última variável selecionada para ambas as variedades foi a *idade*. Os valores fornecidos pelo *Goldvarb* estão nas tabelas 12 e 13, e suas tendências de variação dos pesos relativos estão disponíveis nos gráficos 7 e 8.

Tabela 12: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       | <b>PR</b>    |
|----------------|-------------------|--------------|
| 10 anos        | 51/53 = 96.2%     | 0.60         |
| 11 anos        | 619/645 = 96.0%   | 0.58         |
| 12 anos        | 938/970 = 96.7%   | 0.55         |
| 13 anos        | 874/900 = 97.1%   | 0.59         |
| 14 anos        | 1025/1077 = 95.2% | 0.34         |
| 15 anos        | 368/380 = 96.8%   | 0.41         |
| <b>TOTAL</b>   | 3859/4008 = 96.3% | 0.97 (Input) |

Significância 0.033

Tabela 13: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>      | <b>PR</b>    |
|----------------|------------------|--------------|
| 10 anos        | --               | --           |
| 11 anos        | 176/223 = 78.9%  | 0.79         |
| 12 anos        | 70/77 = 90.9%    | 0.93         |
| 13 anos        | --               | --           |
| 14 anos        | 352/530 = 66.4%  | 0.62         |
| 15 anos        | 205/415 = 49.4%  | 0.13         |
| <b>TOTAL</b>   | 803/1245 = 64.5% | 0.84 (Input) |

Significância 0.008



Gráfico 7: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita

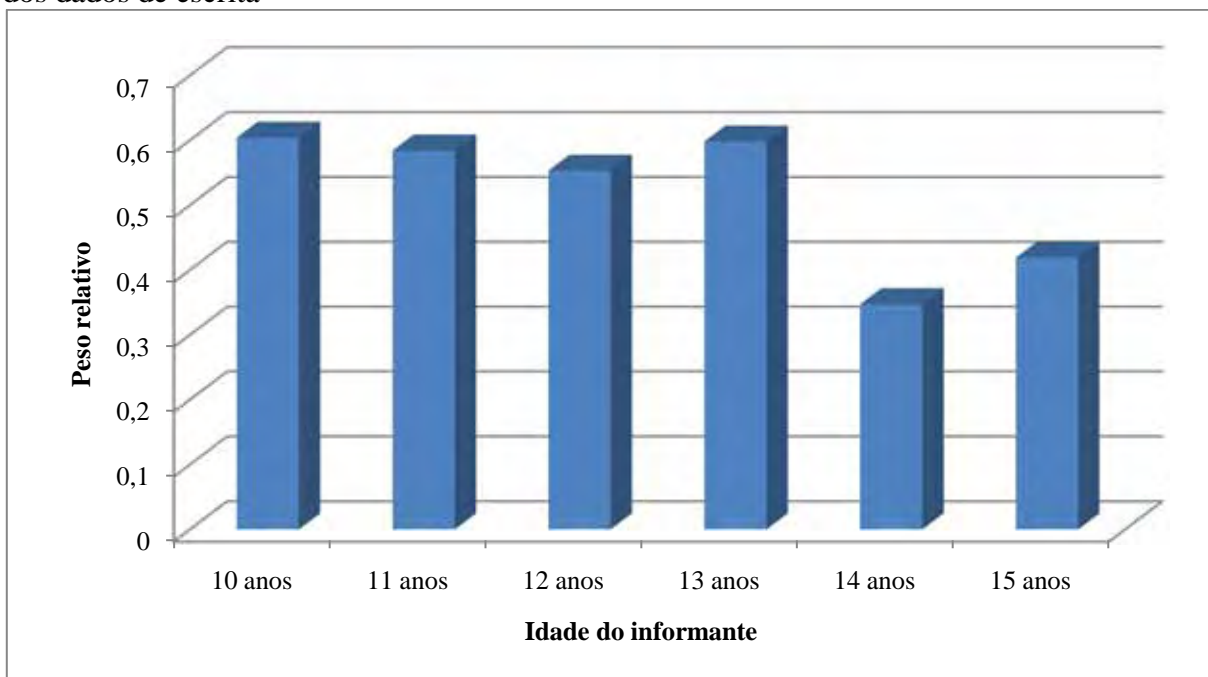
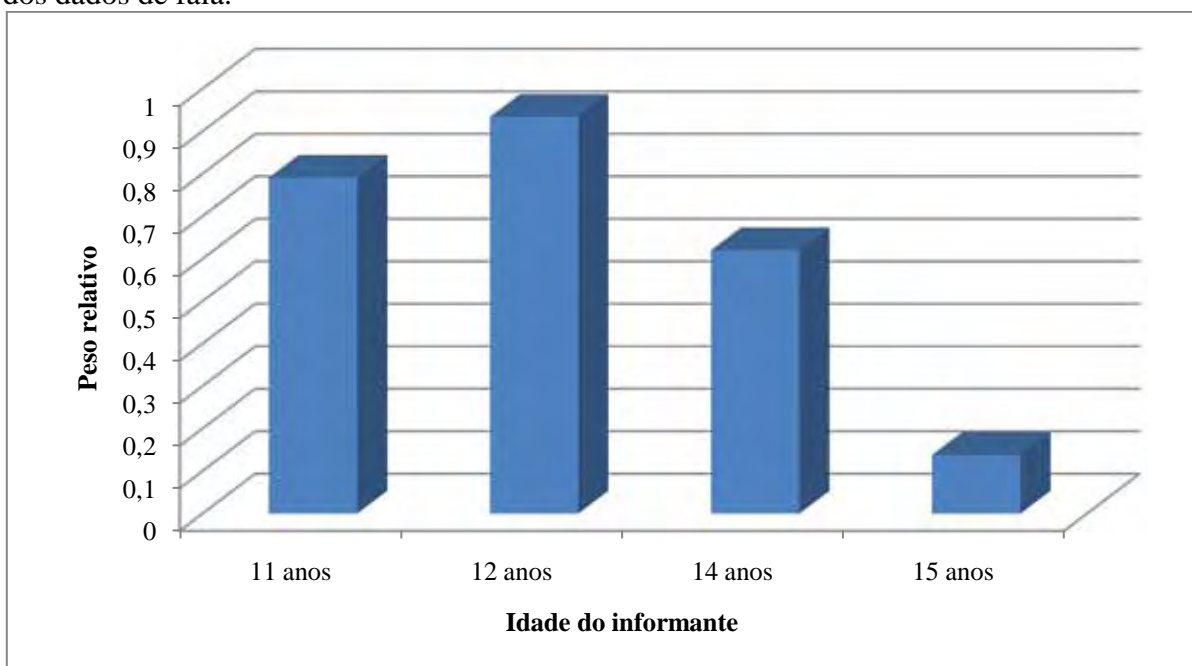


Gráfico 8: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de fala.



Infelizmente, os dados de fala não dispõem de representação em todas as faixas etárias, situação que se deve ao fato de, na constituição do *cópus Iboruna*, terem sido selecionados informantes de uma faixa etária, o que implica na ausência, no nosso caso, de

informantes de 10 e 13 anos. Nos dados de escrita, com relação à idade, temos: dois informantes com 11 anos, dois informantes com 12 anos, três informantes com 14 anos e apenas um informante com 15 anos.

O gráfico 7 mostra que não há diferença acentuada na escrita entre os informantes de 10 a 13 anos, considerando que todos apresentam um comportamento favorecedor de marcação de pluralidade. Na modalidade falada, os informantes com 11 e 12 anos são os que mais aplicam CN, apresentando a tendência mais forte para marcação de plural (0.79 e 0.93, respectivamente).

Já os níveis de aplicação dos informantes de 14 e 15 anos, no que se refere à escrita, manifestam-se estatisticamente desfavoráveis à marcação de pluralidade. Os dados mostram uma oscilação bastante acentuada, tanto na escrita quanto na fala, entre os indivíduos que apresentam o índice maior e menor de marcas, porém na fala essa oscilação é ainda maior (0.13 para informantes de 15 anos e 0.93 para informantes de 12 anos). Chama a atenção, pois, tamanha diferença dentro de uma faixa etária que é tomada em muitas pesquisas sociolinguísticas como uma única. Nesse caso, os dados revelam a necessidade de separar os informantes em faixas etárias bem diferenciadas, especialmente tratando-se de adolescentes em fase de escolaridade média.

A maior diferença entre as duas modalidades reside na faixa dos 14 anos. Com efeito, os dados de escrita desfavorecem a marcação (0.34), enquanto os de fala mostram uma tendência positiva de marcação (0.62). O comportamento dos informantes com 15 anos desfavorece a marcação em ambas as modalidades; é, entretanto, na fala que apresenta o valor mais baixo (0.13). Apesar de os dados de escrita também mostrarem desfavorecimento no uso de marcação nessa faixa etária, é preciso ressaltar a falta de representatividade, uma vez que contamos com dados de apenas um informante do gênero masculino; por isso, os dados

admitem apenas algumas especulações, já que não é possível tirar conclusões definitivas de que se trata de uma tendência geral do dialeto falado nessa faixa etária.

A partir dos resultados, é possível supor que deve haver uma adesão menor às regras escolares quando a adolescência atinge um ponto maior na escala etária. Especialmente, é possível alegar que é na idade de 14 - 15 anos que os adolescentes ganham identidade social própria, rebelando-se naturalmente contra as normas constituídas, que devem incluir as regras prescritivas do ensino de língua padrão.

Segundo Labov, é justamente a partir dos 14 anos que a criança entra no terceiro estágio da aquisição de língua materna, que ele chama de *percepção social* e, então, é capaz de reconhecer o significado social das características dialetais e pode expor-se a outras formas novas de fala (cf. LABOV, 1974, p.67). A forma de se expressar, contrariando as regras normativas, no que se refere ao uso de marcação de plural, principalmente na língua escrita, pode significar tanto uma forma de defesa de seu vernáculo, quanto uma forma de rejeitar o que a escola veicula como única forma correta. É relevante lembrar, a esse propósito, que um dos obstáculos para a aquisição da variedade padrão, mencionados por Labov (1974), em referência ao inglês, é justamente o conflito de sistemas de valores. Sobre isso, Labov formula a seguinte pergunta: “Como se explica que jovens expostos ao inglês *standard* de seus professores durante doze anos não possam reproduzir este estilo por vinte minutos para obter emprego?” (LABOV, 1974, p.70); a que ele responde com as seguintes palavras:

A língua pode ser encarada como um sistema de integração de valores. A linguística teve seu maior desenvolvimento ao analisar o comportamento cognitivo; mas muitos elementos da língua (certamente não todos) estão igualmente imbuídos de valores não-cognitivos e a informação total transmitida nestas funções não-cognitivas podem ultrapassar a informação cognitiva (...) Há muitos novaiorquinos, por exemplo, que não sentem qualquer desejo de se identificar com os empregados de escritório da classe média. Deliberadamente desviam-se dos empregos de escritório ao procurar trabalho manual que exige pouca habilitação e são mal pagos. A identificação com a classe de

pessoas que inclui os próprios amigos e a família é um fator poderoso para se explicar o comportamento linguístico. (LABOV, 1974, p. 70)

### 3.1.2 Análise dos grupos de fatores selecionados para uma das modalidades

#### 3.1.2.1 Modalidade escrita

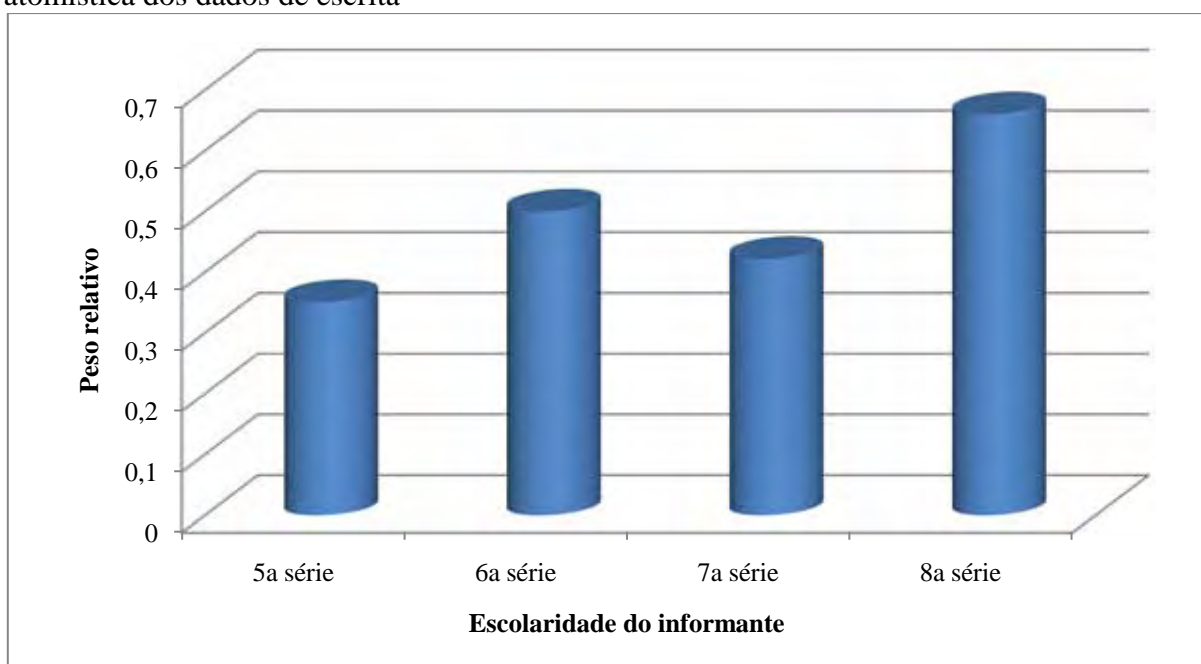
Na rodada envolvendo os dados de escrita, foram selecionados ainda os grupos de fatores *escolaridade* e *formalidade dos substantivos e adjetivos*. Como já citado, a variável *escolaridade* é exclusiva dos dados de escrita, e seus resultados estão dispostos na tabela 14, seguida do gráfico 9.

Tabela 14: Relação entre *escolaridade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita

| Fatores      | Freq              | PR           |
|--------------|-------------------|--------------|
| 5ª série     | 779/815 = 95.6%   | 0.35         |
| 6ª série     | 881/907 = 97.1%   | 0.50         |
| 7ª série     | 1001/1049 = 95.4% | 0.42         |
| 8ª série     | 1214/1254 = 96.8% | 0.66         |
| <b>TOTAL</b> | 3875/4025 = 96.3% | 0.97 (Input) |

Significância 0.033

Gráfico 9: Relação entre *escolaridade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita



Nossa hipótese em relação a esse grupo de fatores é a de que os dados de aplicação deveriam mostrar uma relação diretamente proporcional ao acréscimo de seriação escolar. O gráfico permite verificar que *escolaridade* influencia positivamente os dados de marcação de pluralidade, principalmente no nível mais elevado. A 8ª série é a única em que o comportamento dos indivíduos favorece marcação de pluralidade, com peso relativo de 0.66. O peso relativo mais baixo também se refere ao nível de escolaridade mais baixo – a 5ª série. Entretanto, não obtivemos uma progressão gradual, como esperávamos, já que a 7ª série apresenta peso relativo menor do que o da 6ª série.

Como mostram esses resultados, não há coincidência entre as variáveis *idade* e *escolaridade*, já que os indivíduos da 8ª série, que usam mais a marcação nos constituintes do SN, não necessariamente correspondem aos indivíduos de 14 e 15 anos, que são os que menos usam a marcação. Uma análise relevante, a esse respeito, é cruzar esses dois fatores. Para refinar, então, essa distribuição, que não parece clara de acordo com os resultados até agora apresentados, executamos o cruzamento entre essas duas variáveis. Os valores descritos na tabela 15, referente a esse cruzamento, se referem unicamente a índices percentuais, visto que os dados desse cruzamento não foram selecionados como estatisticamente relevantes pelo *Goldvarb*.

Tabela 15: Cruzamento das variáveis *idade X escolaridade* e a marcação de pluralidade na perspectiva atomística

| Escolaridade   | 5ª série      | 6ª série      | 7ª série        | 8ª série        |
|----------------|---------------|---------------|-----------------|-----------------|
| Idade          | Freq          | Freq          | Freq            | Freq            |
| <b>10 anos</b> | 51/53 = 96%   | 0             | 0               | 0               |
| <b>11 anos</b> | 542/565 = 96% | 77/80 = 96%   | 0               | 0               |
| <b>12 anos</b> | 175/185 = 95% | 649/669 = 97% | 114/116 = 98%   | 0               |
| <b>13 anos</b> | 11/12 = 92%   | 155/158 = 98% | 628/650 = 97%   | 80/80 = 100%    |
| <b>14 anos</b> | 0             | 0             | 230/253 = 91%   | 795/824 = 96%   |
| <b>15 anos</b> | 0             | 0             | 29/30 = 97%     | 339/350 = 97%   |
| <b>TOTAL</b>   | 779/815 = 96% | 881/907 = 97% | 1001/1049 = 95% | 1214/1254 = 97% |

A tabela acima mostra que os valores percentuais mais altos correspondem às menores faixas etárias de cada série. A única exceção é a 6ª, cujo maior índice se refere aos indivíduos de 13 anos. Apesar da pouca diferença entre todos os percentuais, é possível prever que a CN se aplica menos ao comportamento de informantes cuja faixa etária não corresponde à seriação ideal. A seriação ideal compreende as duas primeiras faixas etárias para cada uma das séries abordadas. É válido supor, a partir dos resultados acima expostos, que informantes mais maduros em cada uma das séries podem se sentir constrangidos em função dessa condição e, por isso, mostrar rebeldia em seu modo de usar a língua, manifestando essa posição por meio de uso não-padrão de CN.

Para a variável linguística *formalidade dos substantivos e adjetivos*, obtivemos os resultados dispostos na tabela 16.

Tabela 16: Relação entre *formalidade dos substantivos e adjetivos* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       | <b>PR</b>    |
|----------------|-------------------|--------------|
| Formal         | 2118/2206 = 96.0% | 0.51         |
| Informal       | 194/209 = 92.8%   | 0.34         |
| <b>TOTAL</b>   | 2312/2415 = 95.7% | 0.97 (Input) |

Significância 0.033

Nossa hipótese para esse grupo de fatores é a de que substantivos e adjetivos informais desfavorecem a marcação, enquanto os formais a favorecem. Em termo de pesos relativos, os resultados comprovam que itens com o traço informalidade, identificados normalmente como gírias e exemplificado em (75), tendem a desfavorecer a presença de marcação de pluralidade. Itens mais formais, como exemplificado em (76), por outro lado, tendem a favorecê-la, apesar do índice relativamente neutro.

(75) (...) Arrume *suas coisa* e vem aqui em casa! (NCM, 6A, P6)

- (76) *quando ele/os **alunos** né? por causa da formatura alugaram uma chácara né?*  
(IBORUNA, AC011, L61-62)

Na língua escrita, os fatores extralinguísticos se mostram mais relevantes que os linguísticos, visto que foram selecionados como relevantes três dos quatro grupos de fatores abordados. Dos sete fatores linguísticos, apenas dois foram selecionados (*posição linear e classe gramatical e formalidade dos substantivos e adjetivos*).

Os grupos de fatores descartados da análise da modalidade escrita foram: *contexto fonético/fonológico seguinte, marcas precedentes ao elemento analisado, processos morfofonológicos da formação de plural, tonicidade do item lexical singular, número de sílabas do item lexical singular e proposta de redação*. Todos esses fatores de cada grupo apresentam pesos relativos muito próximos, o que explica o fato de não se terem mostrado relevantes para a análise (as tabelas referentes aos índices percentuais dos grupos de fatores não selecionados estão disponíveis no Anexo A).

Chama a atenção, entretanto, o fato de não terem sido selecionados nenhum dos três fatores linguísticos que analisam a questão da saliência fônica, situação que corrobora a afirmação de Mollica (2003) de que a saliência fônica não tem sentido se aplicada aos dados de escrita. Uma possível explicação para essa situação é a de que, na escrita, a saliência fônica perde seu sentido, principalmente no que se refere ao grupo *processos morfofonológicos da formação de plural*. Nesse grupo, a maior saliência é encontrada em casos como os de “jogo/jogos”, palavras nos quais ocorre a mudança de qualidade da vogal. Na escrita, esse caso não passa de uma formação de plural regular, envolvendo somente o acréscimo de –s.

Outra observação relevante decorrente da análise dos dados é a de que os grupos de fatores não-selecionados podem atuar na situação de fala, quando o indivíduo realiza operações cognitivas sobre processos tipicamente fonológicos, como contexto fonético/fonológico seguinte, processos morfofonológicos etc.

De qualquer modo, quando se analisa saliência fônica na escrita, é de se esperar que o modo de pronunciar exerça influência significativa sobre o modo de escrever, mas lembramos que, também nos dados de fala discutidos por Mollica (2003), a saliência fônica não foi selecionada como estatisticamente relevante.

Ressalte-se ainda que grupos de fatores relacionados à saliência fônica já haviam sido considerados relevantes em análise anterior do córpus Iboruna (cf. FIAMENGUI, 2007). E, também na presente análise, o programa estatístico selecionou um grupo de fatores que compõe o eixo da saliência, que passaremos a discutir na próxima seção.

Sobre a variável *proposta de redação*, esperávamos que houvesse um acréscimo no uso de marcação ao final do ano letivo, por ser a CN conteúdo abordado durante o período compreendido entre as duas redações. Os resultados apresentam, ao contrário, leve tendência ao menor uso de marcação em cada um dos constituintes do SN (97.1% para a proposta 1 e 95.7% para a proposta 6). Como os índices são muito próximos, podemos inferir que é pouco significativa a mudança entre a fase inicial e a fase final do ano letivo.

A partir do cruzamento de *proposta de redação* e *escolaridade*, é possível observar que as 6ª e 7ª séries apresentam um índice decrescente da *proposta 1* à *proposta 6*, o que implica passar do favorecimento na primeira para o desfavorecimento na última proposta. As 5ª e 8ª séries, por outro lado, apresentam um leve acréscimo no uso de marcação, apesar de ambos os índices da 5ª se mostrarem desfavorecedores do uso de marcação e ambos os índices da 8ª se mostrarem favorecedores. É possível afirmar, a partir desses dados, que o nível de intervenção da escola em termos de aquisição da regra de CN se dá diferentemente em cada série do 2º ciclo do Ensino Fundamental. Essa intervenção, por sua vez, se mostra mais eficaz nas 5ª e 8ª séries, justamente as séries-limite do ciclo.

Após discorrer sobre os grupos de fatores selecionados apenas para a modalidade escrita, passemos àqueles selecionados apenas para a modalidade oral.



### 3.1.2.2 Modalidade oral

Vale lembrar que o eixo de saliência fônica foi dividido, nesta pesquisa, a partir de Scherre (1988), em três fatores – *processos morfofonológicos da formação de plural*, *número de sílabas do item lexical singular* e *tonicidade do item lexical singular*. Dos três, o único selecionado foi o *número de sílabas*, assim como ocorreu na amostra analisada por Campos e Rodrigues (2002).

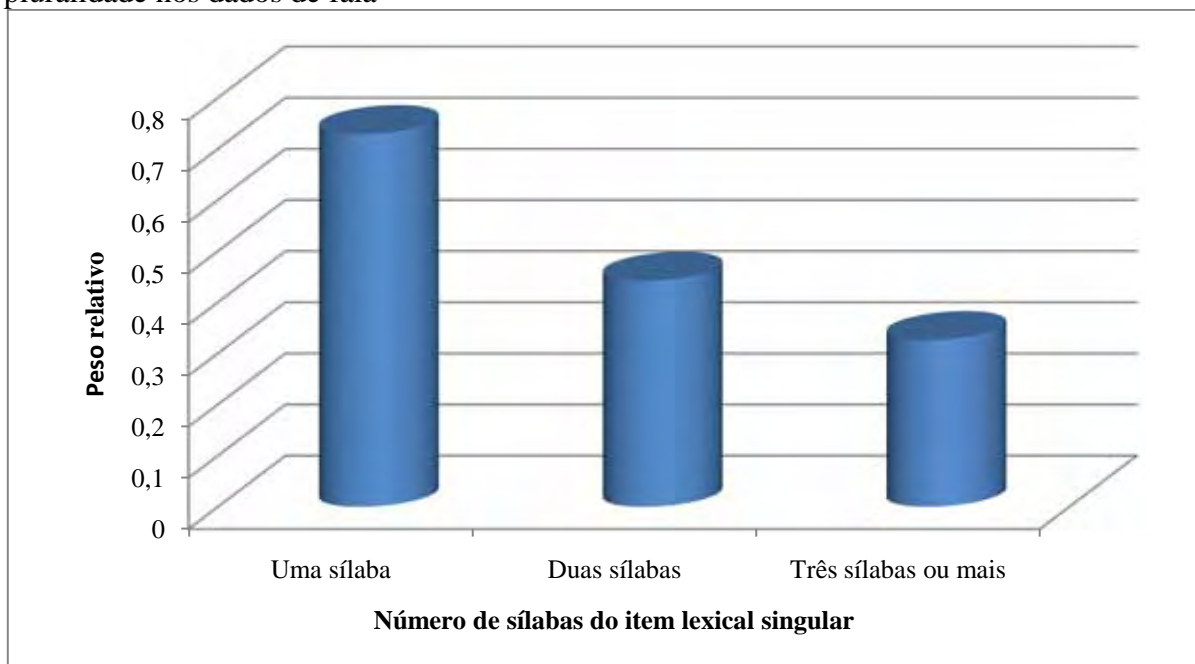
A hipótese que levantamos em relação ao grupo *número de sílabas do item lexical singular* é a de que, quanto maior a quantidade de material fônico, maior a quantidade de marcação de pluralidade. Atentemos, pois, aos resultados fornecidos para os dados de fala, expostos na tabela 17 e no gráfico 10.

Tabela 17: Relação entre *número de sílabas do item lexical singular* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| <b>Fatores</b>       | <b>Freq</b>      | <b>PR</b>    |
|----------------------|------------------|--------------|
| Uma sílaba           | 381/392 = 97.2%  | 0.72         |
| Duas sílabas         | 290/468 = 62.0%  | 0.44         |
| Três sílabas ou mais | 132/385 = 34.3%  | 0.32         |
| <b>TOTAL</b>         | 803/1245 = 64.5% | 0.84 (Input) |

Significância 0.008

Gráfico 10: Relação entre *número de sílabas do item lexical singular* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala



Os valores acima apresentados refutam nossa hipótese, pois os resultados mostram uma tendência oposta à esperada, assim como aconteceu com os dados de Scherre (1988). O maior valor de aplicação se refere a palavras com uma sílaba, havendo um decréscimo proporcional conforme aumenta o número de sílabas.

Uma possível explicação para esses resultados pode estar na posição que os itens ocupam no SN. Por isso, uma análise relevante é realizar cruzamento entre esses dois fatores. É sabido que as palavras que ocupam a primeira posição do SN são geralmente artigos ou pronomes possessivos, em sua maioria, monossílabos. As palavras com três ou mais sílabas dificilmente ocupam, portanto, a primeira posição; uma classe provável de ocupar tal posição é a dos pronomes demonstrativos que, todavia, dispõem de um índice baixo de ocorrência entre os determinantes (27/527). Vejamos, pois, o cruzamento realizado, para os dados de fala, entre as variáveis *número de sílabas do item lexical singular* e *posição linear e classe gramatical*, cujos índices encontram-se na tabela 18.

Tabela 18: Cruzamento das variáveis *posição linear e classe gramatical X número de sílabas do item lexical singular* e a marcação de pluralidade

| Número de sílabas do item lexical singular | Uma sílaba     |             | Duas sílabas   |             | Três sílabas ou mais |             |
|--|----------------|-------------|----------------|-------------|----------------------|-------------|
|  | Freq           | PR          | Freq           | PR          | Freq                 | PR          |
| Det anteposto na 1ª posição do SN          | 358/ 361 = 99% | <b>0.80</b> | 133/ 139 = 98% | <b>0.32</b> | 27/27 = 100%         | <b>n</b>    |
| Det anteposto na 2ª posição do SN          | 8/8 = 100%     | <b>n</b>    | 12/ 13 = 92%   | <b>0.91</b> | 0                    |             |
| Det posposto na 2ª posição do SN           | 0              |             | 0              |             | 0                    |             |
| Det posposto nas demais posições do SN     | 0              |             | 1/3 = 33%      | <b>0.27</b> | 0                    |             |
| Adj anteposto na 1ª posição do SN          | 0              |             | 1/1 = 100%     | <b>n</b>    | 0/1 = 0%             | <b>n</b>    |
| Adj anteposto na 2ª posição do SN          | 0              |             | 0              |             | 0                    |             |
| Adj posposto na 2ª posição do SN           | 0              |             | 0              |             | 6/8 = 75%            | <b>0.42</b> |
| Adj posposto nas demais posições do SN     | 0              |             | 3/9 = 33%      | <b>0.34</b> | 8/18 = 44%           | <b>0.62</b> |
| Núcleo na 1ª posição do SN                 | 0              |             | 5/5 = 100%     | <b>n</b>    | 7/7 = 100%           | <b>n</b>    |
| Núcleo na 2ª posição do SN                 | 14/ 19 = 74%   | <b>0.50</b> | 118/ 268 = 44% | <b>0.41</b> | 77/ 302 = 25%        | <b>0.23</b> |
| Núcleo nas demais posições do SN           | 1/4 = 25%      | <b>0.10</b> | 22/ 35 = 63%   | <b>0.66</b> | 14/29 = 48%          | <b>0.47</b> |
| <b>TOTAL</b>                               | 381/ 392 = 97% |             | 295/ 473 = 62% |             | 139/ 392 = 35%       |             |

Input: 0.81      Significância: 0.036

Como se vê na tabela acima, a maior parte dos monossílabos ocupa a primeira posição, que é a posição mais marcada do português. Por outro lado, a maior parte dos itens de duas ou mais sílabas ocupam a segunda posição e são constituintes nucleares (substantivos ou categorias substantivadas), circunstância em que desfavorecem a marcação explícita de pluralidade.

Os determinantes que ocupam a primeira posição são muito marcados se têm uma ou mais de três sílabas. Os determinantes antepostos na segunda posição favorecem sempre a marcação, independentemente do número de sílabas. O número muito reduzido de dados com determinantes pospostos e adjetivos antepostos não nos permite generalizações confiáveis.

Os adjetivos pospostos só favorecem a marcação se são trissílabos a partir da terceira posição do SN. Qualquer núcleo na primeira posição favorece a presença de marcação; na

segunda posição, os monossilábicos são neutros e os de duas sílabas ou mais a desfavorecem e, a partir da terceira posição, somente os dissílabos a favorecem.

O cruzamento permite verificar que na primeira posição, o número de sílabas ou a classe gramatical do item são irrelevantes, já que essa posição é sempre muito marcada. A partir da terceira posição, entretanto, a variável *número de sílabas* influencia positivamente os adjetivos pospostos, já que há um acréscimo de marcação diretamente proporcional à quantidade de material fônico, passando do desfavorecimento a seu favorecimento. Assim se dá, também, entre núcleos de 1 a 2 sílabas nas demais posições do SN, embora essa tendência a marcá-lo diminua quando o constituinte nuclear tem três sílabas ou mais.

A última variável selecionada pelo pacote estatístico como relevante para os dados de fala foi *marcas precedentes ao elemento analisado*, variável que, apesar de não ter sido selecionada em nossos dados de escrita, mostra-se relevante em grande parte das análises de língua falada que trabalham com dialetos diversos (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1988) e, também, em análise anterior do cópua Iboruna (FIAMENGUI, 2007). Passemos, pois, aos resultados, expostos na tabela 19.

Tabela 19: Relação entre *marcas precedentes ao elemento analisado* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores  | Freq             | PR           |
|--|------------------|--------------|
| Ausência de elemento precedente (primeira posição)   | 519/529 = 98.1%  | 0.62         |
| Zero formal na primeira posição  | 10/10 = 100%     | n            |
| Numeral na primeira posição  | 55/123 = 44.7%   | 0.49         |
| Marca formal de plural na primeira posição   | 179/488 = 36.7%  | 0.40         |
| Marca formal de plural na segunda posição: presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o elemento analisado na terceira, quarta ou quinta posição                                       | 24/30 = 80.0%    | 0.67         |
| Núcleo mais alto com marca de plural: núcleo semântico no plural e/ou SPs no plural  | --               | --           |
| Núcleo mais alto no singular   | 5/5 = 100%       | n            |
| Mistura de marcas: envolve presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediado por zero em elemento que admite marca                                  | 2/10 = 20%       | 0.12         |
| Zero formal a partir da primeira posição: entre a última marca formal e o elemento analisado, há pelo menos um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou por um modificador | 24/65 = 36.9%    | 0.24         |
| <b>TOTAL</b>   | 833/1275 = 65.3% | 0.84 (Input) |

Significância 0.008

A análise desse fator permite verificar a atuação do processo de paralelismo, segundo o qual marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. O peso relativo mais elevado incide justamente sobre o fator *marca formal de plural: presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o elemento analisado*. É possível concluir, portanto, que esse princípio estrutural opera positivamente nos dados de fala.

O peso relativo mais significativo depois desse fator é o de primeira posição (ausência de elemento precedente) que, como se sabe, é a posição mais marcada no português, em virtude de uma tendência para marcar primeiramente à esquerda do SN. O fator zero formal na primeira posição mostra-se categórico, situação justificada pelo fato de a maioria dos SNs conter apenas dois elementos. Essa relação implica que, caso não ocorra na primeira posição, a marcação incide necessariamente sobre a segunda, sob pena de perder o valor semântico de número.

Outro fator que apresentou categórico foi o núcleo mais alto no singular. Como a amostra contém apenas SNs de dois ou mais elementos, o item seguinte a um núcleo mais alto representa também o primeiro de um outro SP, mais baixo que o anterior. Vejamos, para exemplificar esse fator, (77).

(77) *Aquele navio é um sonho, aquelas piscinas grandes e aquecidas, aquelas salas de jogos com um monte de **brincadeiras legais** e tudo mais. (AMP, 7B, P6)*

Como se vê, o constituinte “brincadeiras” é codificado como tendo um núcleo mais alto no singular antecedendo-o. Não se deve deixar de observar, entretanto, que ele é o primeiro constituinte de um SP e, sendo assim, segue a tendência geral de marcação no português, a de marcar o constituinte à esquerda.

Já um numeral na primeira posição apresenta peso relativo neutro e um SN marcado somente na primeira posição é desfavorecedor (0.40) da presença de marcas no constituinte seguinte. O numeral dispõe de marca semântica de plural, mas não de marca formal. É essa situação, que, de acordo com o paralelismo formal, leva a ausência de marcas. A esse respeito, observe-se o exemplo (78).

(78) *eu fiquei sabendo que tinha ganhado a viagens de cruzeiro, em Miami **8 dia** tudo de graça. (JERD, 7A, P6)*

É relevante destacar que, mesmo SNs contidos no texto das propostas de redação, tal como o transcrito no exemplo (78), sofrem variação, o que nos permite dizer que, ao rejeitar o enunciado do texto fornecido pelo instrutor, o aluno insere, realmente, seu vernáculo quando constrói seu texto.

Quanto à mistura de marcas, é indiferente se há uma marca formal de plural, ou zero formal no elemento imediatamente precedente, pois os índices apontam para uma maior possibilidade de apagamento de marcas formais de plural. Os pesos relativos são baixos para

ambos os casos, embora esperássemos que uma marca no elemento precedente provocaria marcação, o que de fato não ocorre. Ressalve-se que o número de ocorrências é bastante reduzido, diferentemente do que acontece com a mistura envolvendo *zero formal no elemento precedente*, o que pode justificar a não confirmação de nossa hipótese inicial. Vejamos dois exemplos de mistura de marcas, (79) contendo marca formal no elemento imediatamente precedente e (80) sem marca no elemento imediatamente precedente.

(79) *iria ter um sorteio de **quatro pacotes turísticos** para os alunos (JMD, 6B, P6)*

(80) *fui com meu pai, minha, mãe, **meus dois irmãos** e com mais 4 amigos. (QED, 7C, P6)*

As variáveis *processos morfofonológicos da formação de plural, tonicidade do item lexical singular, contexto fonético/fonológico seguinte e formalidade dos substantivos e adjetivos* não foram selecionadas para os dados de fala. Com relação às duas últimas, não há diferença percentual significativa entre os fatores. Para as outras duas variáveis, apesar de os índices percentuais demonstrarem grande margem de oscilação entre seus percentuais, apenas um fator de cada grupo se opõe significativamente aos demais, o que provavelmente provoca sua exclusão dentre os fatores selecionados (as tabelas referentes aos índices percentuais dos grupos de fatores não selecionados estão disponíveis no Anexo A).

Levantados todos os fatores significativos para explicar os dados de marcação de pluralidade em uma perspectiva atomística de análise, passemos a explicitar, agora, os dados relativos à análise não-atomística.

### **3.2 Análise não-atomística**

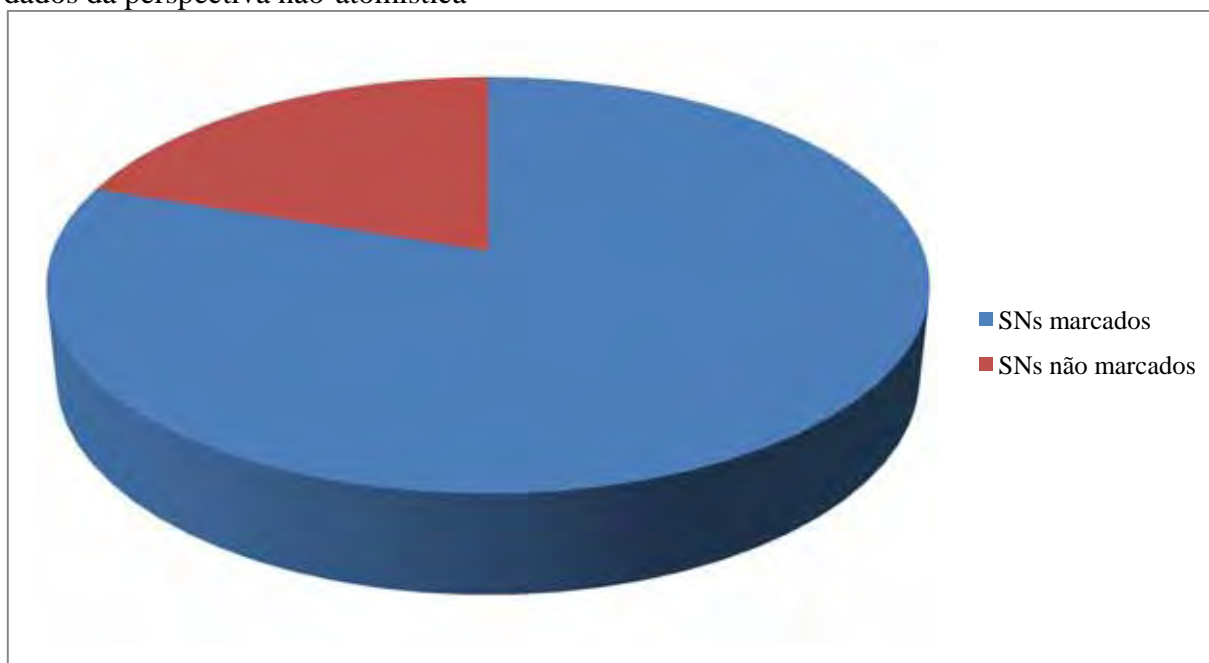
Vale lembrar que, na perspectiva não-atomística de análise, em que o SN é analisado como um todo, considera-se marcado o que traz marca formal de plural em todos os

constituintes pluralizáveis, e não-marcado o que não dispuser de, pelo menos, uma marca em elemento que a admite. O percentual geral de marcação, aqui, foi menor do que o da análise atomística, como seria mesmo de esperar. A análise conta com 2781 SNs, dos quais 80.2% (2229) apresentaram-se totalmente marcados. Os valores estão na tabela 20 e sua disposição está representada no gráfico 11.

Tabela 20: Número de ocorrências analisadas na perspectiva não-atomística e percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade

| Presença de marcação | Ausência de marcação | Total       |
|----------------------|----------------------|-------------|
| 80.2% (2229)         | 19.8% (552)          | 100% (2781) |

Gráfico 11: Percentual geral de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade nos dados da perspectiva não-atomística



Nessa análise geral dos dados em uma perspectiva não-atomística, o primeiro grupo selecionado foi, novamente, *modalidade*, revelando sua significância estatística também para explicar dados sob nossa outra perspectiva de análise. Vejamos seus resultados na tabela 21.

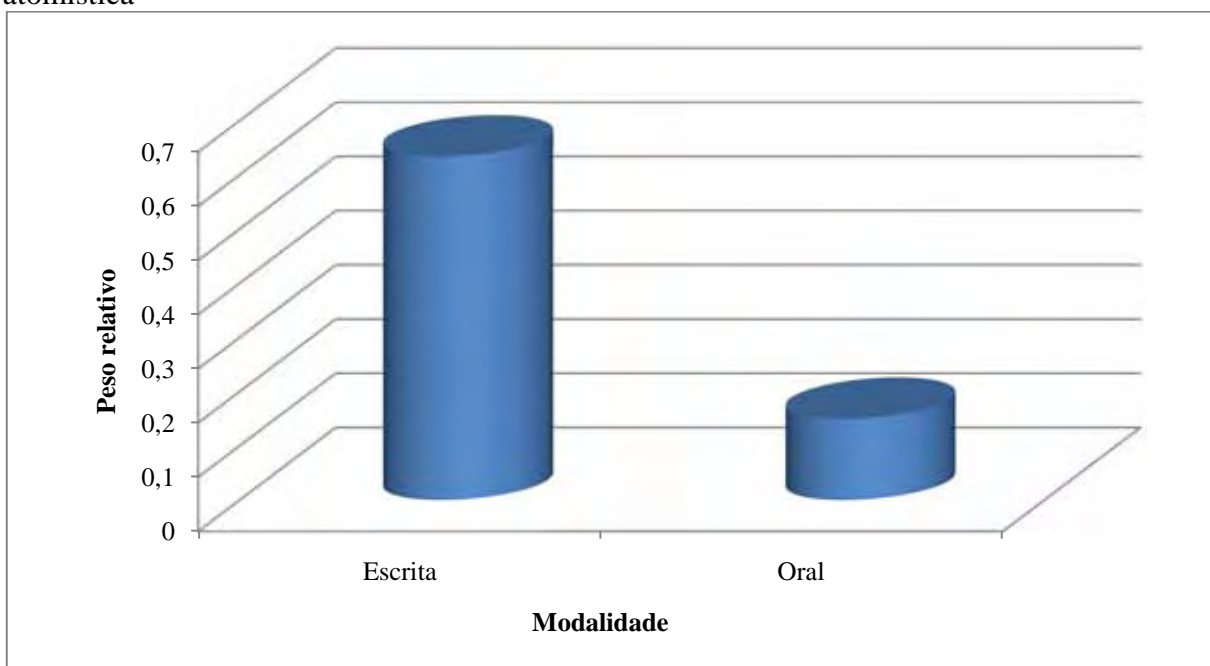


Tabela 21: Relação entre *modalidade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística

| Fatores      | Freq              | PR           |
|--------------|-------------------|--------------|
| Escrita      | 1980/2113 = 93.7% | 0.63         |
| Oral         | 250/668 = 37.4%   | 0.15         |
| <b>TOTAL</b> | 2229/2781 = 80.2% | 0.88 (Input) |

Significância 0.006

Gráfico 12: Relação entre *modalidade* e marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística

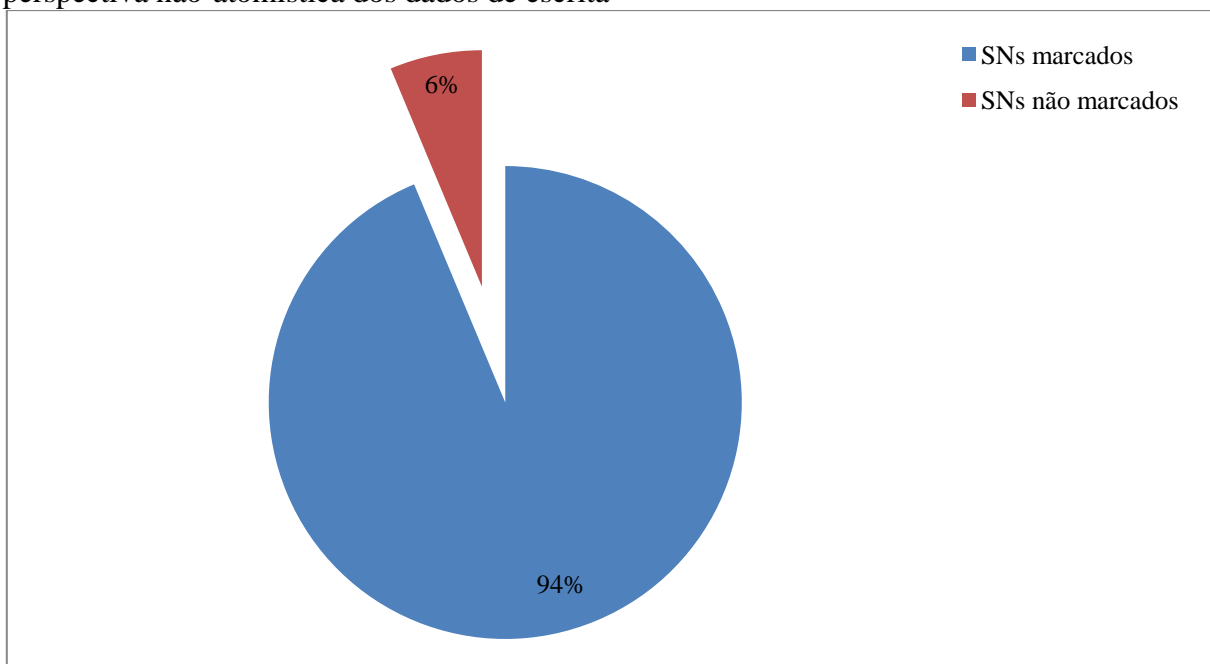


Similarmente à análise atomística, os índices refletem o esperado: a escrita, por ser relativamente mais monitorada e, assim, possibilitar correção posterior, apresenta-se bastante marcada e favorecedora de SNs totalmente marcados. Por outro lado, a fala mostra-se desfavorecedora de inserção de marcas em todos os elementos do SN, com peso relativo baixo. Vale ressaltar que os pesos relativos são bastante semelhantes aos apresentados na tabela 7, que trata da variável *modalidade* em relação à perspectiva atomística (0.65 e 0.11, respectivamente).

Em nossas rodadas posteriores, novamente lidando com os dados de fala e escrita separadamente, obtivemos percentuais de aplicação bastante diferentes. A análise dos dados

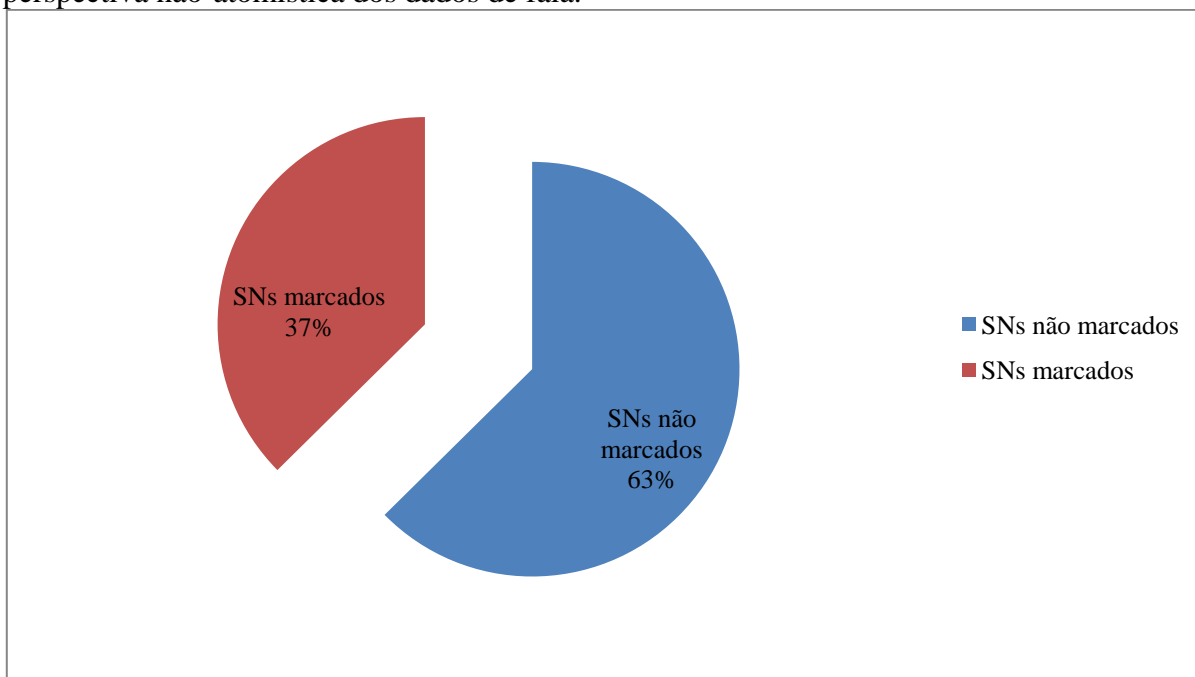
de escrita sob essa perspectiva conta com 2113 dados e o percentual de aplicação da regra de concordância nominal é de 93.7%, o que equivale a 1980 SNs com todas as marcas formais de plural. A distribuição dos dados desta análise aparece no gráfico 13, abaixo.

Gráfico 13: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita



Já os dados de fala, sob uma perspectiva não-atomística, favorecem o menor índice percentual de marcas. Com efeito, de 668 SNs analisados, apenas 37.4% (250) apresentam-se totalmente marcados. Os percentuais dos dados marcados nesta perspectiva para a modalidade oral estão no gráfico 14.

Gráfico 14: Percentual de aplicação e não-aplicação de marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de fala.



É possível afirmar, a partir dos dados acima expostos, que o contexto mais favorável à ausência de marcação é a situação em que o SN como um todo aparece no contexto de modalidade oral.

Os grupos de fatores selecionados para as modalidades escrita e oral estão dispostos no quadro 6, que segue.

Quadro 6: Variáveis selecionadas para as modalidades escrita e oral na perspectiva não-atomística

| Variáveis selecionadas para a escrita | Variáveis selecionadas para a fala |
|---------------------------------------|------------------------------------|
| Pluralidade do contexto               | Idade                              |
| Gênero                                | Pluralidade do contexto            |
| Coesão sintagmática                   | Gênero                             |
| Escolaridade                          | Formalidade do SN                  |
| Idade                                 |                                    |

Vale a pena destacar, no que tange aos dados de escrita, a seleção de três dos quatro fatores sociais – *gênero*, *escolaridade* e *idade* – na determinação da pluralidade do SN como um todo, o que parece revelar influência direta do ensino das regras normativas no sistema

escolar. O único fator extralinguístico não selecionado foi *proposta de redação*, cujos índices, apesar de terem se apresentado em conformidade com nossa hipótese (proposta 1 – 95.2% e proposta 6 – 92.6%), não foram considerados estatisticamente relevantes pelo programa *Goldvarb*.

Os grupos de fatores selecionados para as duas modalidades foram, portanto, *pluralidade do contexto*, *gênero* e *idade*. Ressaltamos, aqui, que a *idade* e o *gênero* foram também selecionados nas duas rodadas anteriores, relacionadas à análise atomística e são, portanto, bastante relevantes para explicar os dados de marcação de pluralidade, independentemente da perspectiva de análise. *Escolaridade* foi, mais uma vez, selecionada para os dados de escrita, o que também comprova sua relevância estatística. Quanto às variáveis linguísticas, a *pluralidade do contexto* foi a mais importante para explicação dos dados, já *coesão sintagmática* apresenta-se relevante apenas para o registro escrito da língua e *formalidade do SN* mostra-se relevante apenas para os dados orais, ao contrário do resultado obtido com a análise atomística, que selecionou esse fator apenas para a modalidade escrita da língua. Vejamos, pois, os resultados selecionados para as duas modalidades, a oral e a escrita.

### **3.2.1 Análise dos grupos de fatores selecionados para as duas modalidades**

#### **3.2.1.1 Pluralidade do contexto**

A primeira variável selecionada para a escrita e segunda para a fala foi a *pluralidade do contexto*. Vejamos seus resultados para os dados de escrita e para os de fala, dispostos nas tabelas 22 e 23 e nos gráficos 15 e 16.

Tabela 22: Relação entre *pluralidade do contexto* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores                        | Freq              | PR           |
|--------------------------------|-------------------|--------------|
| SN isolado                     | 673/715 = 94.1%   | 0.49         |
| SN primeiro de uma série       | 433/463 = 93.5%   | 0.47         |
| SN precedido de SN marcado     | 844/889 = 94.9%   | 0.54         |
| SN precedido de SN não marcado | 30/46 = 65.2%     | 0.14         |
| <b>TOTAL</b>                   | 1980/2113 = 93.7% | 0.94 (Input) |

Significância 0.045

Tabela 23: Relação entre *pluralidade do contexto* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores                        | Freq            | PR           |
|--------------------------------|-----------------|--------------|
| SN isolado                     | 48/94 = 51.1%   | 0.33         |
| SN primeiro de uma série       | 53/107 = 49.5%  | 0.37         |
| SN precedido de SN marcado     | 99/150 = 66.0%  | 0.32         |
| SN precedido de SN não marcado | 50/317 = 15.8%  | 0.67         |
| <b>TOTAL</b>                   | 250/668 = 37.4% | 0.67 (Input) |

Significância 0.010

Gráfico 15: Relação entre *pluralidade do contexto* e marcação de pluralidade nos dados de escrita

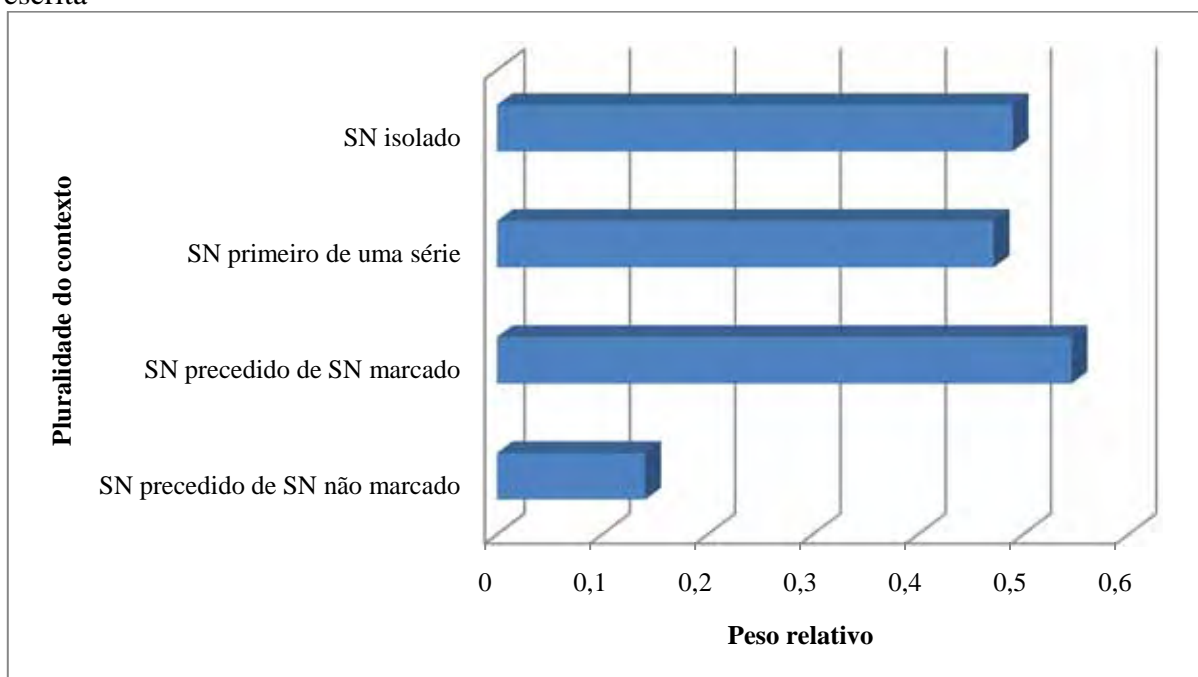
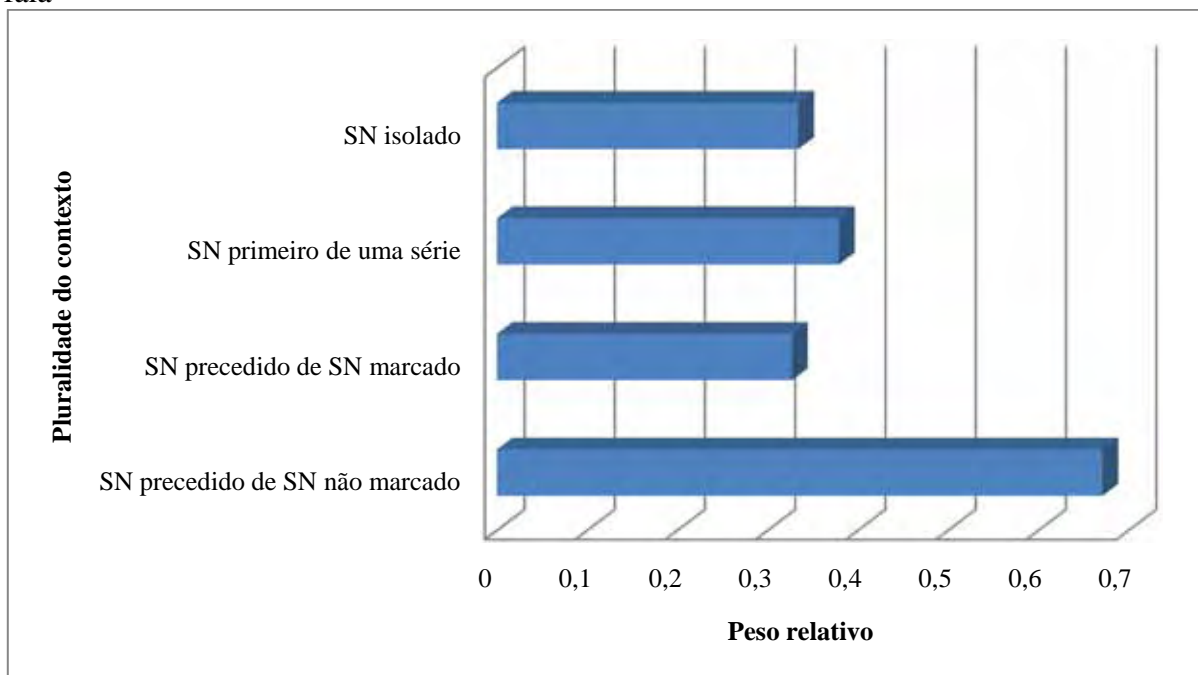


Gráfico 16: Relação entre *pluralidade do contexto* e marcação de pluralidade nos dados de fala



Nossa hipótese em relação a esse grupo de fatores é a de que um SN precedido de SN marcado favoreceria a presença de um SN próximo formalmente marcado, enquanto um SN precedido de SN não marcado desfavoreceria a presença de marcação no SN seguinte.

Os gráficos mostram, entretanto, índices de variação distintos nas duas rodadas. Para os dados de escrita, os fatores SN isolado e SN primeiro de uma série são neutros quanto à aplicação de todas as marcas de pluralidade. O fator SN precedido de SN marcado é o que mais favorece a presença de todas as marcas formais de plural. Por outro lado, o fator SN precedido de SN não marcado apresenta peso relativo muito baixo, indicando uma tendência para a ocorrência conjunta de SNs não marcados em todos seus constituintes. Esses resultados permitem deduzir que, na modalidade escrita, o SN como um todo sofre influência do princípio do paralelismo formal.

Está confirmado, portanto, que, na análise não-atômica da modalidade escrita da língua, o paralelismo formal, proposto inicialmente por Poplack (1980) para o espanhol falado, atua eficientemente, indicando uma tendência para formas parecidas ocorrerem juntas,

seja SNs não-marcados conduzindo a SNs não-marcados, seja SNs marcados conduzindo a SNs marcados.

Em sentido oposto a esses valores e contrariando, também, os resultados da variável *marcas precedentes ao elemento analisado* na análise atomística, que aponta para a tendência de formas parecidas ocorrerem juntas, os dados de fala mostram que os SNs mais marcados são justamente aqueles precedidos de SNs não marcados. Todos os outros fatores desfavorecem o uso de marcação em todos os elementos do SN, diferentemente da escrita, em que são neutros ou favorecedores.

É razoável supor que essa tendência se dê, na fala, por conta da própria percepção do falante. Ao notar o uso não padrão de CN em um SN anterior, o falante provavelmente monitora o discurso para contornar a possibilidade de repetição do desvio.

### 3.2.1.2 Gênero do informante

Outra variável selecionada, dessa vez extralinguística, para as duas modalidades é *gênero*. Seus índices de aplicação de marcas formais de plural foram organizados nas tabelas 24 e 25.

Tabela 24: Relação entre *gênero* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       | <b>PR</b>    |
|----------------|-------------------|--------------|
| Feminino       | 1311/1378 = 95.1% | 0.55         |
| Masculino      | 669/735 = 91.0%   | 0.40         |
| <b>TOTAL</b>   | 1980/2113 = 93.7% | 0.94 (Input) |

Significância 0.045

Tabela 25: Relação entre *gênero* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de fala

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>     | <b>PR</b>    |
|----------------|-----------------|--------------|
| Feminino       | 118/296 = 39.9% | 0.66         |
| Masculino      | 132/372 = 35.5% | 0.36         |
| <b>TOTAL</b>   | 250/668 = 37.4% | 0.67 (Input) |

Significância 0.010

Em conformidade com nossa hipótese, as mulheres usam mais a concordância de número do que os homens, favorecendo a aplicação de todas as marcas de plural e seguindo, dessa maneira, a norma de prestígio. Por outro lado, os homens desfavorecem a marcação em todos os elementos do SN, apesar de os percentuais de aplicação estarem muito próximos. Assim, podemos afirmar que, no que se refere à marcação de pluralidade no SN, principalmente na análise não-atomística, o fator *gênero* segue a tendência geral observada nos estudos sociolinguísticos, situação que se destaca, inclusive, pelos índices que, em termos de PRs mostram que as mulheres estariam propensas a aplicar em dobro a regra de concordância na variedade falada, se comparadas aos homens.

Os resultados da modalidade falada divergem dos resultados encontrados para a análise atomística, na qual as mulheres apresentam desfavorecimento em relação ao uso de marcação, e homens, favorecimento. Entretanto, é na análise não-atomística, isto é, quando se considera um SN como um todo, que se vê o uso de CN conforme prescrito pelas regras normativas. A gramática normativa prescreve o uso de marcação em todos os constituintes, o que se refere, nessa análise, ao uso da perspectiva não-atomística. Nesse sentido, é possível afirmar que, de acordo com as análises de Scherre (1988), os dados aqui examinados apontam para um grau maior de sensibilidade linguística das mulheres em direção ao uso padrão de CN.

### **3.2.1.3 Idade do informante**

A outra variável externa selecionada para ambas as modalidades foi a *idade*, cujos resultados se encontram nas tabelas 26 e 27, que tratam respectivamente dos dados de escrita e fala.



Tabela 26: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de escrita

| Fatores      | Freq              | PR           |
|--------------|-------------------|--------------|
| 10 anos      | 27/29 = 93.1%     | 0.63         |
| 11 anos      | 315/340 = 92.6%   | 0.60         |
| 12 anos      | 491/518 = 94.8%   | 0.56         |
| 13 anos      | 451/474 = 95.1%   | 0.60         |
| 14 anos      | 512/556 = 92.1%   | 0.33         |
| 15 anos      | 184/196 = 93.9%   | 0.35         |
| <b>TOTAL</b> | 1980/2113 = 93.7% | 0.94 (Input) |

Significância 0.045

Tabela 27: Relação entre *idade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de fala

| Fatores      | Freq            | PR           |
|--------------|-----------------|--------------|
| 10 anos      | --              | --           |
| 11 anos      | 71/117 = 17.5%  | 0.24         |
| 12 anos      | 40/46 = 87.0%   | 0.07         |
| 13 anos      | --              | --           |
| 14 anos      | 115/280 = 41.1% | 0.36         |
| 15 anos      | 24/225 = 10.7%  | 0.85         |
| <b>TOTAL</b> | 250/668 = 37.4% | 0.67 (Input) |

Significância 0.010

Gráfico 17: Relação entre *idade* e marcação de pluralidade na perspectiva não-atômística dos dados de escrita

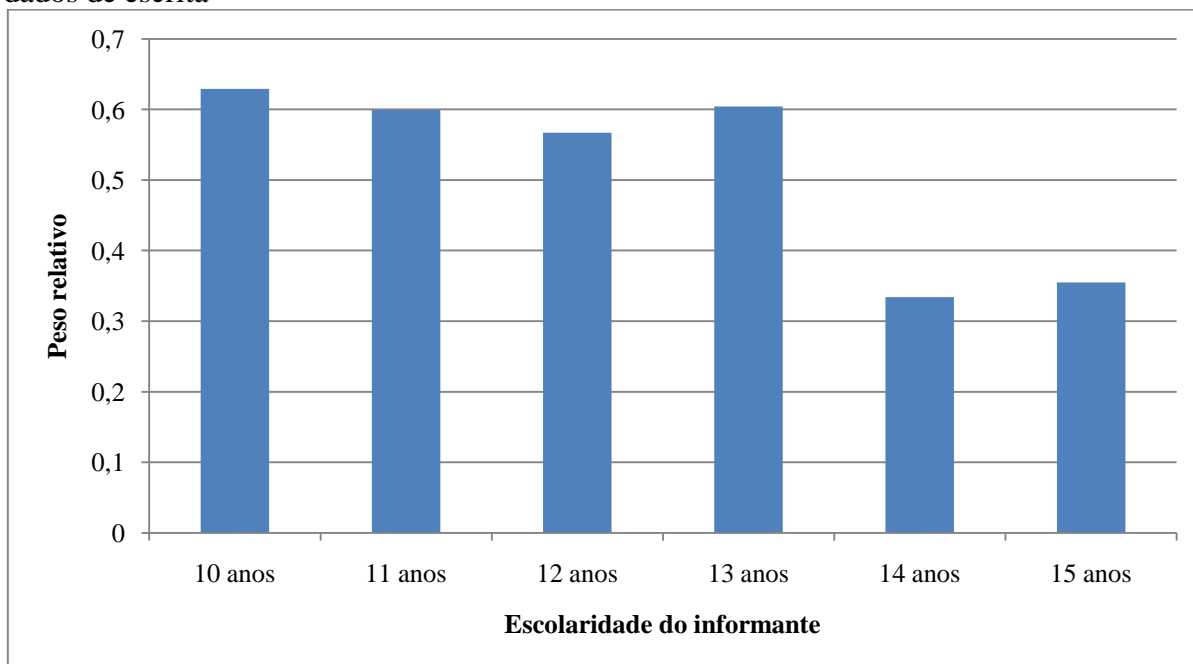
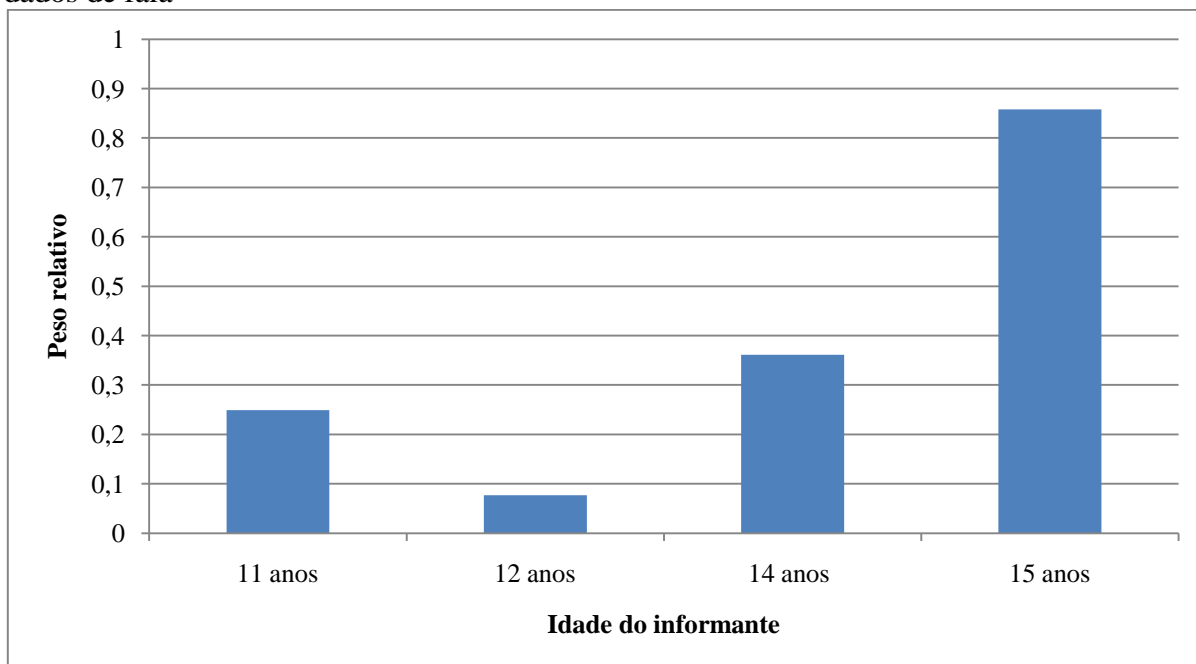


Gráfico 18: Relação entre *idade* e marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de fala



Infelizmente, como já mencionado, nossos dados de língua falada não contam com informantes de todas as faixas etárias incluídas na análise da escrita. Entretanto, chama a atenção nos gráficos acima dispostos não apenas a grande diferença de valores entre os dados de fala e escrita, mas também uma tendência em oposição.

Enquanto a escrita dispõe de valores praticamente idênticos e favorecedores do uso de CN entre os informantes de 10 a 13 anos, a fala concentra nos informantes de 11 e 12 anos o espaço de menor incidência de concordância. Também distinto é o comportamento dos informantes de 15 anos, cujos resultados desfavorecem a marcação padrão na escrita, favorecendo-a, entretanto, na fala.

Ressalte-se, todavia, que só contamos, na fala, com um informante de 15 anos, situação que insiste na dedução de uma tendência individual, que talvez não se reflita no nível dialetal. O único espaço favorável para valores bastante próximos nas duas modalidades é o que compreende a faixa dos 14 anos, justamente a que o *cópus* Iboruna dispõe de maior representatividade (três). Tais diferenças demonstram que fala e escrita sofrem a influência do

mesmo grupo de fatores, mas cada qual a seu modo, no que se refere à marcação de plural no SN.

Chama a atenção, ainda, a queda brusca nos dados de escrita entre os informantes de 13 e 14 anos de idade (de 0.60 para 0.33), o que implica ir do favorecimento ao desfavorecimento de uso da regra de concordância nominal no SN, já que entre 10 e 13 anos e 14 e 15 anos os valores são bastante próximos. Esses dados comprovam que uma mesma faixa etária revela diferenças significativas no uso de concordância nominal na escrita.

Similarmente, os resultados da análise não-atomística, assim como os da atomística, permitem afirmar que a escrita da fase pré-adolescente, principalmente entre 10 e 12 anos, adere às normas prescritas pelo ensino. Entretanto, conforme a idade avança, o desempenho escrito é inversamente proporcional ao acréscimo de maturidade.

Para a fala, por outro lado, os informantes de 11, 12 e 14 anos mostram-se todos desfavoráveis ao uso da marcação padrão de pluralidade. O único fator favorável à marcação nessa modalidade se verifica no comportamento do informante com 15 anos. Vale lembrar, entretanto, que é justamente essa faixa de idade que dispõe de apenas um informante. Por isso, não é possível tirar conclusões seguras dessa tendência em nível dialetal. Mesmo assim, é possível supor que, por representar um estilo mais livre e menos formal e estar desvinculada, em seu contexto, do sistema escolar (diferentemente do que acontece com os dados de escrita), a fala permite que o vernáculo do informante se revele tal como é, o que permite entrever, em grande parte dos dados, um uso de marcação não-padrão no SN. Vale também lembrar que o *cópus* de língua falada tenta sempre reproduzir um estilo informal da língua e, nesse caso, a estigmatização de certos usos em desacordo com as normas prescritivas não parece tão gravemente interpretada como o é para dados de escrita. Por isso, é possível deduzir que o falante acaba por empregar um registro menos cuidadoso, ou seja, uma variante

alternativa com menor grau de atenção à forma (LABOV, 1972), situação que pode se dar mais ou menos inconscientemente.

Descritas as três variáveis selecionadas tanto para os dados de fala quanto para os dados de escrita, resta-nos descrever as variáveis selecionadas para apenas uma das modalidades.

### 3.2.2 Análise dos grupos de fatores selecionados para uma das modalidades

#### 3.2.2.1 Modalidade escrita

*Coesão sintagmática* foi selecionada apenas para os dados de escrita e seus valores de aplicação de todas as marcas de plural estão na tabela 28.

Tabela 28: Relação entre *coesão sintagmática do SN* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores                    | Freq              | PR           |
|----------------------------|-------------------|--------------|
| Sem elemento interveniente | 1952/2076 = 94.0% | 0.50         |
| Com elemento interveniente | 28/37 = 75.7%     | 0.18         |
| <b>TOTAL</b>               | 1980/2113 = 3.7%  | 0.94 (Input) |

Significância: 0.035

Os pesos relativos indicam que um SN sem elemento interveniente favorece muito mais a inserção de todas as marcas de plural do que um SN com elemento interveniente, apesar de a marcação de plural não chegar a ser favorecida no contexto de SNs sem elemento interveniente. É verdadeiro, no entanto, que a redução de coesão interna é fator desfavorecedor de marcação em pelo menos um elemento do SN. Vejamos alguns exemplos desses dados.

(81) *Eu e meu namorado passou 8 dias muito bom (CCC, 7C, P6)*

(82) *(...) alende isto havia muitas picinas bem funda (SSC, 5B, P6)*

No caso dos exemplos acima, os intensificadores *muito* e *bem* contribuem para que o constituinte seguinte não venha marcado formalmente na medida em que rompem a ligação entre os elementos anteriores e posteriores a eles.

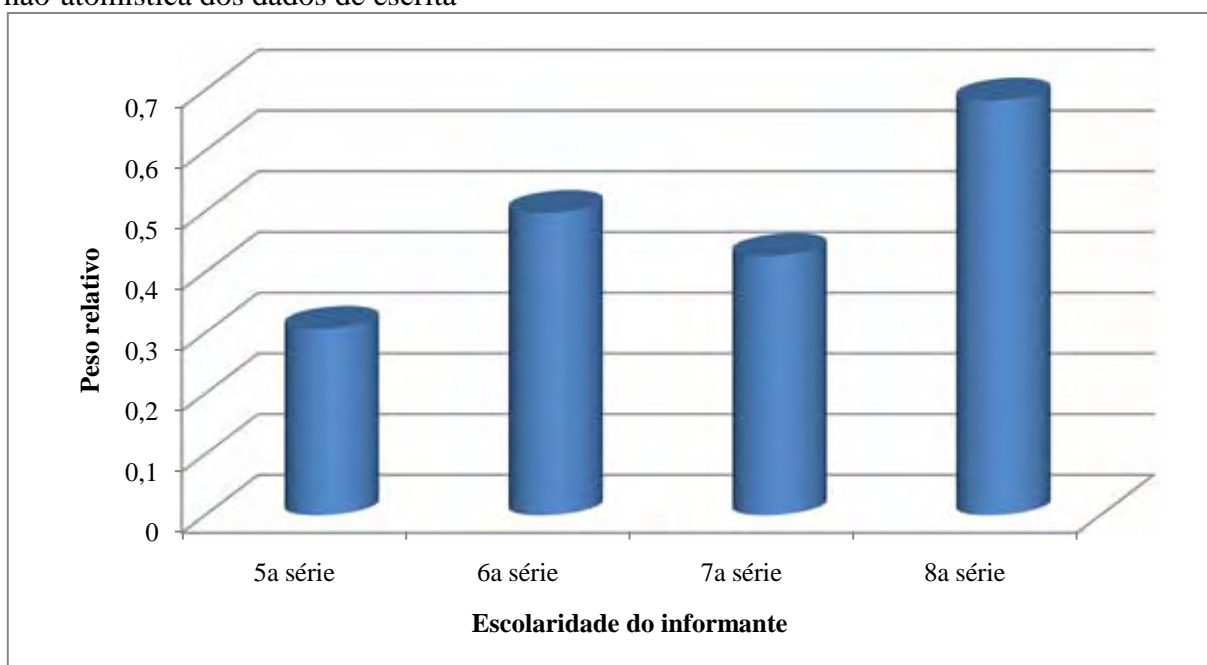
O outro grupo de fatores selecionado para a escrita, justamente por ser exclusivo dessa modalidade, é *escolaridade*, relevante também na perspectiva atomística dos dados. Os resultados estão dispostos na tabela 29 e no gráfico 19, abaixo.

Tabela 29: Relação entre *escolaridade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita

| Fatores      | Freq              | PR           |
|--------------|-------------------|--------------|
| 5ª série     | 380/414 = 91.8%   | 0.30         |
| 6ª série     | 474/496 = 95.6%   | 0.49         |
| 7ª série     | 506/550 = 92.0%   | 0.42         |
| 8ª série     | 630/653 = 94.9%   | 0.68         |
| <b>TOTAL</b> | 1980/2113 = 93.7% | 0.94 (Input) |

Significância 0.045

Gráfico 19: Relação entre *escolaridade* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita



O gráfico 19 mostra um acréscimo no uso de concordância nominal no SN pelos informantes da 6ª série em comparação aos da 5ª. Entretanto, os de 7ª série não obedecem à

progressão esperada, já que há uma queda no uso da regra. Os informantes de 8ª série, que representam o grau mais elevado de escolaridade são os que, de acordo com esses resultados, mais usam a concordância nominal conforme prescrita pelas regras normativas. Há um acréscimo bastante acentuado entre a 7ª e 8ª séries.

É necessário destacar que, em termos de PRs, o *Goldvarb* indica que a regra é favorecida apenas pela 8ª série; as outras séries mostram índices desfavorecedores. Essa distribuição parece indicar que os anos de escolaridade provocam um efeito tardio de apreensão de regra. Isso se dá, provavelmente, porque as gramáticas pedagógicas não tratam das formas de plural com a especificação dos fatores aqui discutidos e, em geral, martelam sempre as regras já conhecidas, como substantivos terminados em vogal, acréscimo de –s, substantivos terminados em –s, –r, acréscimo de –es, etc.

Vale a pena destacar a discrepância existente entre o comportamento dos informantes com maior maturidade e o dos informantes com maior escolaridade. Em geral, a seriação ideal indica haver uma relação proporcionalmente direta entre maturidade e escolaridade, situação que os resultados parecem desmentir. É necessário, pois, cruzar esses dois grupos de fatores, o que só é possível para os dados de escrita, para descobrir onde se situa essa discrepância.

Uma explicação plausível para essa discrepância pode se assentar no fato de que o registro oral deve manifestar mais claramente a norma objetiva e a modalidade escrita, mais claramente a norma subjetiva. Nesse caso, é possível que o registro oral dos informantes mais maduros favoreça a marcação, mas algum gesto identitário, em oposição às normas da escola, possa indicar uma baixa adesão a regras de natureza prescritiva na modalidade escrita que, por serem linguísticas, expressam um conflito de valores, que começa a se manifestar nesse grupo mais maduro.

Observemos, então, a tabela 30, que apresenta os percentuais, já que novamente o cruzamento entre *idade* e *escolaridade* não foi selecionado em várias tentativas de processamento dessas variáveis.

Tabela 30: Cruzamento das variáveis *idade X escolaridade* e a marcação de pluralidade na perspectiva não-atomística

| Escolaridade   | 5ª série      | 6ª série      | 7ª série      | 8ª série      |
|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Idade          | Freq          | Freq          | Freq          | Freq          |
| <b>10 anos</b> | 27/29 = 93%   | 0             | 0             | 0             |
| <b>11 anos</b> | 266/288 = 92% | 49/52 = 94%   | 0             | 0             |
| <b>12 anos</b> | 81/90 = 90%   | 349/365 = 96% | 61/63 = 97%   | 0             |
| <b>13 anos</b> | 6/7 = 86%     | 76/79 = 96%   | 324/343 = 94% | 45/45 = 100%  |
| <b>14 anos</b> | 0             | 0             | 104/126 = 82% | 408/430 = 95% |
| <b>15 anos</b> | 0             | 0             | 17/18 = 94%   | 167/178 = 94% |
| <b>TOTAL</b>   | 380/414 = 92% | 474/496 = 95% | 506/550 = 92% | 620/653 = 95% |

O cruzamento entre essas duas variáveis mostra que os informantes das faixas etárias mais baixas correspondentes a cada série tendem a usar mais a regra de CN. Exceção a esse comportamento são os informantes de 11 anos da 6ª série, que fazem menos concordância que os de 12 e 13 anos. Todos os demais seguem mais regularmente a regra se estão numa seriação idealmente compatível com idade. Uma explicação plausível para essa discrepância pode estar na possibilidade de alunos mais maduros de cada série serem repetentes ou sofrerem algum tipo de preconceito por conta de sua idade.

Apesar dessa tendência, não se pode dizer que exista diferença muito significativa entre as células do cruzamento, já que apenas duas delas estão abaixo de 90% (informantes de 13 anos na 5ª série e informantes de 14 anos na 7ª série).

Nessa rodada realizada com os dados de escrita, restam como não selecionados pelo *Goldvarb* os seguintes grupos de fatores: (i) localização do SN em relação ao verbo ou à oração; (ii) formalidade do SN; e (iii) proposta de redação. Todos os fatores de cada um desses grupos apresentam altos índices de marcação, superiores a 90% e, portanto, sem

diferença significativa, o que explica sua exclusão dentre os grupos relevantes estatisticamente (as tabelas referentes aos índices percentuais dos grupos de fatores não selecionados estão disponíveis no Anexo B)

Quanto ao grupo de fatores *proposta de redação*, para o qual esperávamos observar um acréscimo no uso de SN em direção à última redação composta no ano letivo, o decréscimo se dá em quase todas as séries analisadas. Exceção é a 5ª série que apresenta ligeiro aumento, tanto em termos percentuais como em termos de PR, da primeira para a última proposta. Entretanto, nenhuma das propostas dessa série chega a favorecer o uso de marcação, já que os PRs estão abaixo de 0.5. A série que apresenta maior queda em termos de PR é a 7ª, que passa de 0.64 na primeira proposta para 0.36 na última proposta, indo do favorecimento ao desfavorecimento do uso de marcação.

### 3.2.2.2 Modalidade oral

Além das três variáveis selecionadas apresentadas anteriormente, contamos também com a seleção da variável *formalidade do SN* nos dados de fala. É relevante assinalar que, também na análise atomística, esse grupo de fatores foi selecionado, o que aponta para sua relevância na explicação da marcação de pluralidade, em ambas as perspectivas. Vejam seus resultados, organizados na tabela 31.

Tabela 31: Relação entre *formalidade do SN* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores      | Freq            | PR           |
|--------------|-----------------|--------------|
| Formal       | 206/530 = 38.9% | 0.46         |
| Informal     | 44/138 = 31.9%  | 0.62         |
| <b>TOTAL</b> | 250/668 = 37.4% | 0.67 (Input) |

Significância 0.010

Contrariando nossa hipótese inicial, o grupo de fatores *formalidade do SN* apresenta uma tendência maior à concordância quando algum elemento do SN contém o traço de



informalidade, como mostra o exemplo (83). O fator não informal, exemplificado em (84), se mostrou neutro em relação à aplicação da regra prescritiva.

(83) *no futuro... vai ter  **muitas coisas eletrônicas**  muito mais do que tem hoje (IBORUNA, AC011, L245-246)*

(84) *ele vai lá conversa com  **meus primo**  né? (IBORUNA, AC015, L455-456)*

É possível concluir, entretanto, que as variáveis  *formalidade do SN*  e  *formalidade dos substantivos e adjetivos*  desempenham um importante papel no estudo da variação de pluralidade no SN. Isso leva a crer que o ensino deve preocupar-se mais com esses tipos mais específicos de marcação de número do que com as regras gerais de formação do plural. Além disso, esse grupo de fatores deve ser submetido a análises de fenômenos de concordância em outras variedades, visto que, de todas as pesquisas que tomamos por base, somente lidam com ela os trabalhos de Scherre (1988) e de Campos e Rodrigues (2002).

Para a modalidade falada, não foram selecionados dois grupos de fatores de natureza interna: (i) localização do SN em relação ao verbo ou à oração e (ii) coesão sintagmática do SN. A não seleção desses grupos provavelmente está vinculada à proximidade entre os percentuais de aplicação da regra, todos abaixo de 50% (as tabelas referentes aos índices percentuais dos grupos de fatores não selecionados estão disponíveis no Anexo B).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de diferentes variáveis, tanto internas quanto externas à língua, levou a resultados relevantes no que se refere à marcação de pluralidade no SN. Trabalhar com dois corpúsculos de características distintas revelou-se, também, particularmente interessante, na medida em que foi possível observar, efetivamente, diferenças e semelhanças entre os registros de língua falada e escrita de indivíduos dentro de uma mesma faixa etária, tomada em muitas pesquisas como uniforme.

Por ser a variação na marcação de pluralidade no SN um caso de variação estável, já que não se trata da implementação de uma variável em detrimento de outra, mas de variantes distribuídas em tempo aparente, procuramos descrever que grupos de fatores se mostram mais significativos no condicionamento do uso de marcação de pluralidade em favor da gramática normativa ou contrário a ela. Sendo assim, observamos ser possível prever alguns contextos, tanto linguística quanto socialmente, em que a variação é mais provável de ocorrer.

Nesse sentido, ao trabalharmos com corpúsculos representativos de língua falada e de língua escrita, verificamos em que extensão são razoáveis as palavras de Mollica: “Está provado que a escrita é uma força padronizadora e que a escola é seu espaço agenciador” (MOLLICA, 1996, p.162). Assim, observamos, nas duas rodadas gerais dos dados (perspectiva atomística e perspectiva não-atomística) que o primeiro grupo de fatores selecionado foi justamente *modalidade*. E, para ele, observamos índices de favorecimento de marcação para a escrita e de desfavorecimento para a modalidade falada.

Na análise atomística, por terem sido selecionadas para as duas modalidades, as variáveis mais importantes para explicar a presença de marcas nos constituintes do SN foram *idade*, *gênero* e *posição linear e classe gramatical*. O grupo de fatores *posição linear e classe gramatical* confirma, em geral, que classes antepostas ao núcleo são mais marcadas que

classes pospostas e ele. Também o constituinte nuclear é mais marcado quanto mais à esquerda do SN.

Com relação às variáveis extralinguísticas, para a modalidade escrita, os índices encontrados para *gênero* mostram que as mulheres fazem mais concordância que os homens, por serem possivelmente mais sensíveis à variante de prestígio. Na fala, por sua vez, as mulheres mostram menor incidência de marcação que os homens, fato justificável com base na maior quantidade de dados produzidos por informantes de 14 anos, que influenciam negativamente a marcação.

Os resultados da variável *idade* apontam para evidências bastante interessantes, já que revelam um desfavorecimento da regra pelos falantes a partir de 14 anos, justamente a faixa em que, segundo Labov (1974), o indivíduo passa a dispor de percepção social. É essa habilidade que permite ao adolescente, além de reconhecer as características linguísticas e sociais de seus pares, a opção por uma das formas em variação, que pode ser a não-padrão, mesmo em situações formais, o que implica, nesse caso, em uma recusa por aderir às regras normativas impostas pela escola.

Conforme já mencionado, um dos motivos dessa recusa pode estar numa relação conflituosa entre os valores inculcados pelo sistema escolar com a adoção da norma prescritiva nas aulas de língua portuguesa, e os valores culturais que o adolescente herda de sua própria comunidade, dentre os quais os relacionados ao próprio vernáculo. Esse conflito de sistemas de valores torna o adolescente consciente dos valores positivos emanados de seu vernáculo, mas também possivelmente resistente à aquisição da norma padrão.

Por outro lado, os falantes de 10 a 13 anos, em ambas as modalidades e também os de 14 anos na modalidade oral, aceitam mais facilmente as normas cultivadas pela escola, observando mais atentamente a marcação dos constituintes no SN, talvez justamente por não estarem ainda totalmente dotados da capacidade de perceber o significado social de

determinadas variantes e, assim, aceitar mais prontamente as regras prescritivas inculcadas por seus professores.

Se essas especulações forem verdadeiras, não resta dúvida de que o sistema escolar ainda precisa se ajustar a essas diferenças culturais, o que, em nossa opinião, implicaria reconhecer os valores culturais do vernáculo adotado pelo educando, ser tolerante para com a variação dele decorrente e, sem dúvida alguma, dela partir para acrescentar, não repor ou substituir, os valores da norma culta.

Nos dados analisados para a perspectiva não-atomística, as variáveis selecionadas para ambas as modalidades foram: *pluralidade do contexto*, *gênero* e *idade*. Para o fator extralinguístico *gênero*, as mulheres revelam-se mais atentas às normas de prestígio. Quanto à *idade*, os falantes de 14 e 15 anos mostram-se os menos favoráveis ao uso da marcação em todos os constituintes do SN na modalidade escrita. Sendo assim, é possível supor que os adolescentes dessa faixa etária manifestam rebeldia contra as normas prescritas pela escola, visto que adquirir as regras de CN não os exime, mesmo assim, de distanciar-se de seu vernáculo em busca de uma possível mobilidade social ascendente.

Acreditamos, finalmente, que essa descrição das variáveis que influenciam a marcação de pluralidade no SN, na fala e na escrita, possa contribuir como uma reflexão a respeito das situações que devem ser objeto do trabalho mais cuidadoso da escola. Foi possível perceber, também, que os fatores condicionadores nem sempre são os mesmos para as modalidades escrita e falada; na realidade, eles possivelmente se estendem a outros registros distintos dessas duas modalidades.

A análise desenvolvida sugere que não basta a escola trabalhar apenas as regras tradicionalmente adotadas de formação do plural, seguidas pelas habituais prescrições que envolvem um adjetivo para dois substantivos ou dois adjetivos para um substantivo. Deve-se, sobretudo, atentar para outros fatores não cultivados regularmente pelo ensino, como *posição*

*linear e classe gramatical, formalidade dos substantivos e adjetivos, coesão sintagmática.*

Como lidar com esses fatores na prática parece ser ainda uma incógnita, mas certamente, os próprios textos que os alunos produzem diariamente devem conter muitos casos exemplares que serviriam para dar início a um tratamento em que esses fatores estivessem presentes.

Para tanto, seria aconselhável que os professores, não somente os de língua materna, mas todos os demais, se desvinculassem de noções preconcebidas e, como tais, preconceituosas sobre o saber linguístico do educando. A prática do “certo” e do “errado” há muito condenada pela Linguística e, mais especificamente, pela Sociolinguística, ainda persiste como uma verdadeira erva daninha, a despeito mesmo das instruções contidas nos PCNs. Mais do que nunca, está válido o princípio de que cabe ao aluno conhecer as variantes disponíveis e o grau de adequação delas às diferentes situações de interação.

É necessário, assim, que a posição do sistema escolar seja suficientemente aberta para admitir as normas do vernáculo que os alunos trazem para a situação de ensino e, a partir dela, propor as alternativas próprias da norma culta. Além de lograr o êxito desejável no ensino da língua materna, assumir essa posição pode dar uma contribuição efetiva para a mobilidade social dos alunos, principalmente para que os provenientes de classes menos favorecidas se sintam mais confortáveis no espaço escolar e possam, finalmente, almejar um percurso ascendente que o aprendizado da variedade culta é capaz de proporcionar.

## ANEXO A – Resultados de variáveis não selecionadas na perspectiva atomística

Tabela 32: Relação entre *processos morfofonológicos da formação de plural* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores   | Freq              |
|---|-------------------|
| Plural duplo (ovo/ovos)                                     | 61/62 = 98.4%     |
| Plural irregular de palavras terminadas em L (casal/casais) | 63/71 = 88.7%     |
| Plural de palavras terminadas em ãO (avião/aviões)          | 31/33 = 93.9%     |
| Plural de palavras terminadas em R (cor/cores)              | 96/97 = 99.0%     |
| Plural de palavras terminadas em S (país/países)            | 59/61 = 96.7%     |
| Plural regular (casa/casas)                                 | 3565/3701 = 96.3% |
| <b>TOTAL</b>  | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 33: Relação entre *processos morfofonológicos da formação de plural* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores   | Freq             |
|---|------------------|
| Plural duplo (ovo/ovos)                                     | 4/6 = 66.7%      |
| Plural irregular de palavras terminadas em L (casal/casais) | 6/18 = 33.3%     |
| Plural de palavras terminadas em ãO (avião/aviões)          | 2/9 = 22.2%      |
| Plural de palavras terminadas em R (cor/cores)              | 11/47 = 23.4%    |
| Plural de palavras terminadas em S (país/países)            | 11/15 = 73.3%    |
| Plural regular (casa/casas)                                 | 769/1150 = 92.4% |
| <b>TOTAL</b>  | 803/1245 = 64.5% |

Tabela 34: Relação entre *tonicidade do item lexical singular* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores                         | Freq              |
|---------------------------------|-------------------|
| Oxítonas e monossílabos tônicos | 496/519 = 95.6%   |
| Paroxítonas                     | 2470/2572 = 96.0% |
| Proparoxítonas                  | 38/42 = 90.5%     |
| Monossílabos átonos             | 871/892 = 97.6%   |
| <b>TOTAL</b>                    | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 35: Relação entre *tonicidade do item lexical singular* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores                         | Freq             |
|---------------------------------|------------------|
| Oxítonas e monossílabos tônicos | 53/113 = 46.9%   |
| Paroxítonas                     | 384/744 = 51.6%  |
| Proparoxítonas                  | 10/29 = 34.5%    |
| Monossílabos átonos             | 356/359 = 99.2%  |
| <b>TOTAL</b>                    | 803/1245 = 64.5% |

Tabela 36: Relação entre *contexto fonético/fonológico seguinte* e a marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       |
|----------------|-------------------|
| Vogal          | 936/971 = 96.4%   |
| Consoante      | 2235/2319 = 96.4% |
| Pausa          | 704/735 = 95.8%   |
| <b>TOTAL</b>   | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 37: Relação entre *contexto fonético/fonológico seguinte* e a marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>      |
|----------------|------------------|
| Vogal          | 186/275 = 67.6%  |
| Consoante      | 540/795 = 67.9%  |
| Pausa          | 77/175 = 44.0%   |
| <b>TOTAL</b>   | 803/1245 = 64.5% |

Tabela 38: Relação entre *número de sílabas do item lexical singular* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| <b>Fatores</b>       | <b>Freq</b>       |
|----------------------|-------------------|
| Uma sílaba           | 1144/1175 = 97.4% |
| Duas sílabas         | 1738/1799 = 96.6% |
| Três sílabas ou mais | 993/1051 = 94.5%  |
| <b>TOTAL</b>         | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 39: Relação entre *marcas precedentes ao elemento analisado* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| <b>Fatores</b>   | <b>Freq</b>       |
|--|-------------------|
| Ausência de elemento precedente (primeira posição)   | 1540/1583 = 97.3% |
| Zero formal na primeira posição  | 31/31 = 100%      |
| Numeral na primeira posição  | 483/505 = 95.6%   |
| Marca formal de plural na primeira posição   | 1397/1443 = 96.8% |
| Marca formal de plural na segunda posição: presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o elemento analisado na terceira, quarta ou quinta posição                                       | 265/285 = 93.0%   |
| Núcleo mais alto com marca de plural: núcleo semântico no plural e/ou SPs no plural  | 1/1 = 100%        |
| Núcleo mais alto no singular   | 30/30 = 100%      |
| Mistura de marcas: envolve presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediado por zero em elemento que admite marca                                  | 54/58 = 93.1%     |
| Zero formal a partir da primeira posição: entre a última marca formal e o elemento analisado, há pelo menos um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou por um modificador | 136/151 = 90.1%   |
| <b>TOTAL</b>   | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 40: Relação entre *proposta de redação* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva atomística dos dados de escrita

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>       |
|----------------|-------------------|
| Proposta 1     | 1561/1608 = 97.1% |
| Proposta 6     | 2314/2417 = 95.7% |
| <b>TOTAL</b>   | 3875/4025 = 96.3% |

Tabela 41: Relação entre *formalidade dos substantivos e adjetivos* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| <b>Fatores</b> | <b>Freq</b>     |
|----------------|-----------------|
| Formal         | 223/564 = 39.5% |
| Informal       | 41/127 = 32.3%  |
| <b>TOTAL</b>   | 264/691 = 38.2% |



## ANEXO B – Resultados de variáveis não selecionadas na perspectiva não-atomística

Tabela 42: Relação entre *localização do SN em relação ao verbo ou à oração* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores                               | Freq              |
|---------------------------------------|-------------------|
| Localização do SN à esquerda do verbo | 414/437 = 94.7%   |
| Localização do SN à direita do verbo  | 1411/1508 = 93.6% |
| Localização indistinta                | 155/168 = 92.3%   |
| <b>TOTAL</b>                          | 1980/2113 = 93.7% |

Tabela 43: Relação entre *localização do SN em relação ao verbo ou à oração* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores                               | Freq            |
|---------------------------------------|-----------------|
| Localização do SN à esquerda do verbo | 46/163 = 28.2%  |
| Localização do SN à direita do verbo  | 190/466 = 40.8% |
| Localização indistinta                | 14/39 = 35.9%   |
| <b>TOTAL</b>                          | 250/668 = 37.4% |

Tabela 44: Relação entre *formalidade do SN* e marcação explícita de pluralidade nos dados de escrita

| Fatores      | Freq              |
|--------------|-------------------|
| Formal       | 1773/1885 = 89.2% |
| Informal     | 207/228 = 90.8%   |
| <b>TOTAL</b> | 1980/2113 = 93.7% |

Tabela 45: Relação entre *proposta de redação* e marcação explícita de pluralidade na perspectiva não-atomística dos dados de escrita

| Fatores      | Freq              |
|--------------|-------------------|
| Proposta 1   | 851/894 = 95.2%   |
| Proposta 6   | 1129/1219 = 92.6% |
| <b>TOTAL</b> | 1980/2113 = 93.7% |

Tabela 46: Relação entre *coesão sintagmática do SN* e marcação explícita de pluralidade nos dados de fala

| Fatores                    | Freq            |
|----------------------------|-----------------|
| Sem elemento interveniente | 248/664 = 37.3% |
| Com elemento interveniente | 2/4 = 50.0%     |
| <b>TOTAL</b>               | 250/668 = 37.4% |

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T.M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, M. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BRAGA, Maria Luiza. *A Concordância de número no sintagma nominal notriângulo mineiro*. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1977. 88p. mimeo
- BRANDÃO, S.F. Concordância nominal. In: VIEIRA, S.R., BRANDÃO, S.F. (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRIGHT, W. Dialeto social e história da linguagem. In: FONSECA, M.S.V. & NEVES, M.F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.
- CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S.R., BRANDÃO, S.F. (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA* [online]. 1998, vol.14, n.spe, pp. 00-00. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44501998000300006.
- CAMACHO, R.G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*. São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993.
- CAMACHO, R.G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C., ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro. Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p.55-65.

- CAMPOS, O.G.L.A.S.; RODRIGUES, A.C.S. Flexão nominal: indicação de pluralidade no sintagma nominal. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, v.2: Níveis de análise linguística.
- CASEMIRO, S. P. *A escrita na 5ª Série do 1º Grau: Uma Abordagem Interacionista*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras: Área de Filologia e Linguística Portuguesa da UNESP, campus de Assis, 1995.
- CORRÊA, M.L.G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1971.
- CUNHA, C., CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, C.A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FIAMENGUI, A.H.R. *Motivações formais da marcação de pluralidade no SN na função de sujeito e complemento*. Relatório Final de Iniciação Científica submetido à FAPESP, 2007 (não-publicado).
- GARCÍA, E.C. Shifting variation. *Lingua*, v. 67, p. 189-224, 1985.
- GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: Carles Li Ed. *Subject and Topic*. New York, Academic Press, 1976.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.O.; VALE, O. A. *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008, p.217-245.
- GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). *Gragoatá*. n. 25, p. 149-164, 2008.

- GUY, G.R. Parallel Variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, David. & CEDERGREN, Henrietta. (eds.). *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Inc., 1981. p.85-93.
- KIPARSKY, P. Explanation in phonology. In: PETERS, S. (ed.) *Goals of linguistic theory*. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1972, p. 189-227.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. e Neves, M. (org.). *Sociolinguística*. Tradução de Elba Ioli Souto. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, v. 44, 1978.
- LABOV, W. The overestimation of functionalism. In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds.). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 311-32.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol 1: Internal factors. Oxford/Cambridge: Basil Blackwell, 1994.
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*. v. 7, p. 171-182, 1978.
- LIMA, Wagner Ferreira. A variação da concordância verbal em textos escolares escritos. In: *Alfa*. São Paulo, 45: 97-113, 2001.
- LUCCHESI, D.; LOBO, T. Gramática e ideologia. *Sitientibus*, 5/8, 1988, p.73-81.
- MARCUSCHI, L.A. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, p.15-43.
- MOLLICA, M.C. Variação, mudança e escrita. In: CARDOSO, S. A.M. (org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- MOLLICA, M.C. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

- NARO, A.J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, 57 (1), 1981, p.63-98.
- NARO, A.J & LEMLE, M. Syntactic diffusion. *Ciência e Cultura*. V. 29, n. 3, 1977, p. 259-68.
- PAIVA, M. da C. A. de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Gisele Machline de. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.219-236, 1996.
- PARISOTTO, Ana Luiza Videira. *Variação de pluralidade no SN e o ensino da variedade padrão*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras: Área de Filologia e Linguística Portuguesa da UNESP, campus de Assis, 1999.
- POPLACK, S. Deletion and disambiguation in Puerto Rican Spanish. *Language*. Baltimore, v. 56, n.2, 1980, p. 371-85.
- ROMAINE, S. The status of variable rules in sociolinguistic theory. *Journal of Linguistics*. v. 17, p. 93-119, 1981.
- SACCONI, L.A. *Nossa gramática: teoria e prática*. 28 ed. São Paulo: Harbra, 2004.
- SALOMÃO, M.H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto* (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini et all. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SCHERRE, M.M.P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 555 p. (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.
- SCHERRE, M.M.P. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*. Porto Alegre. v.5, n.17, 1991
- SCHERRE, M.M.P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37- 9 dez. de 1994.

- SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: OLIVEIRA E SILVA, SCHERRE, M.M .P. (orgs.) In: *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a, p. 85-118.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA E SILVA, SCHERRE, M.M .P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b, p. 239-264.
- SCHERRE, M. M. P. Sobre a Influência de três Variáveis Relacionadas na Concordância Nominal em Português. In: SCHERRE, M. M P. & SILVA, G. M. de O e. (orgs) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhos de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, v.9, n, 1, p. 01-14, 1993.
- SCHERRE, M.M.P & NARO, A.J. Concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997, p.93-114.
- SCHERRE, M.M.P & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (org.). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*. v. 9, n. 18, p. 109-131, 2006.
- SILVA, Giselle Machline de O. e. Escolarização. In: CARDOSO, S. A.M. (org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- TAGLIAMONTE, S. A.; ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001

TENANI, L.E. *Aspectos segmentais e prosódicos da escrita de crianças e adolescentes: evidências de relações entre enunciados falados e escritos*. Projeto de pesquisa apresentado à FAPESP, 2009.

TENANI, L.E. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. *Cadernos de educação*. Pelotas, RS: UFPel. n. 35, p.247-269. jan-abr 2010. Quadrimestral. Disponível em: [www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n35/09.pdf](http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n35/09.pdf). Acesso em: 10 dez 2010.

TERRELL, T. Functional constraints on deletion of word-final /s/ in Cuban Spanish. *BLS*, v.1, 1975, p. 431-7.

VOTRE, S., OLIVEIRA, M.R. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Economia de São José do Rio Preto. Disponível em: <<http://www.redebomdia.com.br/Noticias/Economia/39656/+Rio+Preto+e+a+59%26ordf;+economia+do+pais>>. Acesso em 10 dez 2010.

História de São José do Rio Preto. Disponível em: <[http://www.saojosedoriopreto.org/historia\\_sao\\_jose\\_rio\\_preto.php](http://www.saojosedoriopreto.org/historia_sao_jose_rio_preto.php)>. Acesso em 10 dez 2010.

Autorizo a reprodução xerográfica a fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 29 de março de 2011

ANA HELENA RUFO FIAMENGUI